

O
PREÇO
DA
VERDADE

LETY FRIEDERICH



**O
PREÇO
DA
VERDADE**
LETY FRIEDERICH

Copyright © 2020 Lety Friederich

Capa: Thais Alves

Revisão e Diagramação: Carla Santos

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a permissão da autora.



SUMÁRIO

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Epílogo

Agradecimientos

Biografía

Obras



CAPÍTULO 1

— Suzy, para! — gritei, enquanto ela não parava de me insultar para ir falar com um homem que não parava de nos olhar. Na verdade, ele e todos os seus quatro amigos.

Estávamos na praia, a tarde estava ensolarada e há dias que não nos víamos. A vida adulta trouxe responsabilidades e com isso, mais trabalho, menos dinheiro e menos amigos. Como fui iludida achando que, aos 18 anos, teria liberdade... Agora eu tinha 19 e trabalhava muito! Em partes, era por uma boa causa. Nós ajudávamos nossos pais e guardávamos dinheiro para uma viagem que faríamos no final do ano aos Estados Unidos. Pelo menos, o visto nós três já tínhamos: eu, Suzanna e Bianca. Elas eram duas amigas sem-vergonha, que não paravam de corresponder aos olhares dos homens que, provavelmente, eram gringos.

— Você fala pra eu parar de olhar, mas não tira os olhos deles!

Droga! Estive olhando esse tempo todo! Belisquei Suzanna e ela gritou alto meu nome, rindo.

De repente, um deles, o mais bonito — na minha humilde opinião —, começou a andar em nossa direção. Ele estava apenas vestido com uma sunga azul-escura, tinha o corpo bronzeado, pelo jeito era amante de praia, tinha um físico definido e... droga, ele era lindo! Seus cabelos, que tinham tons castanhos e loiros, e faziam um reflexo natural, estavam curtos e bagunçados. Ele chegou até nós com um sorriso maroto e sem-vergonha, que fez todos os pelos do meu corpo eriçarem. Graças a Deus eu estava sentada, caso contrário teria caído com as pernas moles. Se bem que, se ele me segurasse, não seria tão ruim. Um inglês claramente americano, juntamente com uma voz rouca e grossa, me fez ficar paralisada.

— Hum, Lara, tem como você responder o homem? Eu até responderia, mas ele não tira os olhos de você — Bianca sussurrou e despertei do meu pequeno devaneio. O homem sorriu com a minha falta de jeito.

— Desculpe, poderia repetir? — perguntei em inglês, olhando em seus olhos.

— Vocês querem jogar vôlei com a gente? Estamos precisando de três jogadoras.

Minhas amigas nem sequer esperaram eu dizer algo, já responderam “sim” em português mesmo e se levantaram. Elas não eram fluentes, nem eu, mas eu fiz um curso gratuito tempos atrás e todas nós andamos estudando para não passarmos aperto na viagem.

— A propósito, meu nome é Eric.

— Eu sou Lara. — Toquei sua mão, que estava esticada, esperando pela minha.

— Eu sei, escutei sua amiga gritando seu nome — ele comentou com um sorriso, piscando em seguida.

— Ela é um pouco... dramática.

— Eu escutei e entendi isso! — ela gritou, fingindo estar chateada.

Nos juntamos aos seus amigos, formamos dois times de quatro pessoas e começamos a jogar. Eric estava no time adversário, seus olhos não saíam de mim, e, honestamente, nem os meus dele. O sol estava escaldante, a partida não durou muito. Meu time perdeu, mas valeu a partida.

Eles nos chamaram para sentar com eles, compraram bebidas e porções. Em conversas aleatórias, percebi que comemoravam algo; curiosa, eu perguntei qual era o motivo e descobri que Eric e Toby, seu amigo, tinham acabado de se formar em mais uma graduação da academia naval dos Estados Unidos, da qual eu não entendia nada dos títulos e

patentes. Minhas amigas também não, mas foi suficiente para deixá-las ainda mais atiçadas para conhecê-los.

Eric tinha 25 anos e, pelo que contou, não pretendia parar os estudos por ali, queria fazer carreira na Marinha e, nossa, como eu admirava a paixão que via nos olhos dele ao falar da profissão.

Eu, como uma boa contadora de histórias — ao menos no *Wattpad* — comecei a imaginar o futuro dele. Minha mente dizia: “não se iluda! Não se iluda! Não se iluda, porra!”. Mas meu coração iludido já estava formulando nosso futuro e imaginando como seriam nossos filhos. Droga! Se houvesse um Oscar para pessoas mais precipitadas, com certeza eu subiria no palco antes mesmo de anunciarem meu nome.

Bianca e Suzanna não falavam inglês muito bem, mas isso não parecia incomodar os amigos de Eric: Anthony, Kaio, Toby e Jackson. Apesar de eu amar conversar, quando estava em um ambiente onde não tinha intimidade com todos, eu me calava. Preferia observar, captar os detalhes e conhecer a todos a minha volta. E Eric, bom, ele era... diferente. Parecia receptivo, ele tinha aquele sorriso que deixava você encantada e curiosa. E aqueles amigos pareciam tão próximos, que não me aguentei e perguntei há quanto tempo se conheciam, e, como pensei, se conheciam desde o ensino médio.

Fiquei o observando, mas algo em seu olhar mudou. Recuei um pouco e me senti estranha por um momento. Eric

simplesmente se levantou e se virou, começou a caminhar roboticamente em direção ao mar, nenhum dos nossos amigos pareceu notar.

Oh, não...

— Eric? Eric? O que está fazendo? — Comecei a andar ao seu lado, mas ele começou a se afastar. Apressei meus passos, mesmo assim eu não o alcançava. Meu coração começou a acelerar, porque eu simplesmente sabia que o amava. Ele chegou ao mar e comecei a correr, mas eu nunca chegava até ele, na verdade, cada vez parecia mais longe. Comecei a chorar, porque sabia que o perderia.

— ERIC! NÃO!

— No mar, nos conhecemos; e no mar, você me perdeu... você não me pediu pra ficar, Larinha...

— Eu te imploro, fica!

— É tarde demais...

Não, não, não!

O corpo dele afundou no mar, eu vi as bolhas de ar subindo à superfície, mas ele nunca voltou. Corri para tentar salvá-lo, mas eu não o encontrava.

— NÃO! NÃO! NÃO!

Acordei gritando assustada e, em seguida, chorei agarrada ao travesseiro.

— Quando vai parar de doer, Deus?



CAPÍTULO 2

Deixei a dor varrer meu peito madrugada afora, já era tempo de eu superar, de, ao menos, parar de chorar em dias normais. Mas os sonhos me perseguem. Eles atormentam minha noite com memórias, com sussurros e cheiros, com o timbre da voz mais marcante que já ouvi. Eu podia sentir seu cheiro cada vez que entrava no quarto, apesar de não morar mais na nossa casa. Eu ouvia as declarações que ele sempre fazia para mim. E os bilhetes, ah, esses eu não tinha coragem de olhar. Porque eu não sabia se me manteria em pé, seria fatal demais. Quando tínhamos o melhor e o perdíamos, nada depois era suficiente.

Haviam se passado quase cinco anos desde sua morte e em todas as noites, eu relembrava algum de nossos muitos momentos.

Eu estava na Times Square, faltavam exatamente dois minutos para a meia-noite, eu estava aproveitando muito a noite com as minhas amigas, era a realização de um sonho passar a virada do ano na icônica Nova Iorque e eu não deixaria nada estragar isso. Nem mesmo minha frustração com um idiota do meu bairro. Ou a expectativa insistente de encontrar outro idiota novamente. Mas esse era um idiota com classe, como dizia minhas amigas. Eric Russell. O marinheiro americano, que me encantou com seu charme meses atrás e logo depois me deixou. Claro que eu não esperava que ele ficasse, mas teria sido alguma coisa trocarmos números de celulares, redes sociais ou qualquer coisa a mais que alguns e-mails ao longo desses quatro meses, já que ele disse que daria um jeito de me ver na virada do ano, apenas para roubar meu beijo à meia-noite, porque queria fazer parte da minha inesquecível noite. Ele era muito ocupado, focado em sua carreira, mas não me deixava ficar desinteressada, não me deixava ficar distante demais, não me deixava esquecer-lo. Como ele conseguia isso apenas me mandando alguns e-mails? Ele me disse para ficar perto do prédio com o relógio. E eu, como a trouxa que sou, fiquei. Minhas amigas nem se importaram, afinal, queriam vê-lo de novo também. Eu não queria criar expectativas, mas, quando notei, já tinha feito uma coleção delas.

— *Falta um minuto!* — Bianca gritou e nós três gritamos em seguida, empolgadas.

As pessoas ao redor estavam felizes e, como tinham muitas, o tumulto não deixava o vento gelado vir com tanta força. Estava muito, muito, muito frio! Bem que fui avisada que deveria ir para a Califórnia ou Flórida!

Uma rosa vermelha apareceu na minha frente, meu coração estremeceu, não pode ser! Eu estava cercada por dois braços e um corpo se aproximou atrás do meu.

— *Foi difícil, mas te encontrei bem a tempo, Larinha.*

Virei-me e fui recebida com um sorriso largo e lindo, ele estava todo agasalhado, assim como eu, mas ainda assim, maravilhoso, como eu me lembrava.

— *Não posso acreditar!* — gritei, para que ele escutasse. Eu não consegui disfarçar o quanto estava feliz naquele momento.

Os fogos começaram, as pessoas começaram a gritar “feliz ano novo”, ele passou a mão quente no meu rosto, eu sorri, sua outra mão estava me segurando pela cintura, deixando-me bem próxima a ele.

Não precisou de palavras, só bastou nossos olhares. Ele encontrou no meu a permissão que buscava e me beijou. Naquele beijo, tudo que eu senti nos últimos meses veio à tona, senti-me estúpida ao tentar esquecer os poucos momentos que estive com ele, com outro alguém. Esse homem, ah, ele me tirava de órbita, mas parecia tão impossível vê-lo de novo, que fui

obrigada ao menos tentar esquecê-lo. Seus lábios tinham gosto de bala de hortelã, eu o puxei mais para mim e senti seu sorriso satisfeito por isso, eu sorri também. Eu me apaixonei por um homem que eu pouco sabia sobre... me apaixonei pelo olhar, pela simpatia e simplicidade que vi nele em poucos dias... Ah, também me apaixonei pelo beijo que expressava sentimentos em poucos movimentos, que expressava a paixão acesa, o carinho...

Aquele homem beijava com a alma.

Naquela época, eu apenas supus todas essas coisas, era jovem e talvez fosse só mais uma aventura, mas mal sabia que seria tudo isso e muito mais.

— Bom dia! Bom dia! Bom dia, *dominhoca*! — Um corpinho pequeno fez da minha cama um pula-pula enquanto ria sem parar.

— Vem aqui, menina! — Agarrei-a pelo braço a fazendo cair no colchão e comecei a fazer cócegas. Ela amava!

— Para, mamãe! Para!

— Você não quer que eu pare!

— Não! — ela gargalhava. Ri com sinceridade.

A razão da minha vida acabou de completar quatro aninhos e tinha o sorriso mais lindo de todo o universo!

— Posso assistir desenho no seu celular? — Fechei minha expressão, ela ficou olhando para o meu rosto, estudando-me.

— Mamãe, você estava *cholando*?

— Mamãe ficou escrevendo até tarde, por isso está com essa cara de acabada.

— Ah, então tá bom, porque eu já ia dizer que você é *glandinha* demais para chorar.

— Sou, né?

— Sim, muito grande! Pensei que ia ter que pedir para a vovó bater no seu bumbum!

Ri alto e a apertei forte.

— Mamãe, não consigo respirar!

— Não ligo! — Continuei a apertando e a enchendo de beijos, ela riu. — Já tomou café, não é? Então vá escovar os dentes e depois pode assistir um pouquinho até o almoço.

Eu não entendia, crianças tinham a necessidade de estar com o celular na mão, ela gostava de escolher o desenho que queria assistir no Youtube, mesmo tendo o mesmo desenho na TV a cabo. Eu tinha uma pessoa que me ajudava a cuidar dela e também fazia as tarefas da casa. A senhora Neide caiu do céu, eu era uma péssima dona de casa!

Emilly era a maior lembrança que tinha dele. Ele morreu sem saber que iria ser pai... na verdade, ela era o meu maior milagre, porque eu não sei como não tive um aborto depois de tanto estresse e sofrimento que passei na morte de Eric.

Dias após a morte dele, eu não parava de vomitar, eu pensava que era estresse, os dias foram passando, minha

família ao redor sempre me observando, e mães, ah, essas sabem das coisas. Minha mãe me obrigou a fazer um teste de gravidez e, em cerca de três minutos, tudo mudou. O resultado positivo deixou todos em choque, porque era algo bom, mas em um momento tão difícil. Eu tinha a consciência pesada, porque, por toda a gravidez, eu só chorei. Eu não tive algo tranquilo, com fotos e grandes preparativos para sua chegada. Eu tentava recompensá-la na medida do possível, mas ela era esperta demais e em muitos momentos eu precisava levá-la em rédeas curtas.

Quando completou dois meses da morte de Eric, nossa casa pegou fogo. Foi outra perda, porque eu perdi tudo. Meu velho notebook com todas as nossas fotos, o álbum de fotos do nosso casamento, as lembranças dos nossos anos ali. Eu não tinha backup, só salvou as fotos que tinha nas redes sociais, que eram bem poucas... Eu já revivia a morte dele todos os dias e, quando eu vi os destroços da nossa casa, revivi como quando recebi a notícia. A causa do incêndio foi um curto-circuito, mas culpo minha distração. Eu havia deixado um aquecedor portátil ligado por tempo demais e eu nem estava em casa. E, bom, o material das casas nos Estados Unidos não eram muito resistentes....

Após o incêndio, eu morei por um tempo com meus sogros até acertar todas as pendências e, então, voltei ao Brasil. Com uma gorda pensão da marinha americana, um emocional

estraçalhado e uma vida sem expectativas, até minha Emilly nascer. Eu ainda tinha muito o que superar, tirar de Emilly a responsabilidade que ela carregava de fazer minha vida andar, de me fazer sorrir. Ela sempre seria minha maior motivação, mas eu precisava seguir em frente.

Eu sempre gostei de escrever, inicialmente eram poemas, depois comecei a escrever histórias no *Wattpad* e, quando conheci Eric, fiquei mundialmente conhecida. Meus textos simplesmente mudaram da água para o vinho, mas sempre publiquei por um pseudônimo. Eu apreciava o anonimato tanto quanto Eric, que era de uma família de políticos muito influentes no governo americano, mas, como ele passou grande parte da infância e adolescência em colégios internos e no mar, a imprensa praticamente não sabia como ele era, ele sempre conseguia escapar. Era sempre muito discreto, apesar de ter um carisma que, com certeza, seria apreciado na mídia, ele era muito charmoso e galanteador. A família dele também sempre respeitou a decisão dele, então o ajudava a manter-se fora dos holofotes. Apesar do anonimato, eu sempre participei de muitos eventos literários, ia como leitora e isso sempre me deixava ainda mais por dentro de tudo que estava acontecendo no mundo literário, tanto no Brasil como em outros países. Amava essa dupla identidade que eu tinha.

Escutei uma gritaria no meu jardim, neguei com a cabeça e sorri levemente. Fui até a janela e gritei para as minhas

amigas:

— São apenas dez horas da manhã! Me deixem em paz!

— Abra a porta, Lara!

— Vou chamar os seguranças! — respondi, tentando segurar o riso.

— Quem mandou deixar nossos nomes autorizados para entrar sempre que quisermos, hein? Problema é todo seu!

— Ainda posso deixar vocês fora da casa, ufa!

— Eu vou começar a cantar aqui fora até você abrir... você quem sabe.

— Ok, você me convenceu. Estou abrindo.

Suzy e Bia, as minhas amigas que o tempo e o luto não levou embora. Agora, elas colocaram como meta de vida delas me fazer voltar a viver. Confesso que é divertido vê-las tentar, me mantém distraída e com um sorriso nos lábios.

Elas entraram e me abraçaram, animadas. Segundo elas, iríamos a um bar-balada hoje, elas simplesmente não escutavam quando eu dizia que não iria, era como se eu dissesse sim, ao invés de não.

— Qual parte do “eu não vou” vocês não entendem?

— É a frase toda, meu bem, você vai e ponto final.

— Minha mamãe vai para onde ela quiser!

— E para onde suas tias mandarem! — Bia emendou, mostrando a língua para Emilly, que devolveu o ato infantil, segurando o riso.

— Ok, ok! Vocês venceram! Mas eu vou voltar pra casa na hora que eu quiser.

— Apenas se coincidir com a hora que a gente quer.

— Ah, me dá licença, eu sou bem grandinha e posso pegar um táxi ou Uber sozinha!

— Poderia... se não fôssemos dormir na sua casa.

— Meu Deus! Nunca falaram que vocês são muito folgadas?

— Sim, você, o tempo todo.

Saí da sala indo para o quarto, elas me seguiam, planejando uma noite empolgante. Suzy havia se casado, mas o casamento não durou. Bia era uma solteirona convicta e feliz, alérgica a relacionamentos. A única que realmente era romântica do trio, era eu. Trágico.

— Já falamos com a sua irmã, que falou com a sua mãe e ela cuidará da Emilly hoje e amanhã.

— Aparentemente vocês já cuidaram de tudo, não é?

— Bom, você devia erguer a mão para o céu e agradecer por nos ter na sua vida. Sua irmã queria vir cuidar da Milly aqui e trazer aquele namorado mal-encarado dela.

Revirei os olhos, jamais os deixaria aprontar na minha casa! Eca! Eles não eram adolescentes, nem perto disso, mas o namorado da Gabi nunca me passou confiança.

— Nossa, quanta sorte eu tenho! Obrigada, Deus!

Elas sorriram, orgulhosas. Mas eu só conseguia pensar no quanto eu queria mesmo que fosse sortuda assim...

As horas passaram, elas tomaram banho e se arrumaram na minha casa. Eu escolhi um short jeans curto, mas que ficava larguinho na perna. Vesti uma blusinha branca transparente que também era soltinha e ficava bonita quando colocava a barra dela dentro do short. Por baixo dela, eu usava um top rendado branco, eu tinha os seios pequenos, então não achei que tinha ficado ousado, estava, hum, confortável. Coloquei uma sandália de salto alto grosso bege e arrumei poucas coisas em uma bolsinha pequena da mesma cor. O look ficou elegante, meu cabelo loiro estava escovado e modelado, batia no meio das minhas costas, na maquiagem fiz um discreto esfumado.

— Mamãe! Você está linda! Como eu fiquei? — Suzy tinha passado maquiagem nela, bem de leve, e ela também estava com uma roupa nova. Afinal, não era muito fã dessa história de ser deixada de fora do nosso passeio, mas como amava estar com meus pais, não reclamou muito.

— Você está a menina mais linda desse mundo! Olhe que cachos mais maravilhosos você tem! — Mexi nos seus lindos cabelos, eram lindos os cachos que formavam nas pontas, ela tinha o cabelo loiro bem clarinho, eu morria de dó de cortar, mas sabia que uma hora eu teria que fazer.

— Tenho certeza de que meus avós vão morrer de felicidade quando eu aparecer lá de surpresa pra passar a noite!

Eu sorri, pedimos o Uber e saímos de casa quando ele estava chegando. Eu morava em um condomínio fechado, tinha uma casa grande e mais que confortável, graças ao Eric e também aos meus livros, que me rendiam muito em alguns meses. Bia colocou o endereço dos meus pais, era um pouco longe de casa, mas eu preferia levá-la até eles, afinal ela precisava ficar um pouco na casa que eu cresci e também ficar um pouco fora da nossa casa. Eu não prolonguei o assunto com eles, que fizeram surpresa ao ver minha menina chegar, afinal, ela pensava que eles não sabiam e essa deveria ser a notícia mais maravilhosa do mundo para eles. Eu sorria vendo o empenho dos meus pais para deixar minha garotinha feliz. Eu não demorei a despedir deles e continuamos nosso caminho para o bar-balada que iríamos, ficava em um hotel famosíssimo no Rio de Janeiro.

— Acho que essa noite será memorável... — Suzy disparou, pulando um pouco enquanto aguardávamos o barman preparar nossas caipirinhas e outro terminar de servir nossas tequilas.

Nós colocamos um pouco de sal na mão e seguramos o limão e contamos até três. Provamos o sal, viramos a tequila e chupamos o limão.

— Oh, delícia! — Bia gritou animada, estalando a língua.

— Adoooooro! — Suzy também fez sua comemoração, eu por outro lado, só conseguia rir.

As horas passaram, nós conversávamos animadas, fomos dançar. Minhas amigas eram caçadoras, adoravam flertar. Eu não estava pronta para isso, mas, pelo jeito que elas empurravam os homens para mim, acho que armaram essa noite para tentar me fazer tirar o atraso.

Em um momento distraída, eu avistei um rosto conhecido. O que ele estava fazendo aqui? Ele me olhava sério. Eu estava no meio da pista de dança, ele começou a vir até mim, minhas amigas cutucavam-me felizes, eu revirava os olhos.

— Não acreditei quando vi que estava aqui — ele declarou ao se aproximar.

— Foi coincidência, ou você já sabia que eu estava aqui? — perguntei confusa, ele só apontou para as duas ao meu lado.

— Oi, Thomas, é sempre um prazer te ver — Bia disse animada o abraçando, ele cumprimentou as meninas.

— Vi no Instagram da Bia...

— Certo.

— Não vai me dar um abraço? — Ele me puxou e eu o abracei. Thomas, o irmão mais velho de Eric. Era sempre bom vê-lo, mas eles eram tão parecidos...

— Preciso de mais uma bebida, podemos ir para o bar um pouco? — falei para todos ali e eles toparam.

Thomas seguiu a carreira política como seu pai, era um governador influente e moderno, tinha a rotina agitada, mas sempre se dedicou muito a mim e a minha filha. Inclusive, aprendeu português por nós. Queria que minha filha se sentisse mais confortável com ele, afinal, ela morava no Brasil e mesmo tendo aulas intensas de inglês, não era sua primeira língua.

Estar perto dele significava... muito. Eu não tinha o que reclamar da família do Eric, eles sempre me acolheram bem, sempre se preocuparam conosco, às vezes, até demais. Thomas certamente estava preocupado ao me ver virar uma bebida atrás da outra aqui. Mas ele não sabia o que o álcool estava causando na minha mente, se soubesse, teria me feito parar... ele me lembrava tanto o Eric.

— Lara, melhor irmos com calma, hum? Já tem um tempo que você não bebe, não é? Não vai querer passar mal — Thomas disse, envolvendo minha cintura.

— Estou bem, não se preocupe — retruquei, empurrando-o um pouco.

Minha voz saiu tão mole...

Será que estou mesmo bêbada?

— Ela está bem, deixa-a em paz! — escutei a voz da Suzy me defendendo e Thomas argumentando com ela.

O inglês e português se misturavam na minha mente, então, quando um homem bonito veio falar comigo, eu

precisei de alguns segundos para respondê-lo:

— Lara, meu nome é Lara. — Ele beijou meu rosto e depois deixou sua boca perto de minha orelha, sussurrando interessado:

— E o que você procura aqui, Lara?

— Apenas esquecer...

— Eu posso te fazer esquecer... quem quer que você queira esquecer.

Ele era negro de olhos intensos e lábios carnudos, lindo... tinha um brinco de argola pequena na orelha esquerda, era um charme e tanto.

— E como pretende fazer isso? — Ah, diabos, por que perguntei isso?

Ele riu e pediu minha mão, eu olhei para a sua mão e fiquei paralisada.

— Ok... Vamos apenas conversar ali no parapeito, está mais silencioso, o que acha?

Olhei para minhas amigas e Thomas, elas faziam sinal que sim sem parar, eu ri.

— Pelo jeito, suas amigas estão do meu lado... isso é importante. O que me diz?

— Conversar...

— Sim, até você me pedir por mais do que simples conversas.

— E nem um segundo antes, eu só preciso beber um pouco mais...

Eu pedi mais uma caipirinha e ele uma cerveja, nós fomos para um lugar com menos pessoas ao redor. Ele falava cada vez mais de perto, cada segundo que se passava disfarçava menos suas intenções, com olhares sutis nos meus lábios, nos meus olhos, no meu corpo. Ele viu que me ganhou na conversa e foi direto na proposta.

— Você me parece uma mulher incrível, Lara. Mas eu quero mais essa noite, você vem comigo?

Minha mente estava embaralhada, eu sabia que não estava em perfeitas condições mentais. Olhei para trás, buscando minhas amigas. O homem segurou meu rosto e me beijou, pegando-me de surpresa. Mas eu me afastei, confusa se havia gostado ou não...

— Espera, espera, espera... eu sei que vai parecer estranho, mas... eu só preciso, hum, falar com as minhas amigas. — Ele respirou fundo, olhando meus lábios. Parecia entorpecido. — Eu... hum, não sei seu nome?

Ele riu, achando graça da minha simples pergunta:

— É Eric, muito prazer.

A ânsia veio até a garganta. Eu o deixei falando sozinho e saí desnorteada buscando minhas amigas, com as lágrimas fugindo dos meus olhos. Thomas me puxou bruscamente, ele me viu antes mesmo de eu vê-lo.

— O que houve? Ele te machucou? Que porra, Lara, o que houve? Me diz!

— Ele... ele... ele se chama Eric, Thomas. Ele...

Sua expressão furiosa se tornou compreensiva de repente. Ele me abraçou, nós dois ignorando aquele monte de gente em volta de nós.

— Ah, Lara...

Eu o abracei forte e apertado.

— Vamos embora daqui...

O Eric veio ao meu encontro, tentando entender o que havia feito. Thomas apenas disse para ele sair e me deixar em paz. Nós esperávamos o elevador quando as meninas nos encontraram, as conversas pareciam longe, minha cabeça girava, eu estava fora de mim. Thomas me abraçou e me puxou para dentro do elevador.

— Por que fez isso, Lara? Por que bebeu tanto e queria sair com um estranho?

— Eu só queria esquecer...

— Pode ser perigoso.

— Eu não consigo seguir em frente... eu só queria esquecer um pouquinho...

— Odeio te ver sofrer tanto. Pensei que estivesse melhor, menina.

Quando dei por mim, estávamos em um carro e ele dirigia batucando os dedos do volante.

— Pra onde estamos indo?

— Pra sua casa, tudo bem? Dei a chave do meu quarto de hotel para suas amigas e eu vou ficar no quarto de hóspedes da sua casa.

Eu fiz que sim com a cabeça.

— Lara, queria te fazer uma pergunta, indiscreta...

— Aproveita que estou bêbada para responder.

Ele riu.

— Você não saiu com mais ninguém, em todo esse tempo?

Sempre suspeitei que Thomas era interessado em mim, e minha teoria criou ainda mais força agora.

— Não.

Ele ficou em silêncio o resto do caminho. Em casa, eu peguei cerveja na geladeira e entreguei uma a ele e fomos para a sala, cada um se sentando em um sofá. Ele não estava nem perto de estar bêbado, mas estava inquieto.

Thomas era um homem de 38 anos, era até irritante o quanto era lindo. Olhos azuis tempestuosos e obstinados, normalmente era sério e sempre muito formal, ele nasceu para ser um político. Era bem alto, os cabelos eram castanhos, usava sempre bem arrumado com gel.

— O que veio fazer no Brasil?

— Ver você e a Emilly, já que não consegui participar do aniversário.

— Você não nos avisou... nos falamos poucos dias atrás.

— Decidi vir de última hora.

Virei minha cerveja, criando coragem pra fazer algo totalmente insano.

— Thomas...

— Hum?

— Quer transar comigo?

Ele engasgou com a bebida e desencostou do sofá.

— Quanto você bebeu? Achei que estivesse bem!

— Hum... Por favor?

— Lara! — Ele se levantou, parecia um pouco atordoado.

— Você quer, não quer?

— O que te faz pensar isso?

— O jeito que me olha.

— E por que *você* quer isso? Seja sincera — exigiu.

— Eu... por tantos motivos.

— Tenho tempo... comece a contá-los.

— Quero porque... eu quero esquecer. Eu quero lembrar. Eu quero algo que me faça mudar meu foco, sabe? Eu não tenho conseguido escrever, preciso de emoção, preciso de outro motivo para sentir dor, ou alegria, ou arrependimento. Eu só preciso de... algo.

— Você é a pessoa mais confusa que eu conheço, honestamente...

— Sim, provavelmente.

Ele se aproximou de mim e tirou a cerveja da minha mão, deixando nossos copos em cima da mesinha de centro e entrelaçou seus dedos nos meus, sussurrando em seguida:

— Sou um homem, Lara. Você é linda, mas eu não vou transar com você estando bêbada desse jeito.

— Nem me beijar?

Ele riu.

— Nem te beijar, menina.

— Então por que está tão perto?

— Eu dizer que não vou fazer, não quer dizer que eu não queira...

Fiquei em silêncio por alguns segundos, mas não desviei o olhar.

— Então o que vamos fazer?

— Eu vou te abraçar, você vai fechar seus olhos e pensar no que quiser pensar, depois vai se arrumar para dormir...

Ele fez o que disse.

Encostei meu rosto em seu peito e ele me acolheu nos seus braços. Imaginei-me nos braços de Eric, apertei-o forte, ele beijou meus cabelos, eu não aguentei. Ele não teve tempo de recuar quando fiquei na ponta dos pés e puxei seu rosto para alcançar seus lábios e o beijar.

Ele correspondeu no início, mas depois afastou seus lábios dos meus por alguns segundos, tomando fôlego.

— Por favor, Lara, pare.

Eu me afastei, lentamente. Depois o soltei completamente, assimilando o que havia feito.

— Desculpe. — Saí correndo, ele pediu para eu esperar, mas eu apenas me tranquei no quarto e ignorei quando começou a bater pedindo para eu conversar com ele. Eu chorei agarrada ao meu travesseiro e apaguei em algum momento da noite.



CAPÍTULO 3

Minha cabeça latejava, eu abri os olhos lentamente. Estava com a mesma roupa da noite passada e com um gosto horrível na boca. Argh! Levantei-me e fui direto para o banheiro do meu quarto, tirando a roupa, peguei minha escova de dentes, coloquei a pasta e entrei debaixo do chuveiro. Deixava a água lavar meu corpo cansado enquanto escovava os dentes lentamente. Por que a gente bebe? Flashes da noite passada vinham na minha mente, eu tentava evitar, não queria lembrar, mas a verdade eu já sabia antes mesmo de acordar. Sonhei com o maldito beijo. Sabia que ele estaria na casa, sabia que teria que encarar meus atos em poucos minutos. Nunca fui de fugir, mas nesse caso, eu queria...

Era quase meio-dia quando saí do quarto. Thomas estava sentado na sala, tinha trocado sua roupa. Será que ele já tinha

ido no hotel e voltado? Provavelmente. Ou então suas coisas estavam no carro.

— Bom dia! Já estava ficando preocupado. Como você está?

— Morri, mas passo bem.

Ele riu. Eu me joguei no outro sofá e fechei os olhos. Meu cabelo ainda estava úmido, tive preguiça de secar. Não estou valendo nada, socorro!

— Vamos almoçar fora, vai se arrumar.

— Não consigo...

Ele se levantou e veio até mim, segurando-me pelos pulsos e me puxando.

— Consegue sim, vem.

Ele me puxou com impulso e me parou junto dele. Seus olhos focaram nos meus, depois desceu para os meus lábios. Eu fiz o mesmo, mas depois desviei o olhar.

— Você quer conversar? Sobre ontem? — sussurrou.

Eu não consegui responder.

— Eu posso cuidar de você, Lara... Eu quero.

Eu estava em um nível tão alto de carência, que realmente considerava aceitar. Porque eu queria me sentir amada de novo, queria sentir algo... bom.

Ele acariciou meu rosto, meu cabelo, beijou minha testa. Seus atos aqueciam meu coração.

— Eu posso te fazer feliz... posso te ajudar a superar.

— Eu... podemos ir comer? Estou faminta.

Saí de perto dele, ele riu da minha explosão de energia de repente, para fugir dele. Fui ao meu quarto, passei uma maquiagem bem básica e penteei novamente meu cabelo. Peguei minha bolsa e, quando passava em frente ao quarto de hóspedes, vi sua mala em cima da cama. Hum...

— Pronta? — perguntou me olhando de longe.

— Pronta. Depois vamos buscar a Emilly?

— Claro.

Nós fomos para o restaurante, ele, como sempre, foi um perfeito cavalheiro. Minha filha ficou radiante ao ver o tio, minha família também gostava dele. Muito! Era até irritante a torcida que todos faziam a nosso favor. Todos queriam que eu seguisse em frente, aparentemente, apenas eu não conseguia superar. Minha mãe piscava para mim, animada ao me ver com ele. Thomas foi alguém muito importante na fase mais difícil da minha vida, sempre ao meu lado, sempre nos priorizando. Ele odiou quando eu disse que voltaria a morar no Brasil, mas sabia que não podia fazer nada a respeito, eu sempre fui muito teimosa. No carro, ele cantava uma música infantil que minha filha estava o ensinando. Em casa, eles brincaram o resto da tarde e ele a colocou para dormir. Fiquei do lado de fora do quarto, ouvindo a conversa deles.

— Se meu papai estivesse vivo, ele seria tão bom comigo quanto você é, titio?

— Seria melhor, pequena... ele estaria sempre com vocês duas, todos os dias...

— Você não pode ficar todos os dias?

— Não posso...

— Por quê?

— Hum... coisa de adulto, pequena, titio precisa trabalhar e sua mamãe não quer voltar a morar perto do titio.

— Mas você não pode *tlabalhar* aqui? Eu gosto tanto de você, titio... eu *quelia* ter um papai pra levar nas *aplesentações* da escola e tirar fotos.

— Vamos fazer assim... quando você tiver uma apresentação, você me liga dias antes e eu dou um jeito de vir, e você pode falar pra todo mundo que eu sou seu papai, combinado?

— Eu posso mentir? — A voz dela saiu animada, eu segurei o riso em meio ao choro.

— Mentir, não. Mas eu sempre serei seu papai de coração.

— Te amo, titio Thomas.

— Te amo, pequena Milly. Agora durma... amanhã você tem escolinha cedo.

Ele ficou mais um tempo no quarto, acho que esperando ela adormecer. Fiquei na porta, o esperando. Quando ele saiu, assustou-se ao me ver parada no corredor.

— Não precisava falar aquilo para ela...

— Eu sempre vou ser o que ela precisar que eu seja, Lara. Pai, tio, amigo, um palhaço...

Eu sorri, lembrando-me de que da última vez que ele esteve aqui, ela o maquiou inteirinho, pintou suas unhas e tudo mais. Ele passou seus dedos no meu rosto, secando as lágrimas que haviam passado por ali e se aproximou.

— E pra você também, serei seu amigo, seu amante, namorado, o que você quiser.

— Eu não sei se conseguiria olhar pra você depois de...

— Depois de...?

— Dizer o que eu quero.

— O que você quer?

Pensei por alguns segundos, ele aguardou ansioso a minha resposta. Eu queria sexo. Estava subindo pelas paredes. Sexo para mim nunca era apenas sexo. Eu não conseguia me soltar quando não confiava na pessoa e eu não deixava ninguém se aproximar para sequer tentar confiar. Só ele... só Thomas... apenas Thomas era próximo o suficiente.

— Sexo. Só sexo...

Ele engoliu em seco.

— Eu não quero te perder, Thomas, mas eu não...

— Shhh... você nunca vai me perder.

Ele pegou minha mão e me puxou para o quarto de hóspedes. Lá, ele se sentou na cama e me deixou de pé de frente para ele, entre suas pernas. Thomas estava à vontade,

com uma regata da Adidas azul, uma bermuda de academia e chinelo. Seus músculos estavam tensionados.

Passei minha mão por seus braços, sentindo-o, observando-o. Suas mãos estavam bem abaixo do meu bumbum, eu vestia uma camisola preta de seda. Ele passou de leve seus dedos pelas minhas pernas, devagar, pedindo permissão e vendo que eu não o impediria, levou suas duas grandes mãos para o meu bumbum, ele me apertou e eu me arrepiei.

Desci meu rosto até o seu, olhando nos seus olhos, ignorando a voz na minha mente que dizia *“pare enquanto ainda é tempo”* e ouvindo a voz do diabinho alegre *“vai, safada, transa com ele, você quer muito isso”*. Deixei minha boca perto da sua e, quando sentimos nossos hálitos, atacamos ao mesmo tempo. Ele me puxou para ele e eu sentei no seu colo, ele me apertava forte contra ele e me beijava com vontade. Eu precisava daquilo, precisava me sentir desejada. Ele nos virou na cama, deixando-me embaixo dele e começou a me despir. As coisas seguiram no automático, roupas sendo tiradas, beijos ardentes e mãos em busca de alívio. Quando ele me preencheu, após colocar a proteção, eu entrei em êxtase. De olhos fechados, eu curti o momento, apreciei cada segundo e me senti satisfeita. Por poucas horas, enquanto estava com ele, eu me senti bem... Mas, quando acabamos e eu fui para o meu quarto, eu dormi e sonhei com meu marido e seu olhar

desaprovador. Acordei chorando, triste e sem esperança. O
que eu vou fazer?



CAPÍTULO 4

Dois dias se passaram. Thomas levou e buscou Milly na escolinha, ela estava radiante. Não dei brecha para falarmos sobre nós nos últimos dias, ele respeitou. Eu estava em colapso e ele percebia. Ele curtia muito a sobrinha quando estava aqui e eu praticamente só dava banho e trocava a roupa dela, porque, de restante, era tudo ele. Ele fazia o prato de comida dela, assistia os desenhos com ela. Ele era um ótimo tio.

Naquela noite, eu já estava pronta para dormir quando ele abriu a porta e se infiltrou na minha cama sem pedir permissão. Eu estava de costas para ele, ele buscou minha mão a segurando e eu a apertei, mostrando-lhe que estava acordada. A noite estava silenciosa, ele beijou meu pescoço e desceu sua mão para minha intimidade. Eu deixei... eu deixei

ele fazer tudo que quisesse comigo naquela noite. Sem palavras, sem promessas, apenas toques, gemidos e respirações pesadas. Quando acordei na manhã seguinte, ele já havia partido, mas deixou um bilhete no seu lugar. E eu o odiei por isso, porque Eric fazia o mesmo.

“Sei que seu coração pertence a alguém, que também tinha parte do meu, mas ele não irá voltar. Eu estou ao seu alcance, Lara. Não deixe isso se perder. Te vejo daqui duas semanas, no aniversário da minha mãe.

Seu, Thomas Russell.”

Guardei o bilhete na gaveta e tomei uma decisão louca. Muito louca mesmo, mas que eu já vinha pensando há algumas semanas, só não estava com coragem. Peguei minha mala e comecei a colocar muitas roupas dentro, principalmente de frio. Minha Emily veio sonolenta para o meu quarto... ah, caramba! Perdi o horário de levar ela na escola! Peguei ela no colo e beijei seu rostinho desejando bom dia. Ela me abraçou também e a deitei na minha cama, indo fazer seu leite com Nescau. Quando voltei com sua mamadeira – sim, eu deveria ter tirado isso dela, mas ela mamava tão gostosinho na mamadeira assistindo desenho, fiquei com dó –, ela perguntou o que eram aquelas malas.

— Nós vamos fazer um passeio bem legal, Milly. Vamos conhecer a Alemanha.

— Alemanha?

— Sim, meu amor, e lá é muito frio. Então temos que levar muitas roupas de inverno.

— Posso levar minha Lulu?

— Até parece que deixaríamos sua Lulu de fora desse passeio mágico, não é?

Ela sorriu animada e começou a mamar, vez ou outra parando para perguntar como era a Alemanha e o que faríamos lá.

Entrei na internet e comprei duas passagens só de ida e depois de retorno para os Estados Unidos, para Washington D.C.. Onde eu ficaria direto na casa dos meus sogros para o aniversário. Resolvi contar apenas para minha irmã e mãe, para não ficarem preocupadas, o que era impossível. A família do Eric era sempre muito protetora, apesar de nunca termos sido expostas na mídia. Eles sempre compraram nossa discrição.

No dia seguinte de manhã, partimos em direção a Alemanha. Descemos em Munique e no primeiro dia só descansamos. No segundo, fizemos um passeio incrível até o castelo de Neuschwanstein, que inspirou o castelo da Cinderela. Foi exaustivo, mas maravilhoso. Milly amou! A paisagem branca da neve deixava tudo lindo. Mas o frio estava

muito intenso. Quatro dias após nossa chegada, partimos em direção a uma cidade chamada Düsseldorf, que era a capital da moda. Em uma parte, parecia bem moderna; em outra, parecia preservar as construções antigas da cidade. Eu adorei! Resolvi participar de um evento literário mundialmente conhecido, acontecia apenas duas vezes no ano e pela primeira vez aconteceria nessa cidade, eu estava empolgadíssima. Minha filha adorava um tumulto e atenção, então estava amando.

Meu inglês era fluente, boa parte dos autores só falavam inglês e os alemães também, então rapidamente me enturmei ali, afinal, por muito tempo frequentei esse tipo de evento e tinha colegas leitoras que eu ainda mantinha contato. Era um galpão imenso, estava em uma parte que tinha várias cadeiras de frente para um palco onde estava acontecendo um bate-papo superinteressante de duas escritoras talentosíssimas e que eu admirava muito. Mas Milly estava inquieta, então eu ficava andando para lá e para cá com ela a mantendo entretida. Eu estava com ela no colo e ela descansava a cabeça encostada no meu rosto, sussurrando que estava cansada, quando eu o vi.

Eu olhei de relance, procurando um lugar para sentar com ela, quando um homem passou e de imediato eu o reconheci, era ele. Era o meu marido. Estávamos longe, é verdade. Mas ele estava falando no celular, distraído, procurando alguém

com o olhar. Minhas pernas começaram a ficar moles, eu desci minha filha no chão. Meu coração começou a acelerar e senti o suor frio brotar na minha pele. Minha filha começou a chorar e fui me agachando no chão, sentindo tontura. O som da voz da minha filha em desespero não me tirou do choque de vê-lo segurar a mão de uma mulher e sair do meu campo de visão. Foi tudo tão rápido, mas tinha certeza, era ele. Eu senti as mãozinhas no meu rosto, eu olhei para ela e a coitadinha estava desesperada, pessoas ao meu redor vieram me apoiar e, por alguns segundos, eu perdi a batalha contra o choque e meu corpo e, então, apaguei.

Um cheiro de álcool me despertou, havia um tumulto de pessoas ao meu redor, minha filha chorava muito e uma colega tentava acalmá-la em vão.

— Lara? Lara? Consegue me ouvir?

Fiz que sim com a cabeça e me levantei do chão com a ajuda do paramédico.

Peguei minha filha no colo e a abracei apertado, meu Deus, o que foi que aconteceu? O que minha filha deve ter sentido? Um aperto cresceu no meu peito, junto com todo um peso na consciência, me sentindo irresponsável, mesmo sem ter culpa de não poder controlar. O bate-papo havia parado, dezenas de olhares estavam sobre mim e eu ainda estava perdida na minha mente.

— Você desmaiou de repente. Você tem se alimentado?

— Eu estou bem, estou bem... eu só... preciso ir embora.

— Mamãe, eu pensei que você ia *moler*, mamãe, não faz mais isso, mamãe — minha filha repetia sem parar e ela estava tão assustada que chorei ali no meio de todo mundo, sentindo-me a pessoa mais horrível da face da Terra.

Olhares preocupados me rondavam. A mulher que ficou com Milly no colo me acompanhou para um canto mais calmo junto de um paramédico, que insistiu em pegar meus dados. Após ele sair, Tanya, a portuguesa que eu já encontrara em uns cinco eventos no passado e mantinha contato nas redes sociais, ofereceu-se para ir comigo para o hotel. Chegando ao hotel, eu pedi algo para comermos e arrumei Milly para dormir, a coitadinha estava exausta e assustada. Não posso imaginar o que passou na cabecinha dela, sou uma mãe horrível! Ela adormeceu e Tanya quis saber o que tanto me afetava e eu contei.

— Tanya, eu vi meu marido. Eu tenho certeza de que era ele!

Ela sabia que ele havia morrido há quase cinco anos. Após a morte dele, eu retirei as fotos nossas e postava só fotos com minha filha e minha família e amigos. Ela não sabia como ele era, mas sabia da existência dele, pois eu já havia comentado sobre a dor do luto em alguns textos compartilhados em minha rede social pessoal e de leitora.

— Eu sei o quanto você quer que isso seja real, Lara, mas não é. É só alguém muito parecido.

— Não, não, não, Tanya. Eu sei que era ele! Eu sei!

— Você está sofrendo, Lara. Você precisa procurar um tratamento, isso está ficando perigoso.

— Você não entende, era ele! Eu tenho certeza absoluta.

— Lara, como seu marido morreu?

— Ele era comandante na marinha americana, ele supostamente morreu naquela explosão há quase cinco anos. Mas, ele, sei lá, com a explosão, ele pode ter perdido a memória, não é? Ou... coisa assim.

Ela ficou em silêncio, eu comecei a andar para lá e para cá criando teorias em minha mente. Pensando no que faria a seguir para encontrá-lo. Eu sei que era ele, eu tenho certeza.

— Lara, o navio explodiu em mar aberto, mesmo que ele não tivesse morrido com a explosão, como não foi resgatado, ele teria morrido no mar.

Lágrimas escorreram dos meus olhos. Eu o conheci na praia, Eric amava o mar. Nos meus pesadelos, ele dizia que no mar nos conhecemos e no mar eu o perdi. Respirei fundo.

— Eu sei o quanto você deseja que ele volte, eu me sinto horrível de falar isso pra você e tirar suas esperanças. Mas... todos que sobreviveram foram identificados e voltaram para suas vidas... se ele tivesse ficado sem memória, ainda assim teriam o identificado e você teria o encontrado.

Comecei a chorar com mais força.

— Você não entende... era ele.

— Ele não vai voltar, Lara...

Ela me abraçou e chorei.

— Sei que sua mente e seu coração não aceitam a perda, sinto que tiveram um romance digno dos livros que lemos. Mas a vida não é assim, Lara... eu sinto muito... era só alguém muito parecido...

— Eu não aguento mais...

— Você precisa aguentar, querida... você tem uma princesa linda para amar. Seja grata.

— Eu sou... eu quero ser... é só que... durou tão pouco, você não faz ideia do quanto ele era bom pra mim, Tanya.

— Foi o suficiente para se tornar eterno. Eu prometo que, se você se permitir, a dor irá embora. Já é hora, Lara. Você precisa procurar ajuda.

Chorei um pouco mais e depois ela foi embora. Deus coloca anjos nos nossos caminhos para nos ajudar nessas horas, não há outra explicação. Eu me arrumei para dormir, com a mente longe, lembrando dos traços do homem, lembrando de que estávamos tão longe e, ao mesmo tempo, tão perto. Eu pude ver que usava uma barba rala, era clara. A pele havia perdido o bronzeado, parecia até um pouco vermelho queimado do frio. O cabelo claro estava quase raspado, ele costumava usar mais comprido, eu gostava de puxar o pouco comprimento que

tinha. O perfil de maxilar marcado e nariz fino e empinado estava lá. Era ele! Simplesmente era ele!

Eu quase não dormi à noite e precisei tomar muito café para me manter bem durante o dia, mas estava focada. Era ele e ninguém tiraria aquilo da minha mente até que me provassem o contrário. Arrumei Milly, prometi a ela que não desmaiaria nunca mais e ela pareceu esquecer o acontecido, mas sabia que ficaria insegura por um tempo.

Voltamos ao evento, era domingo e seria o último dia. Eu tinha minha atenção na minha filha, mas vasculhava com o olhar as pessoas ao redor, apenas buscando ele.

Fui até um dos seguranças e implorei para ver as câmeras de segurança, mas ele disse que não tinha permissão para mostrar. Depois fui para outro segurança e menti que havia sido roubada e exigia ver as câmeras de segurança. Ele pediu para eu voltar com a polícia e um boletim sobre o roubo, desgraçado! Decidi que iria mentir que havia sido furtada e fui até um policial no lado de fora do evento, disse que minha carteira havia sumido e havia cem euros dentro dela. E que provavelmente o furto havia acontecido – coincidentemente, claro – na entrada do evento, no lado de dentro. Enquanto eu estava abaixada arrumando minha filha e havia me distraído e deixado a pequena mochila aberta. Como o fluxo de pessoas era grande, eu não percebi alguém colocando a mão na mochila e puxando a carteira.

Funcionou!

Um policial entrou comigo no evento e fomos para a área administrativa reservada aos funcionários. Ele pediu acesso às câmeras do local e perguntou que horas mais ou menos teria acontecido, eu informei que seria por volta das cinco da tarde. O funcionário começou a procurar no computador e, de repente, outro homem chegou e começou a conversar com o policial que estava comigo, querendo saber o que estava acontecendo.

— Ei, você não é a moça que estava passando mal ontem? Está melhor?

— Estou sim, obrigada. Foi só um mal-estar — respondi rapidamente, não querendo entrar em detalhes e sem tirar os olhos da tela do computador. Um evento daquele tamanho e ele tinha que me reconhecer? Que merda! Milly estava inquieta ao nosso lado, mas graças a Deus não disse nada.

Meu Deus, já sei que estou com passagem comprada para o inferno por mentir tanto, principalmente na frente da minha filha. Meu maior medo era Milly perceber a mentira, ela me desmentiria na lata! Mas, para todo caso, eu disse a ela que o furto realmente aconteceu e vou deixá-la pensando isso para o resto de sua vida, rezando para ela não seguir o exemplo mentiroso da mãe.

O policial começou a contar o porquê de estar pedindo para ver as câmeras e falou o horário que eu achava ter sido

furtada. O homem olhou para um caderno e, de repente, começou a falar:

— Lara Carvalho de Ribeiro, 29 anos, brasileira. — Olhei-o rapidamente, notando que ele devia estar com o papel sobre meu atendimento ontem, era a única explicação. — Você pediu para ver as câmeras do evento para duas pessoas diferentes e informando motivos diferentes. Por que está mentindo?

Pensei por alguns segundos, minha filha parecia alheia à enrascada que eu me encontrava, brincando com sua Lulu, uma cachorrinha de pelúcia.

— Eu não menti. Para o primeiro segurança, eu não disse o motivo; para o segundo, ele me mandou voltar com um policial, então eu voltei. — Tentei soar o mais segura possível, mas confesso que minhas mãos tremiam e eu suava frio.

Eles me analisaram cruamente, a desconfiança na superfície de suas faces.

— É só acharem a filmagem que verão que eu não estou mentindo! — Meu Deus, eu não tenho um pinga de juízo!

O policial olhou para o homem e eu também. Ele era o chefe dos seguranças ali, percebi isso após a intimada, afinal, após essa dura, eu precisei dar atenção a ele.

Ele fez sinal para o segurança que estava no computador prosseguir com a procura. Eles nunca achariam o que procuravam e eu, bom, eu tinha meus olhos pregados na tela e os ouvidos atentos a voz doce de Milly, que cantarolava uma

musiquinha para a Lulu. Nós ficamos ali algum tempo, procurando, o vídeo avançava rápido e chegou no momento que eu saí com Milly e Tanya do local.

— Nós olhamos praticamente duas horas de filmagem, Lara. Não há nada ali, sequer aparece você abaixada como havia dito.

— Eu não entendo — respondi, sendo sincera. Afinal, essa resposta servia para o comentário dele e também para a minha mente. Ele estava ali, era aquele o local, mas não tinha sequer alguém parecido com ele, vestindo as mesmas roupas, não tinha nada do que eu havia visto!

— Você nos deve uma explicação, senhora. — O policial usou sua voz firme, mas eu me perdi em minha mente. Escutei Milly chamar e olhei para ela.

Não vou me perder, não vou me perder, não vou me perder...

Resisti.

Olhei para eles, um pouco desanimada e sem saber ao certo como reagir. Agora eu nem poderia contar a verdade, pois Emilly me olhava com os olhinhos brilhantes, dizia que estava com fome, para a gente ir embora logo.

— Você está precisando de ajuda, Lara? Você tem algum dinheiro? Se tem algo acontecendo, pode nos contar.

O policial ofereceu, parecia verdadeiramente preocupado. Acho que minha decepção ficou espantada demais no meu olhar.

Eu queria contar a verdade, dizer que estava procurando meu marido, que deveria estar morto. Mas, e se eles decidissem que iam me prender por mentir para a polícia? E se eles achassem a história louca demais e pensassem que eu não era capaz de cuidar da minha filha e resolvessem nos levar daqui? E se... nossa, passavam tantos medos e inseguranças na minha mente. Eu não podia fazer isso com minha filha.

— Talvez eu tenha ficado no ponto cego, um pouco mais pra cá. — Apontei no computador. — Eu não lembro ao certo, eu realmente não estava bem ontem. Sinto muito ter feito vocês perderem tanto tempo. Mas vou ficar bem... só foi um susto, de documento perdi apenas as identidades brasileiras. Por sorte, meu passaporte ficou no hotel... — Sorri, tentando manter-me firme.

— É melhor registrar a perda do seu documento, senhora.

— Farei isso amanhã, agora preciso ir alimentar minha filha. Mais uma vez, me desculpem...

Eles assentiram e me deram licença. Passei feito um furacão com Milly no colo, andando rapidamente para fora do evento e chamando um Uber para ir até o hotel. Um pouco confusa e sem saber no que acreditar... minha mente estava pregando uma peça em mim? Eu precisava mesmo de ajuda profissional? Sim, eu precisava... doeu constatar isso, por isso

resolvi não pensar a respeito naquela noite. Pelo menos por uma noite...

Eu fui com Milly para o restaurante no último andar do hotel e pedimos um jantar, fazendo uma noite das garotas. Ela amava esse tipo de brincadeira e tinha apenas quatro anos, eu tinha até medo do que viria nos próximos anos. Enquanto ela bebia seu suco no copo, segurando-o com suas duas mãozinhas gordinhas, ficava com os dedos mindinhos empinados porque, segundo ela, sua avó Elena – minha mãe – havia dito que era chique e nobre. Esse jantar com ela acalmou meu coração e minha mente. Por pelo menos essa noite, eu havia conseguido dormir em paz.



CAPÍTULO 5

Eu estava mais tranquila, mas de todo jeito, passeei pela cidade olhando para os rostos de todos os homens que haviam por lá. A cidade tinha um centro bonito, com uma avenida recheada das lojas mais caras do mundo. Contudo, também havia um lugar gostoso à beira de um rio, tinha várias tendas e comidas dos mais variados tipos, típico de cidade pequena. O fim de tarde estava encantador. Emilly estava pensativa, minha menina também era curiosa e gostava de prestar atenção nos detalhes, como eu.

— Mamãe? Mamãe?

— Sim, Milly?

— Podemos voltar pra casa? Aqui tá muito frio. Quero ir logo pra casa do tio Thomas...

— Na casa do tio Thomas também está frio, lindinha. Não se anima muito.

— Ah!

Ela deu um soco no ar, como se dissesse: “*droga!*”. Eu ri. Chamei-a para sentar nas escadas, onde olhamos o sol se pôr.

— *Pa* que serve o sol daqui, mamãe? Olha, olha, não esquenta nadinha!

— Não esquenta, né. — Eu achava graça do seu desespero. Ela estava empacotada em roupas de frio e estava irritada por isso.

— Vamos embora agora, mamãe.

— Me da só mais dois minutinhos, filha. Então iremos para o hotel, tudo bem?

— Então vamos naquele fogo ali, mamãe. Aí a gente pode *blincar* de jantar de novo.

Sorri, tentando acalmar meu coração. Eu odiava ser tão esperançosa. Eu tinha esperança de que veria Eric de novo, ou ao menos quem eu pensava que era ele. Pensar que ele podia estar ali, ah... meu Deus... Por quê?

Nós fomos até um dos restaurantes que havia ali e nos sentamos perto do “fogo” como ela chamou, mas eram aquecedores de cor vermelha que trepidavam como fogo. Ela pegou o cardápio e ficou o encarando, como se soubesse ler algo ali. Eu pedi um prato de frango com batata cozida, algo comum que eu sabia que gostaria e Milly também, eu não era

muito fã da culinária alemã, para ser sincera. Meu celular tocou e a foto de Thomas apareceu na tela.

— Olha quem está me ligando, princesa!

— Tio Thomas!

Ela pegou o celular e atendeu a ligação em vídeo. As pessoas ao redor olharam, pois nos viram falando em português e depois viram minha menina falando em inglês no celular. É um tanto assustador, até eu fico pensando como ela conseguia, tão pequena e tão esperta!

— *Plonto* mamãe, já falei com meu titio, *agola* é sua vez.

Eu peguei o celular e o vi suspirar na chamada de vídeo.

— *Apesar de querer muito te ver, prefiro que apenas você escute o que vou falar. Desligue a câmera...*

Eu já sabia o que me aguardava, então, antes de desligar a câmera, revirei os olhos para mostrar que não estava a fim daquela conversa. Ele ficou pacientemente aguardando. Quando coloquei o celular na orelha e disse um "*pode falar*", ele começou.

— *Posso saber o que diabos está fazendo em Düsseldorf?*

— Nossa, você foi superespecífico. Achei que fosse falar da Alemanha em geral. Tem algo errado com essa cidade?

Ele bufou, eu joguei a indireta sem nem mesmo querer jogá-la.

— *É claro que estou falando da Alemanha em geral, mas fui direto, que é pra você saber que te viram aí e isso já chegou a*

nós.

— Eu não entendo, os jornalistas não ganhariam mais divulgando quem somos, do que recebendo de vocês?

— *Eles não nos querem como inimigos, Lara.*

— Bom, quer falar algo mais? Estou no meio de um jantar com uma pessoa especial. — Milly sorriu toda meiga e animada. O garçom estava deixando nossos pedidos na mesa.

— *Não... só não viaje assim sem nos contar, ok? Eu e meus pais nos preocupamos com vocês.*

— Tudo bem... chegarei aí amanhã.

— *Você já vem amanhã?* — A surpresa dele me alegrou, porque me pareceu muito animado.

— É...

— *Envie os dados do seu voo, vou te buscar.*

— Não precisa ir, você estará ocupado, chegarei bem tarde. Mas agradeceria se mandasse alguém.

— *É claro... você, hum... vai para a minha casa?*

— Nos encontramos nos seus pais, ok? Nós conversamos depois...

— *Sim... sim... estarei contando as horas para ver vocês.*

Sorri e desliguei a ligação. Deixei o celular de lado enquanto comia nossa refeição e Milly me contava sobre uma versão dela de princesa do reino gelado alemão.

Terminamos de comer e o garçom veio retirar nossos pratos, nós agradecemos e eu decidi ir até o caixa fazer o

pagamento, segurei firme a mão de Milly, ali estava um pouco cheio e já estava de noite. A mulher do caixa passou meu cartão e fiquei olhando ao redor, esperando a transação ser completada quando uma ideia me surgiu na mente. Havia mais três pessoas esperando para serem atendidas, mas elas que se danem! Peguei meu celular e coloquei a única foto que tinha de Eric ali e mostrei para a mulher.

— Você já viu esse homem por aqui, ou alguém parecido com ele?

Ela pegou o celular da minha mão e falou algo em alemão com uma colega que passava, dando uma risadinha que não gostei nada.

— Ele se parece muito com alguém que conhecemos, mas não é ele...

— Essa foto é de uns seis anos atrás...

— Hum... não, não é ele.

Respirei fundo e saí, minha menina perguntou quem eu estava mostrando na tela do celular, inventei uma desculpa esfarrapada de um amigo que conheci há muitos anos e que eu achava que morava por ali. Ela acreditou, não havia visto a foto.

Nós fomos para o hotel e ela apagou logo depois do banho. Eu virava de um lado para o outro, tentando tirar da cabeça e, principalmente, do coração, que Eric estava vivo. Não seria tão absurdo assim pensar que ele perdeu a memória, não é? Ser

escritora e criativa nem sempre era bom, eu me via acreditando na minha própria mente, e ter esperanças sempre foi minha ruína.

Mal fechei os olhos e o celular despertou. Emilly acordou a todo vapor querendo ir tomar café no restaurante do hotel.

— Acorda, *dorminhoquinha* linda... acorda, acorda! — Ela dava beijinhos no meu rosto. — Mamãe, posso pentear seu cabelo?

Meu sono até foi embora depois desse pedido, Jesus amado!

— Claro, minha linda.

Perdi metade do meu cabelo nessa brincadeira.

Depois de prontas e de tomarmos nosso café, fizemos o *check-out* no hotel e eu chamei um táxi para nos levar ao aeroporto. Deixei Emilly brincando com o celular enquanto eu olhava pela última vez as ruas de Düsseldorf.

No aeroporto, eu brincava com minha filha sobre andar em linha reta conforme o piso do chão, até que o vi novamente.

Não sabia se aquilo era uma visão, não sabia se era minha mente, só sabia que era ele. Ele viu que eu o vi, abaixou o boné e saiu se misturando com as pessoas. Eu já havia despachado minhas malas, peguei Milly no colo e andei apressadamente até onde ele estava antes de sumir e olhei ao redor. Lágrimas começaram a cair dos meus olhos, desesperada, perdida, sem chão.

— Mamãe, mamãe... o que foi, mamãe? Não *chola*, rainha do reino gelado, você é minha rainha do reino gelado alemão... não pode *cholar*, mamãe...

Eu a abracei forte, um segurança veio me perguntar se estava tudo bem e eu só balancei a cabeça. Do outro lado, eu o vi novamente, dessa vez, de costas. Ele usava a mesma jaqueta e boné. Eu fui até ele e segurei no seu braço o chamando, desesperada por respostas.

— Eric? — Quando ele se virou para mim, eu me desmanchei. Ele claramente se parecia com Eric, mas não era ele.

— Hum... posso ajudar?

— Desculpe... eu achei que você fosse, hum, alguém...

Saí andando com Milly encolhida no meu colo, desnorteada, já perdida de para que lado era nosso portão de embarque. Só queria sumir...

— Mamãe, por que você achou que fosse o papai Eric?

— Porque sua mamãe é uma idiota, Milly, por isso.

Sentei-me no banco e ela ficou de pé na minha frente, chorei em silêncio e ela passava sua mãozinha nos meus cabelos.

— Papai vai ficar *tliste* lá no céu, mamãe... ele não quer te ver *cholar*.

— Você tem uma péssima mamãe, Milly.

— Você é perfeita, mamãe, e eu quero ser igualzinha a você quando eu *ser* adulta.

Ver o quanto ela não se importa com minhas falhas me faz me sentir pior ainda. Sou uma pessoa horrível!

— Por que, Milly?

— Porque você me enche de beijinhos bem assim, olha... — Ela distribuiu beijos molhados por todo meu rosto, fazendo-me rir. — Porque você sempre me dá comida gostosa. — Eu ri ainda mais. — Porque você sempre *blinca* comigo e faz meus *dodói salar* rapidinho com vários beijinhos mágicos.

Abracei minha filha e pedi um milhão de desculpas.

— Eu vou ser ainda melhor, meu amor, eu te prometo.

Não sabia o que estava acontecendo comigo, mas algo estava acontecendo e estava afetando minha sanidade. Eu precisava me tratar, antes que isso nos colocasse em risco de verdade. Pelo bem de Emilly, eu precisava mudar e faria qualquer coisa por ela, ela merece muito mais de mim.



CAPÍTULO 6

O voo foi cansativo, Milly tinha sua poltrona, mas quis ficar no meu colo por boa parte do voo. Peguei nossas malas e fui olhar no celular se havia mensagens de Thomas informando quem viria nos buscar, mas Milly soltou minha mão e disparou a correr de repente, meu coração descompassou com o susto, mas vi que ela corria para os braços do tio e me acalmei. Quando cheguei até os dois, vi que ele não foi tão cuidadoso como costumava ser. Fotógrafos tiravam diversas fotos nossas, eu fechei minha expressão.

— O acordo que tínhamos foi por água abaixo, não é? — declarei, emburrada.

— Foi por água abaixo quando você resolveu se aventurar sozinha pela Alemanha sem nos avisar... — ele sussurrou discreto enquanto me dava um abraço.

Quatro seguranças nos guiavam, poupando-nos de responder qualquer pergunta dos jornalistas.

No carro, eu reconhecia o jeito bravo que ele me olhava, ele queria fingir indiferença, mas nunca foi bom nisso. Eu o ignorei, afinal, precisava tirar a liberdade a mais que ele pensava que tinha comigo, antes que fosse tarde demais.

Fomos direto à casa de seus pais, que nos receberam felizes, como sempre. Era triste ver a forma que a mãe do Eric, Ellen, olhava para a Milly. Ela sentia falta da neta e, ao mesmo tempo, via o filho nela. Meu sogro me abraçou apertado e disse que adorou a surpresa, mas que precisávamos conversar.

— Bom, nós sabíamos que uma hora ou outra eles iriam parar de cooperar, William. Essa hora chegou, espero que não me culpe por isso, como seu filho está fazendo.

Liberdade é uma merda, né? Meu sogro até tentou segurar o riso ao ver Thomas revirar os olhos, mas falhou.

— Nós nos preocupamos com vocês duas, só isso... Eu não vou desistir de trazer vocês para morar conosco, Emilly merece uma boa educação.

— Ela está tendo, pode apostar... Mas não vamos conversar sobre isso agora. — Abracei apertado minha sogra.

— Como está, filha?

— Bem...

— Isso não me convenceu.

— Só estou cansada pela viagem... nossa menina ficou no meu colo quase o caminho todo, não descansei.

— Está com fome? Posso pedir para prepararem algo e depois você pode ir dormir. Eu quero muito passar um tempo decente com a minha netinha querida.

Emilly sorriu toda orgulhosa e mimada. Ela adorava esse amor e atenção que recebia de todos.

Subi para o meu quarto, tomei banho e me deitei para descansar. Foram cerca de dez horas de voo e tivemos uma rápida conexão a fazer. Eu estava esgotada...

A porta do quarto abriu e alguém se sentou na cama.

— Está acordada, querida? — Era Ellen, virei-me para ela.
— Você quer conversar?

— Eu não estou bem, Ellen.

— Eu sei, querida. Thomas me contou o que houve quando ele esteve com você e suas amigas, estamos preocupados com você.

— Eu acho que... eu preciso de ajuda. Acho que não vou conseguir seguir em frente sozinha.

— Você nunca esteve sozinha, querida... eu também sofro todos os dias, mas você é jovem demais, não pode deixar se abater desse jeito... ele não iria querer isso.

Só suspirei, imaginando o que Eric diria.

— Eric me odiaria se me visse agora, se visse o quão fraca eu me tornei sem ele.

— Ele ficaria bravo, sim, mas jamais seria capaz de te odiar.

— Fico vendo-o, Ellen, eu vi alguém igualzinho a ele na Alemanha e enlouqueci.

Ela ficou em silêncio por alguns instantes.

— Não achar o corpo dele deixou em nós uma esperança que jamais poderemos fechar, eu sei, mas... por mais que me doa dizer isso em voz alta, é a verdade. Mesmo que ele tivesse sobrevivido a explosão, estivesse do outro lado do barco quando a explosão aconteceu, ele teria morrido afogado. Você sabe, assim como eu, o quanto procuramos por ele no mar, o quanto a Marinha e o Exército juntaram forças para procurar todos... quando encontraram o corpo do Toby, eu...

— Chega, eu não consigo mais ouvir...

Sentei-me na cama, com os pensamentos desgovernados.

Faziam mais de 30 horas que a explosão havia acontecido quando finalmente encontraram Toby, um dos melhores amigos de Eric. Pouco depois, as buscas foram suspensas, afinal, não havia mais esperança, e o que encontrariam seriam apenas... hum, partes do corpo humano, e não faltavam muitos a serem encontrados.

Esse pensamento me causava náuseas, lembrar a aflição que sentia durante a espera de notícias, não desejava isso a ninguém. Segundos depois, Milly entrou cantarolando no

quarto e acendeu a luz. Limpei meu rosto e deitei novamente para disfarçar, mas ela já havia visto.

— Vovó Ellen, você pode bater na bunda da mamãe também ou só a vovó Elena? Já disse *pa* mamãe que ela é *glandinha* demais para *cholar*.

— Ah, eu posso sim, vira aqui... — Ellen brincou e eu ri. Milly pulou na cama e chamou o tio para sentar ali também. Thomas se sentou na beirada da cama e vi o jeito que Ellen o olhou, como se soubesse dos pensamentos do filho comigo, e ela não aprovava.

— Vamos dormir, Milly?

— Hoje não, mamãe.

— Ah, hoje você não quer dormir? Quer virar a madrugada acordada? — Todos riram.

— É sim, eu acabei de chegar, não tô cansada.

— É uma pena... um passarinho me contou que o tio Thomas ia levar para passear na casa dele quem dormisse cedo... — Ellen contou, tentando convencer a neta.

Ela pulou para debaixo das cobertas rapidamente com um sorriso largo no rosto, desejando boa noite a todos, fazendo-nos rir de novo. Ele beijou a testa dela e depois a minha, nos desejando boa noite e saiu do quarto. Ellen fez o mesmo, dizendo que depois continuaríamos nossa conversa. Troquei a roupa da Milly, escovei seus dentes e a coloquei para dormir. Morri de inveja quando ela apagou depois de menos de dez

minutos e eu, bom, fiquei virando de um lado para o outro por horas, mas, em certo momento, apaguei também.



Dez dias se passaram desde que eu cheguei e estava cada dia mais entediada e instável. Sentia-me como uma adolescente mimada e era horrível não gostar do jeito que você mesmo se sentia, olhar para si mesma e só sentir decepção. Eu sabia o que tinha que fazer para acabar com aquilo e estava disposta a começar um tratamento. Mas as pessoas ficarem me dizendo o que fazer, como agir, o tempo todo, me irritava.

Era por isso que Eric sempre me quis fora disso e por boa parte do tempo conseguimos nos manter fora da mídia, mas agora, eu e Emilly não podíamos ir a lugar nenhum sozinhas, meu sogro esperou alguns dias, mas depois me deu alguns esporros por ter ido para a Alemanha sozinha com a Emilly. Ou seja, a culpa era minha por termos perdido nossa paz... Eles me fizeram um milhão de perguntas do porque eu quis ir justo para a Alemanha assim do nada, já que estive com o Thomas dias antes e não disse que iria para aquele evento. Foi

um interrogatório sem fim, que me cansou rapidamente. Minha pequena fofqueira contou que eu achei ter visto o papai, que eu chorei, e eles surtaram. Não podia culpá-la, ela era uma criança, mas isso me complicou e me colocou em maus lençóis com eles. Eles ficaram me observando, eu senti isso.

O aniversário da Ellen passou e fomos formalmente apresentadas para algumas pessoas como sendo a família do falecido filho deles, o jeito como as pessoas me olhavam me faziam sentir tão exposta, eu não gostava disso. Tinha parado de usar o sobrenome Russell para evitar olhares indiscretos, e agora, tudo estava ali e eu não tinha como fugir. No domingo, eu estava na cama quando alguém abriu a porta sem bater e entrou, fechando-a em seguida. Eu o olhei confusa.

— Vá se arrumar, vamos sair.

— Não, não vamos não...

— Vamos sim...

— Eu já disse que não, Thomas!

Ele se sentou na minha cama e me encarou.

— O que você quer de nós, Lara? — perguntou sério.

— Do que você está falando? Nunca quis nada.

— Você fala que quer superar, mas não vejo você tentando uma vez sequer.

— E você quer ser visto com a *sua cunhada*? Não vai ser legal.

— Nós só vamos beber um pouco, você precisa espairecer. Conhecer pessoas diferentes, ir para lugares diferentes, viver uma nova vida, ter uma vida!

Relutei um pouco, mas, por fim, acabei cedendo. Pedi para ele esperar, ele ficou com Milly e seus pais na sala. Tomei banho e me arrumei, usando um vestido preto de veludo, tinha mangas compridas e seu comprimento vinha até o meio das minhas coxas. Optei por meia calça-preta também, estava muito frio. Meu calçado era uma botinha de salto grosso e cano baixo e, por fim, um sobretudo, ambos da mesma cor. Eu havia feito um curso de automaquiagem e aprendi inúmeras makes lindas, mas sempre gostava mais do "básico" em mim, aquele tipo de maquiagem "acordei linda". Eu estava saindo bem básica, mas não conseguiria fazer melhor que isso nessa noite...

— Ela é a *plincesa* mais linda desse mundo todinho! — Milly veio abraçando minhas pernas.

— Hum... você que é, lindinha. — Milly tinha os olhos expressivos, com cílios pretos e longos, que faziam qualquer um cair de amores.

Peguei-a no colo e beijei seu rosto.

— Obedeça seus avós, já, já, mamãe volta, tá bem?

— Sim... — Ela colocou as duas mãozinhas em forma de concha na minha orelha, para me contar um segredo. — Vovô e vovó disseram que eu posso tomar *solvete*.

Dei pulinhos com ela no colo fazendo festa e sussurrei no seu ouvido:

— Então aproveita muito! Mas não deixa eles se esquecerem de escovar seus dentinhos, combinado?

— Sim, senão os bichinhos vão comer meus dentinhos.

— Isso mesmo. Boa noite, meu anjo.

— Boa noite, mamãe.

Deixei-a no chão e ela deu um abraço no tio, despedindo-se. Acenei para os meus sogros e saí com Thomas fazendo piada sobre eu ser a rainha do reino gelado alemão.

— Adoro essas histórias que ela cria... será uma ótima escritora, como a mãe... — ele comentou, depois de várias brincadeiras. Sorri orgulhosa.

Nós fomos para um pub e foi como o usual, com exceção da forma como eu me sentia... eu me sentia com nojo, repulsa, odiava lembrar do que havia feito com ele semanas atrás e sabia, pela forma que ele agia, que ele pensava que aconteceria de novo.

— Thomas, nós precisamos conversar.

— Estamos fazendo isso, não?

— Não... digo, conversar sobre o que fizemos.

Ele mudou a postura, vendo minha expressão.

— Eu... eu não posso mais. Não quero te enganar, não posso te perder, mas o que houve entre a gente na minha casa não vai se repetir.

— Por quê?

— Porque eu ainda o amo.

— Ele está morto, Lara. Ele não vai voltar.

— Ele é seu irmão!

— ERA! Para de falar dele como se ele fosse entrar por aquela porta e ver o que estamos fazendo! Nós não estamos o traindo!

— Você pode pensar como quiser, e eu também.

Ele passou a mão no rosto, tentando disfarçar a frustração. Seus olhos azuis irradiavam desgosto, raiva.

— Eu vou ao toalete, já volto.

Ele saiu e, em seguida, minha bebida que eu havia pedido há pouco, chegou. Comecei a tomá-la com um pouco de pressa, queria ir embora dali e sair daquela situação chata que eu mesma me coloquei. Entretanto, pouco depois, comecei a me sentir... leve. Feliz.

— Vamos embora, Lara — ele falou assim que parou ao meu lado, mas sequer me olhou.

— Acho que agora eu quero dançar...

Ele me olhou como se eu fosse de outro mundo, eu ri. Simplesmente estava com energia e animada, de repente.

— Como assim dançar, Lara? Para com isso, vamos embora. Preciso de um tempo pra superar o fora que você me deu.

— Fora? — ri. — Você vai dançar comigo, não vai, Thomas?

— Lara, o que foi que você bebeu?

— Eu não sei, mas você devia beber também, me deixou tão...

— Tão?

Comecei a pensar como me sentia... eu devia estar com um sorriso nos lábios, porque simplesmente estava... feliz!

— Animada! Feliz!

Ele apenas sorriu também, acompanhando-me. Pegou na minha mão e me levou para dançar na pequena e escura pista. A fumaça e as luzes piscando me deram um pouco de tontura, mas Thomas me segurou.

— Ah, Thomas... você é tão forte!

Ele riu.

— Sou, hum?

Vi-me apertando seu braço e seu peitoral, ele gargalhou.

— Lara, pare com isso! — Ele segurou minhas mãos e me virou, encaixando-se atrás de mim, mexendo-se ao ritmo da música. — Como está se sentindo?

Ele se esfregava no meu corpo, as luzes piscavam, eu me sentia zozza, mas seu corpo forte envolvendo o meu me fazia querer ele todinho.

— Bem agora?

— Uhum...

— Estou zozza... e com tesão.

Ele riu no meu ouvido.

- Quer sair daqui?
- Você vai cuidar de mim?
- Quando foi que eu não cuidei?



Acordei na manhã seguinte com uma dor de cabeça terrível. A noite passada era apenas um borrão depois que saímos do pub, lembro-me de que, cada vez que eu piscava, eu estava de um jeito diferente. Primeiro estava no seu carro, depois entrávamos na casa dele, em seguida, me peguei o beijando... eu não via a coisa toda indo, eu só me deixava levar e sabia que queria e gostava, mas meio que não sabia o que estava acontecendo ao mesmo tempo. *Isso faz algum sentido? Eu bebi tanto assim? Lembro-me de reclamar que ele falava demais, mas do que ele falava? O que ele me perguntava que me deixava irritada? O que eu falei pra ele?*

— Bom dia.

Eu me escondi debaixo do lençol e edredom, querendo assimilar tudo que tinha acontecido e simplesmente não conseguia.

— Ei... Lara?

— O que diabos aconteceu ontem?

— Hum... vou pegar um remédio, estou vendo que a ressaca está forte.

Descobri-me do edredom e olhei para ele com raiva, mas segurei a língua. Ele me olhava verdadeiramente confuso. Nunca fui drogada, como eu sei que fui realmente drogada e não foi somente o efeito das outras bebidas batendo de uma vez?

— Lara?

— Nada... aceito o remédio — soei ríspida e ele cruzou os braços me olhando. Como voltei a deitar o ignorando, ele resolveu ir buscar o remédio. Assim que saiu, levantei-me rapidamente e me vesti, pensando com que cara eu apareceria na casa dos meus sogros com a mesma roupa da noite passada e com essa cara de acabada.

Quando Thomas voltou, ele me entregou o comprimido e a água, eu bebi e deixei na mesa de cabeceira, ele levou as mãos as minhas, segurando-as e tomando minha atenção.

— Você está bem?

— Estou... só estou um pouco confusa com tudo que houve ontem à noite.

— Acredite, eu também fiquei...

— Pode me levar embora, por favor?

— Não quer almoçar antes?

— Não, só quero ir para a casa dos seus pais... só isso.

Ele não disse mais nada, levantou-se e começou a se vestir. Ele me levou embora, minha mente ia de um extremo a outro tentando me lembrar de tudo, mas não conseguia. Chegando na casa, antes de descermos do carro, ele segurou minha mão pedindo a atenção.

— Você entende que não estamos fazendo nada de errado?

— Para ser sincera, eu não entendo nada... eu sinto muito, Thomas, sinto muito mesmo se eu bebi demais e acabei me deixando levar, mas o que nós tivemos não voltará a acontecer. Eu amo você, você é minha família, mas não é meu par, eu não estou apaixonada por você.

Ele desceu do carro e tomou a frente na casa. Eu não precisava de respostas, acho que mais clara do que fui, seria impossível. Corri para o meu quarto tentando disfarçar a todo custo, entrei no banheiro, tirei toda minha roupa e vomitei no vaso, tamanho era o asco que estava sentindo de mim mesma. Meus pensamentos ainda estavam lentos, mas pouco a pouco eu tomava consciência do que havia feito, de novo. O que diabos deu na minha mente?

Tomei meu banho, escovando os dentes, devo ter levado cerca de meia hora no chuveiro, nunca conseguia me sentir limpa. Quando saí do banho, Milly esperava por mim, feliz e contente por eu ter voltado. Graças a Deus, eu tinha só mais duas noites nesse lugar e logo voltaria para a minha casa, para o meu lar, com minha princesa.



CAPÍTULO 7

Minha paz durou pouco, já que minha sogra resolveu que eu precisava passar por uma consulta com uma psicóloga e não desistiu enquanto não concordei em ir. Segundo ela, ia deixá-la mais tranquila, apesar de eu achar que não valia de nada, já que eu não irei morar aqui para continuar o tratamento com a *“tal psicóloga mais renomada de Washington D.C.”*. Ela havia marcado para a manhã seguinte, combinamos que Emilly ficaria com ela enquanto eu ia à consulta, afinal, seria cedo e eu não pretendia demorar.

— Obrigada, minha filha, você sabe o quanto eu prezo pela sua segurança e da minha neta. Eu poderia me desculpar por insistir tanto, mas peço que entenda que, com tudo que vemos nos dias de hoje, eu ficaria muito melhor se você concordasse em, ao menos, morar temporariamente conosco. Quero dizer,

não precisa morar na nossa casa, mas conseguiríamos uma casa próxima e...

— Desculpa, Ellen, eu sempre levei muito em consideração tudo que vocês me aconselham, mas quero estar perto dos meus pais. Eu só vou a essa consulta por você.

— Só isso já vai me tranquilizar muito. Ela vai te acompanhar ao longo dos meses por vídeo-chamada como uma coach e também vai indicar um profissional excelente no Rio de Janeiro, pois talvez você se sinta mais confortável conversando pessoalmente... Tenho certeza de que logo eu verei de novo a menina radiante e cheia de vida por quem meu Eric se apaixonou.

Eu apenas assenti, querendo encerrar o assunto. Ela saiu, deixando-me novamente a sós com Emilly no quarto. Suspirei aliviada e minha garotinha sorriu feliz por estarmos apenas nós duas novamente. Ela queria voltar para casa, eu também... Apesar de estarmos nos seus avós e ela amar toda atenção que recebia deles, via que ela sentia falta de estar a sós comigo. De apenas sentar em um sofá ou deitar na cama e assistir a um desenho, ou inventarmos nossas histórias, éramos boas contadoras de histórias.

Desde que cheguei da casa do Thomas, eu e ela ficamos sozinhas no quarto e só saímos para comer. Foi pacífico, recuperei minhas energias ao lado dela... ela era meu ponto de paz.

Era um pouco depois das dez da noite, Emily dormia ao meu lado e eu esperava o sono chegar enquanto mexia no meu Instagram. Percebi que havia recebido uma mensagem de alguém que eu não seguia, então abri a solicitação e entrei no perfil da pessoa, reconhecendo-o de imediato. Era o garçom que serviu a mim e a Emily em Düsseldorf, na nossa última noite lá. Respondi ao seu cumprimento com uma pergunta: *como ele havia me encontrado?* A resposta foi óbvia, eu havia postado uma foto naquela noite e marcado o restaurante, meu perfil era aberto... eu precisava mudar urgente para privado. Eu fui o respondendo, mostrando-me desinteressada, mas educada. Na verdade, estava apenas procurando algo a mais para ocupar minha mente, quando resolvi arriscar...

Enviei uma foto do Eric e perguntei se ele o conhecia. Antes de responder, ele perguntou qual era o nosso nível de relação. *Que saco! Hum...* respondi que éramos amigos, mas eu havia trocado de celular e perdi os antigos contatos e ele não tinha redes sociais. Para minha surpresa, a resposta quase me fez enfartar.

*“Ele veio até o restaurante um pouco depois que você saiu.
Na foto ele está bem diferente, é antiga, não é? Mas era ele sim.”*

Eu me levantei. Por alguns segundos andei de um lado para o outro. Eu estava atordoada. Fui até o banheiro do meu

quarto e apoiei na pia. Estava com falta de ar.

Ele está vivo.

Confusa sobre o que fazer com a nova informação, calei-me. Não procurei meus sogros, não procurei Thomas, não fiz nada, apenas perguntei mais algumas coisas a ele, que acabou deixando Charles, o garçom, arisco. As informações que consegui não eram muitas: eles não eram amigos, ele apenas o atendeu e viu-o conversando com outra atendente, mas foi coisa rápida. Charles não sabia seu nome e muito menos que região ele morava.

Ele queria me conhecer pessoalmente, eu disse que não tinha previsão de voltar à Alemanha por enquanto – mentira. Ele queria fazer chamada de vídeo, inventei que minha filha havia acordado e eu precisava sair para cuidar dela. Ele não gostou muito, mas me deixou em paz, afinal não queria ser bloqueado. Lavei meu rosto, sem saber ao certo o que fazer, quero dizer... Como assim? Estou confusa... o que eu devo fazer?

Peguei na minha bolsa um calmante natural que costumava carregar e tomei. Deitei-me na cama novamente, fechei meus olhos e imaginei Eric...

Imaginei como seria ficar frente a frente com ele. Imaginei como seria novamente olhar nos seus olhos tempestuosos, sempre intrigantes, sempre fascinantes. Eric sempre foi tão inteligente... Imaginei como seria sentir o calor da sua pele

novamente, seu cheiro... Ele sempre me fez tão bem... Poucos dias antes de ele morrer, eu comecei a escrever um esboço, eram apenas pequenos versos, talvez depois se tornasse um curto poema, mas nunca consegui terminar.

Levantei-me e abri minha bolsa. Na minha carteira, peguei a folha que estava dobrada várias vezes, bem velha, com minha letra borrada pelas lágrimas que derramei nela anteriormente.

*“Ele tinha o olhar mais sem-vergonha
e era dono de um sorriso maroto,
que me fazia delirar.
Seu perfume era tão reconfortante,
que se tornou meu lar.
Ele era a calma de uma leve brisa,
que me refrescava no verão,
e, às vezes, também era a tempestade,
que se formava antes de um furacão.
Apesar dos seus raios e trovões nunca me ferirem,
ele sempre me pediu perdão.
E com seus beijos e carícias,
preenchia meu coração.”*

Eu me agarrei àquela folha como se fosse minha vida. Lembrando-me do sentimento, do amor, do que sentia toda

vez que estava com ele... Eu sentiria aquilo novamente, eu traria Eric de volta. Eu sabia que algo estava acontecendo. Sabia que ele podia ter perdido a memória, sabia que algo o impedia de voltar, mas não era falta de amor. Porque o jeito que ele me amava... era único. Era especial...

Aquele homem me amava com toda sua alma.



Acordei tranquila, beijei meu anjinho, que dormia ao meu lado, e me levantei para me arrumar. Não me arrumei muito, apenas ajeitei meu cabelo e passei uma maquiagem básica e vesti uma roupa que eu achava confortável, uma calça jeans larguinha, minha bota de cano curto, uma cacharrel preta e um sobretudo preto bem quentinho. Na minha bolsa, eu tinha todos meus documentos, dinheiro e o cartão com o endereço. Dei outro beijo na minha menina e deixei a porta do quarto aberta, indo avisar minha sogra que já estava indo e me despedindo em seguida.

O consultório da doutora Francine era muito elegante, senti-me muito malvestida naquele lugar. Quando ela me chamou para entrar, foi cortês e me deixou o mais confortável

possível. Eu estava inquieta, porque, no fundo, queria muito contar tudo que estava acontecendo comigo, na minha mente, no meu coração. Ela seria a pessoa perfeita, já que não poderia contar a ninguém o que conversaremos aqui. Mas ela foi indicação da minha sogra... Não queria dar um motivo sequer para deixá-la preocupada e perturbar mais a minha vida tão bagunçada.

Eu estava inquieta e notei que a doutora notou isso. Para disfarçar, contei o quanto sentia falta do meu marido, o quanto o amei, o quanto eu me esforçava para seguir em frente, mas não entrei em detalhes nessas partes. Entretanto, foquei a conversa nas coisas que me acalmavam, como minha filha, as atividades que fazia com ela e como era nossa rotina no Brasil. Encerramos em uma hora de atendimento, eu estava feliz por sair dali, e mais feliz ainda porque tinha conseguido segurar minha língua e escapei de algumas perguntas desconfortáveis dela. Afinal, minha sogra deve ter passado algumas informações sobre mim a ela. Como o que houve na Alemanha, sobre eu achar ter visto Eric... Mas acabou e, se Deus quiser, só verei essa mulher em um mês, na nossa vídeo-chamada mensal que fui intimada a fazer. Tudo bem, eu posso suportar isso... Afinal, na minha casa, eu consigo suportar tudo e, se Deus quiser, em um mês, Eric estará ao meu lado e nada disso vai importar mais.

No caminho até a casa dos meus sogros, recebi uma mensagem do Thomas:

THOMAS:

“Como foi a consulta?”

EU:

“Tudo tranquilo. Como você está?”

THOMAS:

“Estou bem... estou indo para a casa dos meus pais. Você vai passar em algum lugar antes?”

EU:

“Não. Estou indo para lá, chego em alguns minutos.”

THOMAS:

“Até já.”

Passei o resto do dia sorrindo, feliz e cheia de planos. Meu voo seria amanhã à noite e eu chegaria no Rio na manhã seguinte. Era um ótimo horário e até já tinha avisado minha mãe que iríamos direto para a casa dela almoçar, Emilly já estava feliz por isso.

Dormi bem e acordei melhor ainda. Tomei banho, lavei e enxuguei meu cabelo, vesti uma roupa bonita e passei maquiagem, fazendo um delineado fino e caprichando no volume dos cílios. Emily ainda dormia, então resolvi preparar um chocolate quente para ela e levar no quarto, em um copo. Minha menina não deixava ninguém saber que ela ainda mamava na mamadeira. Segundo ela, isso era um mimo que apenas meus olhos podiam ver...

Assustei-me ao ver pessoas estranhas na sala, junto de Thomas, William e Ellen.

— Bom dia... — sussurrei, um pouco desconfiada.

— Bom dia, querida... poderia vir até aqui? Precisamos conversar com você. — Meu sogro estendeu o braço, me chamando.

Eu me aproximei cautelosa.

— Filha... — meu sogro começou, com tom apaziguador, tive um mau pressentimento. — Primeiramente, preciso que você entenda que isso é para o seu bem.

Olhei para os crachás nos três homens a minha frente e dei um passo para trás, entendendo tudo. Eles trabalhavam para uma clínica psiquiátrica.

— Não, não, não foi isso que combinamos. — Afastei-me rapidamente, olhando assustada para a minha sogra.

— Filha, é para o seu próprio bem — ela começou e eu a cortei, sentido o desespero aflorar dentro de mim.

— Meu próprio bem? MEU PRÓPRIO BEM? — Com lágrimas nos olhos, forcei minha garganta a gritar em plenos pulmões: — VOCÊS ESTÃO ME INTERNANDO À FORÇA! VOCÊS ESTÃO ME AFASTANDO DA MINHA FILHA!

— Não faça uma cena, Lara, nós somos sua família, nós só queremos o seu bem, e você não está bem agora para se cuidar sozinha e de uma criança! — William começou a se aproximar, eu continuei andando para trás.

— Nós já contratamos duas babás para nos ajudar. Emilly estará segura e bem cuidada, apenas esperando você melhorar.

— Eu não acredito que vocês estão fazendo isso comigo. — Estava incrédula, eu não queria acreditar, mas já acreditava. Eu estava desesperada, os três homens iam me cercando cada vez mais, ali estavam em três, mas vi que tinha mais pessoas no lado de fora da casa. — Parem... Thomas, por favor, Ellen, eu confiei em vocês, como podem estar fazendo isso comigo? Eu... eu... eu não estou ficando louca, eu vou fazer o tratamento, eu juro, mas não posso ficar longe da Emilly, por favor? Eu imploro! Não me afastem dela... — implorei, demonstrando meu puro pavor em ficar longe de Emilly. As palavras saíam rápidas e desgovernadas da minha boca, meus pensamentos estavam piores.

— Você está colocando a vida de Emilly em risco... seu luto está fazendo você ver coisas, fazer loucuras, querida. Você

precisa melhorar, nós estaremos te esperando de braços abertos quando isso acontecer, eu te prometo.

Olhei para os lados, para trás, tentando encontrar uma saída para aquela situação.

— Desde quando isso é legal? Vocês não podem provar que eu fiz nada!

— Nós mandamos nosso pessoal até o evento que você participou, e as pessoas que você abordou no evento não se importaram em gravar um depoimento e nos mostrar o vídeo que você desmaiou. Um exame de sangue será feito para verificarmos que tipo de substância você tem usado, que tem te deixado com esse comportamento estranho...

— Comportamento estranho? — cortei-o. — Substância? Em um momento vocês alegam que estou vendo coisas por causa do meu luto e em outro me acusam de estar usando drogas? Vocês têm noção do quanto isso é fodido? Sou eu... — Eles não pareciam dispostos a mudarem de opinião, então ativei o modo foda-se e joguei na cara o que eu vinha pensando. — VOCÊS ESTÃO MENTINDO! VOCÊS SÓ QUEREM TIRAR A MINHA FILHA DE MIM!

Thomas se aproximou, eu levantei minha mão pronta para agredi-lo. Sei que eu não conseguiria... mas tentaria!

— Pare, será pior se você resistir. Tudo que você está fazendo está sendo gravado e será pior para você depois.

— Agora está me ameaçando? Nossa, como as máscaras demoraram a cair, não é mesmo? — gritei, sarcástica.

Olhei para os três, com ódio e tristeza, aponteí meu indicador na direção de cada um e gritei:

— EU VOU DESCOBRIR O QUE VOCÊS ESTÃO ESCONDENDO! EU VOU DESCOBRIR!

Os homens, que eu acredito serem enfermeiros, começaram a me arrastar para fora da casa. Comecei a me debater e a tentar fugir, eu não seria derrotada sem lutar! Mas fui desmontada quando vi minha filha correndo e chorando tentando me alcançar. Ela gritava tão desesperada, que cortou meu coração em um bilhão de pedaços. Ellen chorou, tentando segurar Emilly enquanto a mesma se debatia tentando vir até mim. Thomas e o pai negaram com a cabeça e me deram as costas.

— Mamãe vai voltar por você. EU PROMETO, EMILLY! EU VOU VOLTAR POR VOCÊ!

Eles me colocaram no carro e aplicaram algo no meu braço. Primeiro, senti tontura; depois, minha visão escureceu; e, então, veio o nada. Eu apaguei.



CAPÍTULO 8

Eu não sabia quantos dias haviam se passado, eram poucos os momentos que eu encontrava lucidez e, quando a tinha, avançava em quem quer que fosse, tentando fugir, tentando encontrar respostas, eu precisava falar com a minha irmã, com a minha família. Eles precisavam me tirar daqui.

Eu sabia que estava quase na hora de eles me darem remédio novamente, porque eu estava lúcida há um tempo. Eles jogavam a culpa em mim, diziam que só me dopavam porque eu não me acalmava. *Como diabos eles querem que eu me acalme?*

Eu estava deitada na cama, quieta, decidida a não me prejudicar ainda mais. Dois homens e uma mulher entraram, eram os enfermeiros.

— Bom dia, Lara, como se sente?

— Estou bem.

— Vai cooperar conosco hoje?

Confirmei com a cabeça.

— Lara, se você tentar fugir, tentar nos agredir, nós teremos que lhe sedar novamente, nós não queremos isso, tudo bem?

Confirmei com a cabeça novamente.

— Entendi isso. Por favor, eu desisti, não vou tentar mais nada. Só quero ficar... acordada.

— Tudo bem... você tem uma visita. O que acha de eu te ajudar a se arrumar para receber a visita?

— Eles trouxeram minha filha pra me ver? — perguntei esperançosa.

— Infelizmente sua filha não pôde vir, querida.

— Então não há ninguém que eu queira ver... — respondi, desinteressada.

— Mesmo? A mocinha disse que era sua irmã.

Levantei-me apressadamente e eles se aproximaram, preparando-se para me segurar. Apenas respirei fundo e segurei a emoção.

— Vamos tomar um banho e ficar apresentável para ela e seu amigo, o que acha?

— Amigo?

— É, ela está com um amigo da família, chama-se Lucas.

Fingi que o conhecia, mas eu não fazia ideia quem ele era. Duas enfermeiras ficaram comigo no banheiro, enquanto um enfermeiro aguardava do lado de fora. Fiquei com uma péssima reputação entre eles, sentia muito por isso, afinal, eles não tinham “culpa”. Pelo menos, não estavam me maltratando... Depois de pronta, vesti roupas confortáveis, era uma calça e blusa de moletom e um chinelo, que parecia uma pantufa de tão macio. Eles me levaram até uma sala onde minha irmã e um homem de terno me esperavam.

— Gabi, oh, meu Deus... — abracei-a apertado já chorando, ela também chorava muito.

— O que aconteceu, Lara? Que susto...

— Eles... — olhei para trás e os enfermeiros estavam em volta, mas eu precisava falar — eles armaram pra mim, Gabi.

— Como assim, Lara?

— A família do Eric armou para tomar a Emilly de mim, você a viu? Ela está bem?

— Sim, sim, eu acabei de sair da casa deles, tinha acabado de chegar e fui direto pra lá.

— E eles te receberam bem?

— Sim, foi tudo bem.

Eu suspirei. Malditos!

— Gabi, você me conhece desde... sempre. Você acha mesmo que eu faria algo, que eu me mataria? Que eu faria algo contra minha própria filha?

— Nunca, jamais! É por isso que estou aqui! Eles te internaram à força e não podem fazer isso, mas nós temos um problema.

— Que problema?

— Irmã, você está usando drogas? — perguntou cautelosa.

— Quê?! — exclamei, espantada. Que pergunta era aquela?

— Eles fizeram exames em você e constou que você havia usado ecstasy. Na verdade, eles disseram outro nome, um nome científico para a droga, mas, pelo que entendi, era isso.

Abaixei minha cabeça, indo me sentar na cadeira.

— Eles armaram direitinho pra mim... com certeza foi o Thomas.

— Essa é uma acusação muito séria, Srta. Ribeiro.

Finalmente me lembrei do homem que estava naquela sala conosco, Gabi se apressou em apresentá-lo:

— Lara, esse aqui é o advogado Lucas Monteiro. Ele que nos informou o que estava acontecendo.

Fiquei confusa. Como assim, ele que avisou a minha família?

— E como você ficou sabendo? Qual seu interesse nisso tudo?

Ele se aproximou para sussurrar:

— Digamos que... estragar os planos dos Russell seja do interesse do meu cliente. Seja da vida pessoal ou profissional.

— Então você foi contratado por outra pessoa, para me defender?

Ele concordou.

— Quem?

— É confidencial.

— E se isso for mais uma armação deles pra cima de mim?
— indaguei, olhando para a Gabi.

— Por que você acha isso? Eu preciso que confie em mim, Lara. Preciso que me conte tudo que aconteceu, todas as suas teorias, tudo! Eu já tenho a autorização para lhe tirar daqui, você é cidadã brasileira e, como não causou mal a nenhum cidadão americano ou infringiu nenhuma lei, você não pode ser mantida nessa instituição e nos Estados Unidos contra a sua vontade.

— E quanto a minha filha?

— Os Russell apontaram você como incapaz de cuidar de si mesma e da criança. Com as provas que eles tinham, a Justiça deu a guarda provisória para Ellen e William Russell. Como seu teste de drogas deu positivo, eu duvido muito que a Justiça irá voltar atrás e liberá-la para ir embora com você. Ao contrário de você, ela é americana e é menor. A sua soltura foi liberada com a condição de continuar o tratamento em seu país natal. Chegando ao Brasil, você será novamente avaliada por um profissional indicado pela promotoria e, se tudo

ocorrer de acordo, você não ficará internada. Apenas fará um acompanhamento semanal.

— Eu não saio desse país sem a minha filha, eu não posso...

— Você não pode continuar nesse lugar, Lara — Gabi interviu. — Vamos primeiro sair daqui e conversar em um lugar mais privado, ok?

Concordei.

— Eu preciso que você assine esses documentos, autorizando-me a responder por você durante o processo para tirarmos você daqui e recuperarmos sua filha.

Peguei as folhas e ia começar a ler. Gabi disse que já havia lido umas duas vezes, disse que eu poderia assinar, então assinei.

Menos de uma hora depois, nós estávamos indo para um quarto de hotel. Lá, eu olhei para o tal Lucas, o estudando.

— Eric é o seu cliente, não é?

— Lara... por favor, não fale do Eric — Gabi começou, mas eu a cortei.

— Tem que ser, Gabi! Foi por causa dele que toda essa merda começou. Ele não perdeu a memória porra nenhuma, ele me colocou nessa enrascada e agora está tentando reparar contratando um advogado.

Gabi me olhou com pena, mas antes que ela protestasse, contei aos dois tudo que vivi na Alemanha, sobre tê-lo visto, sobre o garçom ter dito que havia o visto também, sobre as

duas atendentes que riram quando mostrei a foto dele, sobre o vídeo, sobre o aeroporto, contei tudo!

— Não... — minha irmã ria sem humor, descrente. — Não... Eric não faria isso com você. Ele... quero dizer, não... ele não seria capaz.

Ela estava tão perdida quanto eu. Afinal, também o conhecia, ela conviveu conosco, ela sabia como ele era, como éramos juntos...

— Eric está vivo, Gabi. Quando o vi no evento, achava que ele havia perdido a memória, afinal, ele estava distraído e foi muito rápido, ele não tinha olhado na minha direção. Mas agora esse pensamento não faz mais sentido, ele me perseguiu no aeroporto! Ele deve, sei lá, ter mandado o cara vestir a roupa que ele estava para me deixar louca? Funcionou, é claro! Mas ele viu o que causou e mandou um advogado caríssimo me socorrer. E claro, um brasileiro para eu não desconfiar, nem você.

Lucas havia saído por uns três minutos para atender uma ligação, ele era um brasileiro que se formou nos Estados Unidos e tinha ótimas recomendações. Acho que nem eu conseguiria pagá-lo, mesmo tendo uma ótima renda com a pensão da marinha e dos meus livros.

— Lara, sinto desapontar e destruir sua teoria, mas meu cliente mudou de ideia. Ele está subindo agora, quer falar com você.

Minha garganta se fechou, as lágrimas ficaram presas nos meus olhos.

— Lara... eu sei que você quer que o Eric esteja vivo e, nossa, você não imagina o quanto eu também quero isso, mas não fale mais isso pra ninguém...

— Por que eu pareço uma louca, não é?

— Você tem esperança... Mas quem ouve a história e sabe o que houve na noite da morte dele, simplesmente não consegue acreditar.

Passei a mão no meu rosto.

— As pessoas não têm seu coração, Lara. Então elas não te entendem... pra recuperar a Emilly, você precisa ser forte e esquecer o Eric, tudo bem? Chore e exploda comigo, conte todas as suas teorias e ideias para mim, mas só pra mim, tá bem?

Concordei com a cabeça.

Quando um rosto tão conhecido por mim apareceu, eu chorei e corri para seus braços.

— Oh, Jackson...

Um dos melhores amigos de Eric.

— Ei, Larinha... como você está, querida?

— Péssima, Jack...

— As coisas irão melhorar agora, tudo bem? — Assenti, ele cumprimentou minha irmã e apertou a mão do advogado.

— Como... o que está acontecendo? — perguntei, confusa. Como assim, ele era o cliente do Lucas?

— Como sabe, faz alguns anos que trabalho como segurança de governadores e senadores. Atualmente, trabalho para o presidente do Senado: Kevin Pence. Ele sabia que eu era amigo do falecido filho dos Russell, seu concorrente direto para a presidência no ano que vem; e, como seu nome veio à mídia semanas atrás, bem, ele mandou te investigar e soube o que aconteceu. Pagar um advogado para você não fará cócegas no orçamento dele, mas você pode ajudá-lo a prejudicar os Russell.

Pensei no que ele havia dito, fazia sentido.

— O que ele quer que eu faça?

— Apenas se defenda. Nós sabemos que eles não te internaram de forma legítima, nosso advogado já descobriu isso e, com certeza, iremos o expor em breve. Mas o que realmente nos interessa é: por que eles te queriam fora do caminho deles? O que você fez, Lara?

Bingo!

— Você tem o apoio dele para fazer o que quiser contra os Russell, Lara. O que você quer fazer?

Respirei fundo, vi Gabi fazendo um sinal negativo disfarçadamente. Tudo que contei para o advogado seria passado para eles de qualquer forma, não teria como eu voltar

atrás disso. Eles saberão da teoria de que Eric estava vivo, mas não contarei tudo novamente.

— Eu quero pegar minha filha e voltar para o Brasil. Estava no pub Lux com Thomas, ele foi ao banheiro e no mesmo momento chegou a minha última bebida, depois que a tomei, eu me senti... diferente. Ele me drogou, Jack. Eu não quis admitir isso para mim na manhã seguinte, mas depois de tudo que aconteceu, só pode ter sido ele. Thomas me drogou!

Ele assentiu.

— Iremos enviar um pessoal para recolhermos as gravações desse pub e falarmos com os funcionários.

— Um garçom trouxe até minha mesa, Thomas não estava comigo quando eu a recebi.

— Ok, toda informação é importante. Vamos procurar quem serviu sua mesa naquela noite e interrogá-lo. Nós iremos derrubar eles, Lara.

Assenti.

Não pretendia derrubá-los. Pretendia sambar na cara deles de uma forma que até o diabo sentiria pena. Confiava cegamente neles, eu os amava, eram minha família. O gosto da traição ainda estava amargo em minha boca. Eles tomaram minha menina de mim de uma forma muito baixa. Nunca me esqueceria do olhar desesperado dela... engoli em seco, tentando recolher a vontade de chorar. Eles discutiram mais alguns pontos sobre os próximos passos e depois todos

saíram, apenas Gabi ficou comigo no quarto de hotel. Descobri que eu estava naquela clínica há oito dias.

Durante esse tempo, Thomas foi me ver três vezes e não me lembro de tê-lo visto, provavelmente eu não estava consciente. Ele levou algumas de minhas roupas em uma das visitas, então eu tinha algumas roupas para usar nos próximos dias. Segundo Jackson, só precisávamos esperar notícias deles, eles cuidariam de tudo, então, como eu não tinha mais celular, pois isso Thomas não fez questão de devolver, fiquei aguardando ansiosamente notícias pelo celular da minha irmã.



— Eu não trago boas notícias, Lara — Lucas começou, entrando no quarto. Fiquei esperando que ele continuasse. — Tentei conseguir uma audiência para pedirmos formalmente a guarda da Emilly, mas o pedido foi negado.

— Como assim? Eles não querem nem ouvir? Não estou tendo nem uma chance de me defender? Como eles tiram uma criança pequena de uma mãe dessa forma?!

— Sinto muito, Lara.

— Eu não vou embora sem ela, Lucas. Eu quero vê-la, agora!

— Está pronta? Irei acompanhá-la na visita. Mas você precisa se controlar, Lara. Você não pode levantar a voz a eles, não puxe briga, eles irão filmar tudo e usar contra você. Eles irão te provocar, você precisa ficar calma.

— Eu só quero abraçá-la, é só isso que eu quero... — sussurrei com a voz embargada e com lágrimas nos olhos.

— Prometa-me, Lara, você irá se comportar?

— Eu irei, prometo. — Ele me estudou com o olhar e fez sinal para que eu passasse por ele.

No carro, eu e Gabi fomos no banco de trás. Lucas e um segurança estavam no da frente. Não demorou muito para chegarmos à mansão dos Russell. Quando a empregada permitiu minha entrada, minha menina veio correndo na minha direção, eu me abaixei para abraçá-la.

— Oh, meu Deus, que saudades...

— Ah, mamãe, eu fiquei com tanto medo. Mamãe, você sumiu. Mamãezinha, não pode ficar tanto tempo *folá*.

Respirei fundo e afastei um pouquinho para olhar no seu rosto, ela passou suas mãozinhas no meu rosto, enxugando as lágrimas.

— *Lágrimas* de saudade, mamãe?

— Sim... chorei todas as noites com saudades de você, eram muitas lágrimas...

— Eu *cholei* também... você *demolou pa* vir me buscar. Já podemos ir *pa* nossa casa no *Basil*?

Eu a abracei de novo, para ela não ver meu rosto, a dor que eu não conseguia controlar. Passei a mão no meu rosto antes de voltar a olhá-la.

— Ainda não, princesa... — Sentei-me no chão ali mesmo e a coloquei no meu colo. Ela me olhava curiosa. — Como foram esses dias aqui? Eles foram legais com você?

— *Folam* sim, mamãe, muito legais! Agora eu tenho uma babá que me ensina a fazer *talefinhas*.

— Tarefinhas?

— É, igual nossas brincadeiras de escolinha.

— Hum... que legal, Emilly... deve ser divertido! Você viu a tia Gabi? Estava com saudade dela, né?

— Muita saudade! — ela falou olhando para a minha irmã, que se aproximou e se sentou do meu lado. William, Ellen e Thomas estavam afastados, na sala, nos observando.

Eu estava em dúvida se questionava Emilly sobre qual foi a explicação que deram a ela a respeito daqueles homens me arrastarem para fora de casa e me levarem embora. Emilly parecia bem, graças a Deus. Então, não sabia se devia mexer nessa ferida, ou não. Por fim, preferi me calar.

Ficamos mais um tempão ali, conversando, ela me contando tudo que havia comido e feito durante os dias que fiquei fora. Em nenhum momento, ela me perguntou o que eu

estava fazendo, isso era bom. Independente de tudo, eu só queria que ela ficasse bem e, aparentemente, ela estava bem. De repente, Emilly se levantou e me chamou para ir com ela. Segurei sua mão e ela me arrastou pela casa. Ninguém nos impediu, para a sorte deles! Ela me levou até um quarto de visitas, que transformaram em um verdadeiro quarto de princesas, um quarto para ela.

— Olha, mamãe! Vovó mandou fazer *pa* mim! Olha o tanto de coisa *malavilhosa*!

Eu sorri.

— Nossa, que quarto incrível, Emilly! Eu adorei...

— Mas eu avisei minha vovó que esse é meu quarto *dulante* o dia, aí *dulante* a noite eu durmo com você, né, mamãe?

— Mas na nossa casa você não dorme com a mamãe.

— Mas aqui não é nossa casa, mamãe.

Os golpes estavam sendo fortes demais. Jesus, dai-me forças!

— Emilly, hum... aconteceu um pequeno problema, querida.

— Que *poblema*, mamãe?

— Você terá que ficar com seus avós por um tempinho.

— Como assim, mamãe?

Respirei fundo, abaixei-me para ficar na altura dela. De relance, vi Thomas encostado no batente da porta.

— Você terá que ficar morando com o vovô e com a vovó por um tempinho, só até a mamãe resolver um problema...

— Mas... por que eu não posso ir resolver o *poblema* com você, mamãe? Eu *plometo* que eu fico quietinha...

— Oh, meu amor... não é culpa sua... eu amo suas brincadeiras, sua voz cantarolando e suas histórias, você é perfeita!

— Então por que não posso ir com você? — Ela começou a chorar e eu também... eu a abracei.

— Eu não sei, meu amor... mas você não pode.

— Mas... onde você vai, mamãe? Vai *pa* nossa casa? Por que você não pode mais *dormi* aqui comigo? Ela pode, não pode, tio Thomas? Ficar aqui na vovó?

Olhei para ele, queria gritar na sua cara, ele ousava ficar emocionado! Era um falso! Ele negou com a cabeça e saiu. Minha filha não entendeu nada.

— Filhinha, não tem problema, tá bom? Escute atentamente a mamãe, eu vou te passar uma missão importante, tudo bem? Você é uma mocinha grande, não é? Sei que você é capaz.

— Sim, sou mocinha. Pode falar, mamãe.

— Sei que vai doer ficar sem a mamãe. Eu também vou ficar com muitas saudades e triste sem você. Mas... você precisa acreditar que eu vou voltar pra te buscar, eu prometo

que, assim que eu tiver a resposta que estou buscando, virei te buscar.

— Quantos dias, mamãe? Dois?

Ah, Deus... dai-me força.

— A sua missão é: obedecer seus avós, fazer as tarefinhas e brincar, pode se divertir. Faz de conta que está de férias, tá bem? Não pensa muito em quantos dias você ficará aqui. O que importa de verdade, é que eu te amo, você é meu coração, lembra? Você é meu ar, Emilly.

— Sim, você me respira! — ela riu e mostrou o pescocinho para que eu desse um belo de um cheiro nela! E eu dei, ela gargalhou.

— Sim, eu te respiro! Então, apenas se divirta, isso aqui é passageiro, logo eu voltarei para te buscar e voltaremos a nossa vida. Só eu e você.

— Tudo bem, mamãe. Te amo, minha rainha do reino gelado alemão.

— Te amo, minha princesa do reino gelado alemão.

Abracei-a apertado, com o coração um pouco mais calmo. Ela ficará bem...

Demos as mãos e saímos do quarto, Thomas estava esperando no corredor.

— Podemos conversar?

— Filha, vá falar com sua tia, tá bem? Já, já, a mamãe te alcança.

Milly saiu correndo, pulando feliz. Ele entrou no quarto de Emilly e eu fui atrás, parei na sua frente e, quando ele abriu a boca para falar, eu dei um tapa tão forte na sua cara, que eu acho que chegou a abrir meu pulso, a palma da minha mão ardia de uma tal forma que eu tive que apertá-la para ver se passava. Ele colocou a mão dele sobre o rosto, seus olhos me encaravam com fúria.

— Bom, eu já disse tudo o que eu queria com esse tapa. Será minha forma de comunicação com você a partir de agora. Tem certeza de que quer conversar?

— Você sempre foi teimosa demais, não sei por que eu quis tentar conversar.

— Estou de saída então... — Virei-me para sair, mas ele segurou meus braços, empurrando-me na parede.

— Aperta um pouco mais forte... — sussurrei, venenosa. — Será bom ter algo para apresentar ao juiz em minha defesa, já que vocês me deixaram sem saída. Pensaram em tudo, não é mesmo?

— Nós não fizemos nada, Lara.

— É mesmo, Thomas? Não foi você que me drogou naquela noite? Não aguentou levar o fora? Ou já iria fazer de qualquer forma? — Fiquei na ponta dos pés, para aproximar minha boca do seu ouvido e sussurrei de forma provocativa: — Como foi pra você possuir meu corpo, sabendo que minha mente estava no seu irmão?

— Cale a boca, Lara!

— Como foi transar comigo sabendo que eu só fazia aquilo porque estava drogada?

Ele segurou meu rosto apertado e sorri vitoriosa.

— Vá embora agora, Lara. Qualquer chance que você tinha de ficar bem comigo, você perdeu.

— Ficar bem com você? Quão delirante você é?

— Exato, querida. Ou você se esqueceu de que, ficando comigo, você ficaria mais perto dela...

— Acha que pode me ameaçar?

— Eu acho não, eu posso fazer o que eu quiser... e não vamos se esquecer de que, naquela noite, na sua casa, sua mente não estava no meu irmão... era meu nome que você gemia, de olhos bem abertos, querida... você me queria, Lara, e se eu quisesse um pouco mais, teria qualquer coisa de você.

— Você teve tudo que poderia ter de mim...

Ele me soltou.

— Eu não queria que as coisas fossem assim... — ele começou, mas o cortei.

— Muito menos eu. Mas muitos erros foram cometidos para voltar atrás agora.

Ele assentiu.

Virei-me para sair, respirei fundo e tentei disfarçar quando cheguei a sala e Milly estava no colo da sua tia, sorrindo. Eu a peguei no colo e dei-lhe um beijo estralado.

— Mamãe, você já vai?

— Sim... mamãe já vai... mas logo mamãe volta, tá bom?

— Amanhã?

— Amanhã não, querida, mas vai ser logo.

— Tá bom, mamãe... vou te esperar. Nós podemos falar em ligação, não é?

— Podemos sim, é claro! Eu te amo, minha princesa.

— Também te amo, mamãe.

Abracei-a e beijei-a várias vezes, demoradamente, antes de ir embora. Meus sogros haviam feito minha mala e devolvido meu celular, que decidi jogar fora ainda naquele dia. Nós não conversamos, meu advogado disse que faltava pouco para ele invadir a casa e ir atrás de mim, que eu não deveria ter falado com Thomas em particular e muitas outras coisas, mas eu só concordava para não deixar o assunto ainda mais longo.

De volta ao hotel, com meu celular desligado e apenas na companhia de Gabi, contei o que eu havia decidido.

— Gabi... acho que teu namorado finalmente vai me servir para algo.

Ela riu sem entender.

— O que o Rafael pode fazer por você?

— Eu vou precisar de um passaporte falso, Gabi. Vou comprar agora minha passagem para o Brasil e, logo depois, vou voltar para Düsseldorf. Eu não estou louca, irmã. Eu sei o que vi.

— Mas... não! Você está louca, sim! E se na imigração descobrirem que o passaporte é falso? Você vai presa, Lara!

— E se o presidente do senado me ajudasse nisso? — perguntei. Ela me olhou indignada, esperava que eu estivesse brincando, mas, depois de alguns segundos, percebeu que eu estava falando sério.

— Você definitivamente está usando drogas.

— Eu não posso ir pra Alemanha com meu documento, Gabi. Eles iriam me buscar quando eu ainda estivesse dentro do avião.

— Lara, e se você estiver arriscando tudo por nada?

— Gabi, eu vou, com a sua ajuda ou sem ela — declarei.

— Deus, como você é teimosa! E a Emily?

— Eu odeio admitir, mas eles estão cuidando bem dela. Nada irá acontecer a ela...

— Ela sentirá sua falta...

— Eu sinto dela todos os dias, mas já fui longe demais para voltar atrás, eles não irão devolvê-la pra mim. Minha única chance é desmascará-los.

Ela suspirou derrotada.

— Liga meu notebook, vamos comprar sua passagem e alterar a minha...

Abracei-a apertado.

— Obrigada, mana.

Eu estava mais motivada que nunca. Meus pensamentos estavam a mil, planejando e buscando alternativas. Como se estivesse planejando um dos meus livros, eu sairia do país com um alfabeto inteiro de planos. Falhar não era uma alternativa, então isso não aconteceria...



CAPÍTULO 9

Dez dias se passaram... eu já estava no Brasil há oito dias. Já havia conseguido o passaporte falso, ontem fiz minha primeira consulta com o psiquiatra que recomendaram e hoje, finalmente, embarcaria para a Alemanha, para Frankfurt, mais precisamente.

Meus pais nem imaginavam que eu faria essa loucura. Gabi ficaria para conter os danos. Eu estava com medo por ela, de eles imaginarem que ela sabia de algo e tentarem fazer mal a ela. Mas nunca fiquei tão agradecida de o namorado dela ter tantos contatos, ele ficaria de olho neles. Prometi que nunca mais falaria mal dele, mas não sei se depois que eu voltasse, poderei cumprir essa promessa. Mas enfim... ela não era mais uma criança. Com seus 24 anos, sabia muito bem o que fazer da vida. E também tinha o Jackson e seu pessoal, eles estavam

de olho em nós e sabia que não conseguiria me esconder dele, ou de ninguém, por muito tempo, mas, por enquanto, não contaria nada.

A saudade que eu sentia de Emilly partia meu coração todos os dias, mas ela estava bem. Falei com ela todos os dias. Eu tinha comprado dois celulares. Um deles eu já tinha ativado com um chip para conversar com Emilly, e ficou sendo como meu número de *WhatsApp*; e o outro, usarei na Alemanha.

Antes de fazer o passaporte, eu comprei uma peruca de cabelo humano, castanho-escuro, bem longo e cheio, ficava praticamente na minha bunda. Eu amei! Foi caríssima, mas valeu a pena, ficou muito natural em mim. O passaporte estava perfeito; se eu fosse presa com ele, estava fodida, claro. Mas eu iria correr esse risco. Despedi-me da minha família como se apenas estivesse indo para a minha casa. Deixei meu celular ligado dentro de casa e levei o outro que ainda estava sem chip. De vez em quando, Gabi iria para minha casa para manter o celular ligado e checar as mensagens de texto, fiquei com medo de deixar todo o tempo na tomada para não desligar e acabar colocar fogo na casa, afinal, eu não tinha um bom histórico nisso. E também, caso alguém o rastreasse, eu teria cobertura, pelo menos por um tempo.

No aeroporto, eu fiquei o tempo todo com um fone de ouvido, cantarolando músicas aleatórias para acalmar o

nervosismo e fiz o mesmo quando pousei e fui passar na imigração da Alemanha. Quando passei por eles, finalmente pude respirar em paz e minha dor de barriga psicológica foi embora. Eu não tinha levado muito dinheiro, porque já tinha gastado muito com a compra do passaporte, peruca e mais algumas coisas que levaria na viagem, além das passagens de ida e volta.

Então, caso a família do Eric me procurasse, a primeira coisa que precisariam, seria minha conta bancária. Saquei o dinheiro necessário para trocar por Euro na casa de câmbio e também estava levando um cartão pré-pago. Não era muito. Eu sobreviveria no máximo um mês com esse dinheiro, dependendo dos meus gastos, então eu tinha que agir rápido, porque fazia muito tempo que eu não sabia ser muito econômica, principalmente com comida.

Saí do aeroporto e usei o transporte público para ir até a estação de trem que me levaria até Düsseldorf. Seria quase duas horas de trem, eu já tinha a passagem. A pior parte já havia passado, então eu estava relaxada no banco do trem, que, inclusive, era muito confortável. Quando cheguei em Düsseldorf, parecia que até o ar era diferente. Eu estava esperançosa, sabia que tudo podia dar errado. Contudo, eu também sabia o que tinha visto, era ele. Era Eric. Então, essa jornada não seria à toa.

Fui para um *Airbnb* que havia reservado, era um flat de um quarto, tudo bem pequeno, mas estava perfeito. Perto do centro, mas discreto, era tudo que eu precisava. Já era um pouco tarde quando cheguei no flat, quase nove da noite. A chave estava na portaria, então eu logo subi até o sexto andar e entrei. Em seguida, procurei em um aplicativo algo que eu pudesse pedir para comer. Nessa noite, eu só iria descansar. Mas, na manhã seguinte, minha busca por Eric iria se iniciar.



De manhã, coloquei uma roupa confortável, passei maquiagem e arrumei meu cabelo. Arrumei minha bolsa com meus documentos e um dinheiro para passar o dia. Pretendia fazer compras e conhecer a vizinhança, para ter certeza de que ficaria nesse *Airbnb* por mais um tempo. Andando na vizinhança, não achei tão boa quanto pensei que seria. O pessoal aqui faltava te atropelar na fila do mercado, eram muito rápidos e grosseiros, mas tudo bem. Comprei algumas coisas fáceis de preparar e voltei para deixar no flat, depois saí novamente, andando sem destino, sem rota.

Queria conhecer a cidade, a região. Queria ir às lojas, ser uma turista, respirar. E foi o que eu fiz. Por três dias, eu apenas passeei, conheci melhor Düsseldorf, olhei vitrines e, claro, vigiei o restaurante que fui da outra vez, onde Charles e as meninas que riram trabalhavam. Não vi nada do que esperava. Literalmente, nada. Na noite de sexta-feira, resolvi jantar no restaurante. Charles me reconheceu na mesma hora.

— Hum... pensei que não tinha planos de retornar... O que te fez mudar de ideia?

— Trabalho... — Sorri. — Como você está?

— Você parou de me responder, então estou um pouco bravo, na verdade.

— Desculpe, tive alguns problemas e resolvi ficar um pouco em off de redes sociais.

— Faz parte, todo mundo tem uma fase ruim.

Concordei e fiz o pedido, que logo veio, mas quem trouxe foi uma garçonete, a mesma que riu quando lhe mostrei a foto.

— Conseguiu achar seu amigo? — ela perguntou. Franzida à testa, surpresa por ela ter se lembrado de mim, ela percebeu minha confusão e sorriu. — Charles não para de falar de você lá dentro!

Eu ri e desviei o olhar, sem graça.

— Não o encontrei, mas está tudo bem.

— Mesmo? Charles ficará feliz em saber disso.

— Eu não, hum...

Ela me cortou de repente, parecendo empolgada:

— Ei, o que tem para fazer hoje? Por que não sai com a gente? Vamos a um clube muito divertido, você vai adorar!

Minha mente começou a trabalhar com centenas de possibilidades, mas, quando percebi, já estava concordando em ir.

— Que horas encontro vocês, e onde?

Ela marcou em um pedaço de papel o nome do clube e combinamos de nos encontrar lá, às onze da noite.

— Se não for pedir muito, pode levar o batom que você está usando? Eu adorei a cor!

Sorri sem graça e concordei, olhando para o prato à minha frente. Eu tinha até perdido a fome depois disso. Senti-me ansiosa.

Mandei mensagem para a minha irmã, vínhamos conversando todos os dias, assim como também falava com Suzy e a Bia, que sabiam que eu estava fora do país, mas era a única coisa que sabiam a respeito de tudo. Pois elas também não podiam contar nada a ninguém, e com certeza seriam as primeiras pessoas a serem contatadas quando sentissem minha falta.

Comi minha comida, despedi-me de Charles, que confirmou o local e trocamos nossos contatos. Depois disso, fui para o flat. Tive pouco tempo para me arrumar. Tinha passado o dia todo fora andando pela cidade, não estava muito

cansada, mas não estava no ânimo de ir a um clube. Contudo, essas duas meninas sabiam de algo sobre Eric, então eu tinha que me aproximar.

Então, eu tomei banho, lavei e sequei meu cabelo, fiz uma maquiagem clarinha, mas passei um batom vinho que deu um charme. Coloquei uma meia-calça preta, uma bota que eu sempre usava, mas amava, de cano baixo e com salto médio. Usei um vestido vinho, justo e curto, mas de manga comprida com alguns detalhes em tule entre os seios e nas costas. Era ousado, mas eu gostava dele. Para finalizar, coloquei um casaco preto bem quente e comprido. Na minha bolsa, deixei apenas minha habilitação brasileira, cartão, algum dinheiro e dois batons. Achei melhor deixar meu passaporte aqui, afinal, na boate não verificariam meu visto e, se eu o perdesse, iria complicar minha vida.

Chamei o Uber e fui até o clube. Ficava cerca de quinze minutos de carro, bem perto. Eu já falava com Charles por mensagem de texto. Por segurança, mandei minha localização em tempo real para o Rafael, namorado da minha irmã. Isso poderia foder tudo, mas era melhor eles saberem minha localização do que eu ser morta e nunca encontrarem meu corpo, ou não saberem o que aconteceu comigo por muito tempo. Com a localização, eles teriam onde começar a me procurar.

Jesus, que pensamento mórbido!

Desci do carro e já avistei os três olhando para os lados me procurando. Andei até eles e a garçonete, meu Deus, como era o nome dela? Enfim, ela sorriu animada.

— Finalmente você chegou! Vamos entrar! — Ela saiu me puxando, pulando toda a fila. Eu sorri para a outra mulher, que sorriu de volta. Charles apenas ria de algo que eles falavam antes. Os três pareciam ter cerca de 30 anos também. Charles atraía olhares por onde passava, era moreno, tinha o cabelo bem preto e o usava um pouco bagunçado, era charmoso. Tinha o corpo bem definido. Vestia-se como um *bad boy*, de jaqueta e calça pretas. As mulheres, que pouco depois perguntei seus nomes, Cora e Lory, sabiam como se maquiar. Estavam vestidas para caçar e eu ria de cada absurdo que elas falavam. O inglês das duas era carregado de sotaque, o que era normal, já que não era o primeiro idioma delas. Mas eu já imaginava que, depois de bêbadas, eu não entenderia nada que elas falariam.

Nós pedimos cerveja, começamos a conversar, mas o som da música estava bem alto. Eles tinham muitos amigos por ali, deviam sempre frequentar o local, que, confesso, era bem legal. Suzy e Bia iriam amar! Os alemães eram muito bonitos. Era um prato cheio para elas... Deixei me levar pelas companhias, os homens olhavam, mas nunca chegavam para conversar, isso era bom, eu não estava ali para isso, mas, em contrapartida, Charles pensava que eu estava ali por ele. O que

me deixava desconfortável, por isso sempre tentava ficar mais perto das duas mulheres. Ele se aproximava cada vez mais, eu entendia que tínhamos que falar perto um do outro por causa da música alta, mas... perto da orelha e não da boca!

— O que te impede de me beijar, Lara? — ele perguntou sem rodeios depois de ver que eu fugia dele.

— Eu, hum...

— Nada a impede. — Ele se aproximou mais, eu desviei com pressa e meio atrapalhada.

— Preciso ir ao banheiro, já volto.

Saí dali às pressas, não dei cinco passos antes de paralisar, vendo Eric a menos de cinco metros de mim. Ele me olhou, deitando um pouco sua cabeça para me observar, estava sério, enquanto pessoas passavam no nosso caminho, impedindo nossa perfeita visão um do outro. Comecei a praticamente correr em sua direção, mas, de repente, ele sumiu. Olhei em volta, buscando-o, mas não o encontrei. Por um segundo, duvidei da minha condição mental. Eu já estava bêbada? Eu não tinha o visto tão de perto ainda, parecia ele, mas, ao mesmo tempo, estava tão diferente. Mas os olhos... ah, seus olhos...

Caminhei para o banheiro, passei uma água no pescoço e olhei para o meu reflexo. Eric estava brincando com a minha mente e isso não se fazia! *E se... e se eu testá-lo? Até onde ele estaria disposto a se manter distante, comigo tão perto?* Tirei

meu batom, que já estava saindo, e não repassei, arrumei melhor meu cabelo e me preparei psicologicamente para enfrentá-lo. Eric era ciumento, muito ciumento. Eu o testaria nessa noite, já que ele não me deixava me aproximar, eu o faria vir até mim.

Saí do banheiro confiante, fiquei olhando em volta a todo momento, mas não o vi em lugar nenhum. Pedi mais uma cerveja no bar e, enquanto esperava, alguém parou atrás de mim. Para minha decepção, era Charles.

— Estava preocupado, você demorou...

— É, tinha uma pequena fila no banheiro e demorei um pouco pra ser atendida aqui. — Apontei para o bar.

Ele se aproximou mais, o barman finalmente me entregou a cerveja, olhei ao redor o procurando, eu não o via, mas eu queria acreditar que ele estava por ali, observando-me, pois, caso contrário, aquilo não valeria de nada. Charles colocou a mão na minha cintura, eu não a tirei. Sem me dar tempo de pensar demais, colou os lábios nos meus, eu permiti. Eu o beijei de volta, com uma de minhas mãos eu segurava minha cerveja; e com a outra, seus fios de cabelos pretos, deixando-o mais perto, puxando-o para mim. Beijei-o com desejo, fingindo, pelo menos. Quando nos separamos, ele sorriu satisfeito, eu apenas dei um sorriso de canto e o chamei para voltar com seus amigos. No segundo que paramos ao lado dos

seus amigos, Cora e Lory me “ajudaram” a terminar minha cerveja e me arrastaram para dançar.

Tinha uma multidão de gente ali, mas aquelas duas eram tão doidas quando estavam bêbadas, que era impossível não rir e se deixar levar. Estava escuro, as luzes piscavam e deixava tudo intimidador, sexy, livre. Em um piscar de olhos, eu o vi de relance. Foquei meu olhar e ele se aproximou. Se eu esticasse o braço, eu o alcançaria. Ele me olhava nos olhos, a mesma expressão neutra no rosto. Começou a me cercar, rodeando-me, brincando comigo. Meu coração estava tão descompassado que eu suspeitava que iria enfartar ali mesmo. Tentei tocá-lo, ele se afastou como se me repelisse, eu sibilei seu nome, ele parou.

— Fique... — sussurrei, mesmo sabendo que não escutaria. Implorei, mesmo sabendo que seria em vão.

Ele veio para trás de mim no meio daquela multidão, minha respiração estava pesada, eu podia sentir meu coração batendo nas palmas das minhas mãos. Senti seu corpo bem atrás do meu, sua mão tocou minha barriga, puxando-me para ele, eu não me movi, apenas permiti senti-lo tão perto novamente, mas faltava explodir de tensão no meio de todo mundo. Ele era bem alto, notei quando abaixou seu rosto para ficar na altura da minha cabeça, deixando sua boca bem perto do meu ouvido. Eu pude sentir o calor do seu sopro quando ele sussurrou:

— Vá embora, Lara. Antes que eu acabe matando você.

Sua voz grave fez todos os meus pelos se arrepiarem. Ele se afastou e sumiu no meio da multidão, eu não conseguia respirar. Estava tão surpresa, que mal conseguia pensar a respeito. Que merda tinha acabado de acontecer aqui?



CAPÍTULO 10

Olhei ao redor e não vi Lory e Cora, e muito menos Eric. *Eu não sabia o que pensar, o que fazer, quero dizer, como assim, Eric acabou de me ameaçar de morte? Ele sabe quem eu sou, disso já não tenho dúvidas, mas... ameaçar me matar?* Respirei ofegante, confusa, o efeito da bebida não me ajudava em nada.

Resolvi que iria embora, então fui até o local que Charles estava anteriormente e ele e seus amigos ainda estavam por lá, Cora e Lory também. Avisei que iria embora e, com muita dificuldade, consegui convencê-los de que estava em condições de pedir um Uber e ir para casa sozinha, eles estavam muito bêbados. Peguei meu casaco que estava no guarda-volume e solicitei um Uber, que não demorou a chegar.

Quando finalmente entrei no flat, a ficha começou a cair do que tinha acabado de acontecer. Eu não estava louca, Eric

estava vivo, mas me queria longe. Despi-me e fui tomar banho, eu precisava me despertar, ainda mais. Queria entender o que havia acontecido, porque ele tinha falado comigo daquele jeito, como se... como se eu não fosse nada pra ele? Tentei dormir, mas não conseguia, acabei vendo o dia clarear. Apesar de ter passado o resto da noite em claro, eu estava tão amortecida com o que tinha acontecido, que nem consegui chorar. Eu ainda estava um pouco descrente com tudo, afinal Eric estava diferente.

Sua voz tinha o mesmo timbre poderoso, mas ele parecia maior, ainda mais forte. Seu rosto mudou um pouco também, ele usava uma barba rala, e a pele tinha perdido o bronzeado bonito que costumava ter. Contudo, ele parecia que estava ainda mais lindo do que eu me lembrava, se é que isso era possível. Ainda podia sentir o calor do seu toque na minha barriga, puxando-me para ele. Ele era tudo o que eu pensava... eu estava aqui, em Düsseldorf, estava muito perto e não desistiria. Ele me devia uma explicação e não irei embora enquanto não a recebesse. Em algum momento durante a manhã, finalmente fui vencida pelo sono e desmaiei.

Cinco dias se passaram, todos já deram minha falta, inclusive os Russell. Na segunda, quando faltei à consulta, minha situação complicou. Remarquei para sexta-feira e isso seria o máximo que eles tolerariam. Hoje era quarta.

THOMAS:

“Onde você está? Me fale a verdade antes que meus pais descubram e fique pior pra você, Lara.”

Thomas enviou no meu *WhatsApp*. Eu ri. *Ele acha mesmo que eu vou contar?*

EU:

“Estou em casa, não que isso seja da sua conta. Estou focada em um livro e não quero quebrar meu ritmo.”

THOMAS:

*“Sério? Eu te liguei um milhão de vezes agora mesmo, mas no mesmo segundo que eu ligo e mando mensagem, você responde apenas o *WhatsApp* e não fala nada das ligações.”*

Respirei fundo, pensando em uma resposta inteligente, ele podia estar me testando.

EU:

“Eu não queria nem estar te respondendo, acha mesmo que eu atenderia uma ligação sua? Me poupe! Além do mais, não apareceu notificação de suas ligações. Surpreende-me você conseguir ligar, eu bloqueei seu número para ligação.”

Ele não me respondeu mais... eu tinha até sexta-feira para descobrir mais a respeito do Eric com segurança, porque, depois disso, eu sabia que aqui seria o primeiro lugar que a família do Eric iria me procurar. Eles também me conheciam bem demais.

Cora me convidou para um churrasco na sua casa, seria no final da tarde, coisa simples. Charles e Lory também iriam. Não era como se eu tivesse muito o que fazer, então me arrumei e fui até o endereço que eles me passaram.

Tinha cerca de oito pessoas contando comigo, apenas eu e mais um homem não falávamos alemão, então todos conversavam em inglês para estarmos por dentro do assunto. Eles assaram carne, compraram cervejas e ficamos conversando por horas. Entre um assunto e outro, Cora me fez uma pergunta que fez meu coração disparar.

— Lara, eu tinha esquecido de perguntar... Por que estava procurando aquele homem?

— Cora, já te falei sobre isso! — Charles interview, rindo.

— Ah, Charles, não seja ciumento. Quero saber o que a Lara é do meu vizinho bonito.

— Vizinho? — O choque que tive ficou evidente para todos ali.

— Bom, eu não sei qual é a casa dele, mas sempre o encontro no supermercado a duas quadras daqui.

— Por que não me falou dele quando te perguntei? — questionei.

— Não sei. — Deu de ombros. — Eu não sei nada sobre ele, nem sequer seu nome, então o que eu poderia te falar? Só consegui rir e mostrar para Lory sobre o vizinho gostosão que eu sempre falava.

Desviei o olhar e ri, tentando disfarçar.

— Ele é um amigo que eu esperava encontrar quando vim da outra vez. Troquei de celular e de número e então perdemos totalmente o contato, já tem um tempo. Ele não tem redes sociais, então ficou difícil encontrá-lo. Mas lembro-me de que a última vez que nos falamos, ele me disse que morava aqui, em Düsseldorf.

— Que sonho de homem! Como é o nome dele?

— Eric...

— Hum... Eric... combina com ele.

— É...

— Ah, vamos mudar de assunto, que tal? — Charles interviu, vindo para o meu lado, fazendo as pessoas ao redor

rirem.

Junto com Lory e Cora, tinha mais dois casais, muito simpáticos por sinal. Charles não tinha tentado mais nada. Até então, havia se mantido distante, mas se aproximou e, quando viu que ninguém nos olhava, segurou meu queixo, olhando para a minha boca e meus olhos.

Desviei o rosto, olhando para baixo.

— O que foi? — perguntou.

— Eu não vim aqui pra isso, Charles. Me desculpe, mas não quero me envolver com ninguém agora.

Ele se afastou e fez sinal de rendição.

— Como quiser, Lara.

— Por favor, não quero que as coisas fiquem estranhas, é que...

— Ei, sem estresse, ok? Eu sei levar um fora.

Sorri e me aproximei.

— Obrigada por entender, não é exatamente um fora. É só que... enfim, só não posso agora.

— Não precisa me explicar, está tudo bem. — Ele me envolveu com seus braços e deu um beijo na minha testa, parecia querer me confortar.

Agradei mentalmente por aquilo. Seria um problema a menos para pensar a respeito...

Era pouco antes das onze da noite quando decidi ir embora, tinha bebido apenas duas cervejas, principalmente

depois do que ela havia me falado. Queria ir para o flat, ter uma boa noite de sono e retornar ali na manhã seguinte. Eu estava disposta a ficar andando em círculos nos quarteirões ali perto se fosse preciso, mas amanhã eu encontraria Eric.

Na manhã seguinte, tomei banho e me arrumei para sair. Coloquei minha bota sem salto e de cano alto. Para o meu azar, estava mais frio do que qualquer outro dia desde que cheguei. Coloquei calça jeans, uma blusa de segunda pele, outra de lã e, por cima, meu casaco comprido preto. Ele era o mais quente que eu tinha, teria que servir. Peguei um cachecol, touca e luvas também. Peguei minha bolsa e, por garantia, também estava levando um carregador portátil. Usei o transporte público para chegar até a região da casa da Cora, pesquisei por mercado ali perto e o encontrei.

Eram apenas dez da manhã quando cheguei em frente ao mercado. Entrei e observei ao redor, comprei um pacote de bolacha para disfarçar minha entrada ali e saí rapidamente, depois de ver que Eric não estava por ali; se estivesse, seria fácil demais e eu nunca conseguia algo de forma fácil, não tinha essa sorte... Comecei a andar sentido à casa da Cora, não a chamaria, claro. Mas era o caminho que ela fazia e o via por ali, então talvez tivesse chance de encontrá-lo.

Andei por duas horas, observando as casas, as pessoas, sempre olhando para trás, para ter certeza de que ele não me seguia também, afinal, nunca se sabia. Eu precisava almoçar,

estava com fome. Então, pesquisei por restaurante ali perto e descobri que tinha um brasileiro por ali, seria perfeito. Comecei a seguir o que o mapa indicava, minha barriga faltava roncar por pensar em comida com gosto de lar. Eu amava a comida brasileira...

Porém, em meu caminho, fui surpreendida com Eric saindo de uma das casas, estava bem longe, mas eu reconheceria aquele perfil em qualquer lugar. Eu me escondi atrás de uma árvore enquanto o via sair do seu quintal e ir no sentido que eu iria. Estávamos distantes, umas cinco casas de diferença, ele não me viu. Esperei-o tomar uma maior distância e comecei a caminhar em direção a sua casa. Quando cheguei à sua porta, resolvi bater, para ter certeza de que não tinha ninguém. Eu teria que inventar uma desculpa caso alguém atendesse, mas ninguém atendeu. Fui apressadamente para o quintal dos fundos, onde eu poderia observar melhor de alguma janela, sem risco de ser pega por pessoas passando na rua. A curiosidade me corroía por dentro. Eu não me contive quando vi a janela do fundo aberta, e entrei na casa.

— Eu não tenho um pinga de juízo sequer... — sussurrei para mim mesma, mas seguindo em frente.

Passei pela cozinha, simples, limpa, mas sem nenhuma decoração que trouxesse um ar feminino a casa. O mesmo padrão seguiu na sala de jantar e de estar. Na casa, não havia um porta-retratos, quadro, jarro de flor, não tinha nada. Na

sua estante, só tinha a TV. Nas portas e gavetas, não tinha sequer um livro, nem mesmo jornal ou agenda. Tentei abrir uma porta do que eu achava que era uma despensa, embaixo da escada, mas estava trancada. Do lado, havia um pequeno lavabo.

Meu coração estava descompassado, eu estava com muito medo. Mas segui em frente, subindo as escadas. Tinha três portas, duas delas estavam abertas, sendo que uma delas era o banheiro, um detalhe importante: tinha apenas uma escova de dente. Ele morava sozinho ali. Entrei na outra porta aberta, era um quarto vazio, tinha cama e armário, mas não tinha sinal de que alguém dormisse nele. Tentei abrir a outra porta, estava trancada. Abaixei para olhar no buraco da fechadura, mas escutei um barulho na escada e travei.

— Vire-se devagar, Lara.



CAPÍTULO 11

Novamente, pude sentir meu coração batendo na palma da minha mão. Congelei no lugar. Escutei seus passos vindo até mim, mas parou no topo da escada. Virei devagar, ele tinha uma arma apontada na minha direção, bem para a minha cabeça, as lágrimas correram livres no meu rosto.

— Desça as escadas...

— Eric...

— Obedece, Lara! — ele ordenou, com a voz neutra. Andei devagar até ele, que se afastou para que eu pudesse passar, a escada era bem estreita.

Estava sem ar, parecia que não importava o quanto eu buscasse, não entrava ar suficiente. Ele apontou para uma cadeira na sua sala de jantar.

— Sente-se.

Eu me sentei, mas não conseguia olhar nos seus olhos.

— Por que está fazendo isso? — perguntei em um fio de voz.

— Por que está me seguindo?

Finalmente consegui olhá-lo, ele ainda estava de pé, a visão que eu tinha dele estava nublada pelas minhas lágrimas, não era assim que eu tinha imaginado tudo.

— Como você está vivo?

— Como descobriu onde eu moro?

— Você me deve respostas, Eric.

— Elas podem custar sua vida, Lara.

— Você é minha vida...

Ele riu com desdém, desviando o olhar. Fiquei constrangida por alguns segundos.

Que diabos está acontecendo?

Ele colocou a arma em cima da mesa e ficou me observando de cima a baixo, passando a mão na sua barba por fazer, pensativo.

— Já tem algum tempo que sabe que estou vivo... Deve ter notado que não fui atrás de você, não é, Lara? Qual foi sua teoria quanto a isso? — perguntou interessado, finalmente se sentando na cadeira a minha frente e se aproximando.

— Achei que... — Desviei o olhar, por alguns segundos, recobrei um pouco de dignidade e falei envergonhada das minhas teorias: — Achei que talvez você tivesse perdido a

memória... ou estivesse com algum problema e não pudesse voltar pra casa.

— Sua teoria foi baseada no quê, exatamente?

— Eu não consegui achar outro motivo para você não me procurar...

Ele segurou meu rosto e me fez olhá-lo nos olhos.

— E agora, o que você está pensando?

Fiquei por vários momentos olhando em seus olhos. Ele tinha um sorriso presunçoso, isso me irritava e me confundia.

— Eu não sei...

— Ah, você sabe, querida... Só não quer acreditar.

— Eu não sei de mais nada, Eric. Mas, faça o favor, comece a me contar. Tenho tempo... Independente de tudo, acho que me deve uma explicação.

— Eu não te devo nada — ele respondeu lentamente, como se estivesse com raiva por eu cobrar algo dele. Isso foi o fim pra mim.

Levantei-me furiosa e apontei o dedo no seu rosto, ele não se mexeu.

— Você me deve sim! — gritei no seu rosto, ele não se intimidou. — Você me deve muito mais do que uma explicação, porque arrisquei tudo por você, TUDO! E agora você está agindo como se...

— Como se você não significasse nada para mim?

— Não significa? — perguntei por fim, ofegante pela explosão e com medo da resposta.

— Não, querida, nunca significou.

Aquilo foi um tiro no meu peito, ele falou de uma forma tão cruel, que doeu mais que tudo que eu havia sentido em toda minha vida. Voltei a me sentar, o baque havia sido grande demais para continuar em pé.

— Como assim, Eric... eu não acredito em você! Eu não acredito! — Comecei a repassar nossa história na minha mente, seus sussurros, suas declarações, seu amor, nossos momentos... olhei para o homem à minha frente, eram a mesma pessoa, tão iguais e, ao mesmo tempo, tão diferentes. Mesmo assim, eu não acreditava. — Eu não acredito em você — falei mais uma vez, mas convicta.

Ele se levantou, andou de um lado para o outro por poucos segundos; em seguida, parou ao meu lado e foi se abaixando bem lentamente para sussurrar:

— Eu não morri, eu sabia quem você era, sei que temos uma filha e não voltei pra vocês. O que mais você precisa para acreditar em mim?

A bile veio na garganta e voltou.

— Você está com algum problema... você...

— Esse não é mais um dos seus estúpidos livros, Lara. Não invente coisas...

— Então... por quê? — perguntei, tentando conter os soluços que queriam escapar do fundo do meu ser.

— Eu precisava de um álibi e, bem, não me entenda mal, com certeza nosso tempo juntos foi bem aproveitado, mas foi isso, acabou...

Abaixei minha cabeça e a segurei, deixando meus dedos entrarem entre meus fios de cabelo, puxei-os, tentando sentir alguma dor no corpo, porque a dor que eu sentia na alma estava me matando.

— Não chore, querida. Odeio ver mulher chorar, tsc... mas agora eu preciso de algumas respostas. Como você entrou no país? Eu não fui notificado da sua entrada aqui.

— Entrei com um passaporte falso — respondi, com a voz embargada.

— Certo. Quem te deu meu endereço?

— Eu vi você saindo dessa casa.

— Como sabia que eu morava por aqui? Ah, deixa eu adivinhar. Aquela garçonete oferecida. Ela quem te falou, não é?

Olhei com raiva para ele.

— Por que ficava me seguindo? Por que me deu esperanças se ia me estraçalhar desse jeito?

— Confesso que eu era curioso a seu respeito...

Aquilo me pegou de surpresa.

— Como assim?

Ele sorriu de canto, vendo que fiquei intrigada. Ele se ajoelhou na minha frente, segurou meu rosto e limpou minhas lágrimas com seus polegares. Fiquei confusa com seu ato.

— Eu vou te falar o que vai acontecer agora, e você tem que obedecer, entendeu?

Fiz que sim com a cabeça.

— Tudo que vivemos foi uma grande mentira, então supere. Volte para a sua casa, para a sua filha, se trate e pegue-a de volta. Se você ficar aqui, vai perdê-la pra sempre. Aqui não tem nada pra você, ok? Eu estou morto, Lara, e continuarei morto, entendeu?

— Eric... — Rapidamente coloquei a mão no seu coração, senti seus batimentos rápidos, mas ele retirou a mão dali em segundos.

— Não seja ousada, Lara. Você ama sua filha?

— Ela é nossa filha...

— Sua, Lara. Ela é sua filha... eu morri naquele acidente e nunca mais vou voltar.

— Seus pais sabem? Seu irmão?

— Lara, você está me ouvindo? Esqueça que me encontrou!

— Por que, Eric? Eu preciso saber o porquê, senão eu nunca vou conseguir seguir em frente... o que aconteceu? Por favor, faça isso por mim, eu te imploro!

Ele me soltou e se afastou, contrariado, eu diria que até irritado.

— Vá lavar seu rosto e vá embora da minha casa! — rosnou.

— Eric...

— OBEDEÇA, LARA! — gritou, furioso.

Levantei-me em um pulo e fui até a pia do pequeno lavabo que tinha ali. Ele nunca tinha gritado comigo assim. Passei uma água no rosto e enxuguei, tudo com seu olhar me observando.

— Para o seu próprio bem, vá embora e se esqueça de que um dia eu fiz parte da sua vida. Esqueça que me encontrou.

— Ou o quê? — o desafiei.

Ele simplesmente apontou a arma na minha direção e a engatilhou.

— Eu preciso mesmo dizer? — desdenhou.

Olhei-o pela última vez, com medo, assustada, coloquei minha mão na boca para conter o soluço e saí correndo, abrindo a porta e indo o mais rápido que pude para o mais longe possível dali. Eu não acreditava que meu coração poderia se partir mais, mas percebi que eu sempre fazia questão de testar meus próprios limites.

Eu arrisquei tudo por nada.

Eu arrisquei tudo por nada.

Eu arrisquei tudo por nada.

Era só o que eu conseguia pensar.

De Uber, fui até a beira do rio, onde eu estive com Emilly da outra vez. Tinha uma parte que era bem vazia e esse frio deixou as ruas ainda mais quietas. Sentei-me em um banco e chorei, chorei tanto que, em determinado momento, só parei e fiquei olhando para o nada, pensando em tudo. Paralisada, amortecida, sem nada. Eu me sentia uma completa tola.

Um filme com nossa história se passava na minha mente e nada do que eu vivi com ele podia me dar uma pista que era fingimento. Mesmo agora, com a verdade estampada na minha cara, eu não conseguia acreditar que era tudo uma farsa. Eu não sabia quanto tempo havia ficado na casa do Eric, mas já eram seis da noite quando finalmente me levantei do banco para ir embora. No inverno, a noite chegava bem cedo na Europa, então já estava bem escuro, mas o local era bem iluminado.

Quando cheguei ao Flat, minha vida acabou de ruir. O pequeno quarto estava todo revirado, corri para ver o local onde eu tinha deixado meus passaportes e eles haviam sido levados, junto com minha peruca, todo o dinheiro que eu havia deixado ali e algumas joias que não valiam muito. Agora eu só tinha 250 euros que estavam no meu cartão pré-pago e uns 30 em notas e moedas, ambos estavam comigo na bolsa.

A consequência dos meus atos começou a me assombrar. O riso alegre da minha filha veio aos meus ouvidos, mas, em

segundos, foi substituído pelo silêncio. Eu iria perdê-la. Seria presa, por nada. Eu perderia minha vida por uma farsa...

Tinha um milhão de planos na minha mente, mas em nenhum deles eu contava que fosse tudo uma farsa, porque... eu não sei explicar o porquê, eu apenas sentia que ele me amava. *Meu Deus, o que eu vou fazer agora? Como posso chamar a polícia, se não posso provar como entrei aqui?* Meu estômago doía, eu teria que ir até a recepção e falar sobre o que houve aqui, mas não conseguia pensar direito, não sabia se reportava o crime, ou se apenas me matava ali mesmo.

Emilly.

Emilly.

Emilly.

Tentei focar meus pensamentos em achar uma saída para a minha situação, se eu fosse ao consulado, iriam verificar minhas digitais e veriam que não constava minha entrada aqui e nem minha saída do Brasil, e não tinha a passagem de vinda e retorno no meu nome. Eu não poderia ir prestar queixa como se fosse a “Amanda Rosa Queiroz”, pois checariam minhas digitais e eu nem sequer tinha mais minha peruca, e claro, não eram as digitais da “Amanda” ali. Naquele fim de noite, eu não consegui fazer mais nada, apenas pedi algo para comer e desmaiei em seguida.



CAPÍTULO 12

Eram quase cinco da tarde de sexta quando finalmente tomei uma decisão. Eu não conseguia mais chorar, não tinha mais lágrimas dentro de mim. Estava apenas em estado de negação. O dia inteiro fiquei pensando qual atitude minha seria menos prejudicial.

Pedir ajuda aos Russell?

Contatar o Jackson?

Ir direto ao consulado?

Me matar pra não encarar as consequências?

Os Russell conseguiriam me tirar dali, mas eu nunca mais teria acesso a minha filha, com certeza iriam me chantagear e me manipular por um longo tempo.

Poderia contar ao Jackson o que havia feito, mas e se... E se o pessoal do Jackson quisesse saber mais sobre o Eric? E se

eles sabiam de algo e por isso me apoiaram desde o início? Bem, não que eu devesse algo àquele maníaco. Mas... *Argh!*

Se eu fosse ao consulado, seria presa em seguida e seria mais difícil para – tanto os Russell quanto o pessoal do Jackson – fazerem algo para me soltar.

Matar-me faria todos que eu amo sofrer, eu não podia fazer isso com eles, mas era tentador pensar nessa possibilidade, seria muito mais fácil se...

Um estrondo na porta me fez gritar. Dois homens entraram armados e começaram a falar tão rápido que eu não conseguia entender nada do inglês deles. Fui para o canto da cama querendo me afastar, eu estava com um short curto e uma camiseta larga, sem sutiã por baixo. A completa derrota. Gritei, mas eles apontaram a arma na minha direção e fizeram sinal para que eu ficasse quieta. Um deles veio até mim e me puxou pelos cabelos para a beira da cama.

— Fica quieta, puta do caralho!

— O que vocês querem? — perguntei, tentando conter o desespero.

— Onde ele está? Sabemos que o encontrou, você vai me levar até ele.

Minha mente começou a trabalhar, pensando nas milhares de possibilidades. No que Eric estava metido? O que ele fazia?

— Eu levo, eu levo! Mas me solte!

Ele me jogou na cama, meu couro cabeludo doía horrores!

— Pegue um casaco e vamos logo! — Eles desviaram o olhar, eu enchi meu peito de coragem e rosnei em exigência, mesmo com os olhos cheios de lágrimas.

— Foram vocês que pegaram meus passaportes? Eu os quero de volta!

— Acha que está em posição de fazer exigências, vadia?

— Pode me matar, então! Porque, sem meus passaportes, eu vou para a cadeia e, de qualquer forma, irei perder tudo. Querem o Eric? Eu entrego onde é sua casa, mas eu quero os meus passaportes!

Eles riram sarcásticos.

— E não é que a patricinha é cheia de marra? — ele comentou com seu amigo, tirou do bolso da sua calça meus dois passaportes e os jogou na minha cara. *Desgraçado!* — Anda logo, garota. Antes que eu perca minha paciência com você.

Peguei uma calça que estava jogada no canto da cama e ia começar a vesti-la por cima do short mesmo quando escutei alguém estalando a língua em som de desaprovação.

— Não acredito que me entregaria assim tão fácil, querida.

Em seguida, dois tiros foram disparados. Silenciosos. Os dois homens caíram no chão, mortos.

Paralisei no lugar, assustada, sem saber o que pensar ou no que acreditar. Eric se aproximou e olhou ao redor, sem esboçar nenhuma emoção no seu rosto.

— Pegue o necessário e desapareça! Vá para o aeroporto agora e pegue o primeiro voo que tiver para o Brasil. Entendeu? Você entendeu, Lara?

Caminhei até ele e simplesmente comecei a estapeá-lo. No peito, no braço, no rosto. Eu o odiava tanto naquele momento! Estava em estado de negação, de completo choque. Ele colocou a arma na pequena cômoda e tentava segurar meus braços, enquanto gritava meu nome e me pedia para parar. Eu chorava enquanto ele me arrastava pelo cômodo e me deitava na cama, ficando em cima de mim, segurando meus dois braços no colchão, ele estava furioso.

— PARA COM ISSO, LARA! Não é hora de você se desesperar!

— Eu não sei o que fazer, Eric... eu não sei mais o que fazer... — choraminguei, perdida.

— Eu estou te dizendo o que fazer, apenas me escute! Pegue... — Ele parou de repente, colocando a mão no ouvido, ele tinha uma escuta ali. — Rápido, pegue o básico de roupas e vamos sair daqui, rápido, Lara! Tem mais gente chegando, você tem uma mochila?

Fiz que não com a cabeça.

— Não temos tempo. — Ele olhou ao redor, parecia pensar no que faria, estava nervoso. — Ok. Levante-se, calce um calçado confortável e vista uma blusa. Rápido!

Enquanto eu vestia a calça e colocava o tênis, ele jogou poucas roupas que estavam penduradas e algumas da minha mala em cima da cama, sem escolher nada, apenas pegou, jogou e amarrou no lençol da cama. Peguei meus passaportes, coloquei dentro da bolsa de passeio e torci mentalmente para não ter deixado nada importante para trás. Ele segurou minha mão e me puxou para fora do flat, entramos na escadaria e ele descia rápido demais para eu acompanhar.

— Rápido, Lara!

Eu não conseguia falar nada, só conseguia acompanhá-lo cegamente. Ele jogou minhas coisas no banco de trás de um carro e foi para o banco do motorista enquanto eu entrava no carona. No mesmo segundo, o vidro de trás foi esvaquiado por tiros.

— ERIC! — gritei assustada, ele me fez abaixar no banco e começou a dirigir feito um louco.

— Não se levanta, Lara. Fique assim...

— Que merda está acontecendo?! — gritei desesperada em português, eu já nem conseguia assimilar mais nada, só sabia que iria morrer.

Eu não sabia a velocidade que Eric estava dirigindo, só sabia que estava rápido, que estávamos sendo seguidos e que ele estava desviando o tempo todo. Levantei-me, vendo que estávamos em uma avenida bem larga, mas de relance, eu vi

um carro vindo em nossa direção pela lateral e gritei prevendo o que aconteceria.

— Ah, caralho! — ele gritou no mesmo segundo que senti o carro derrapar na pista por ter sido atingido na traseira pelo outro carro, que acabou atingindo também um dos carros, que estava nos seguindo.

Eu só queria morrer para acabar com tudo aquilo, meu coração não estava preparado para algo como isso.

Eric conseguiu controlar o nosso carro novamente e voou na pista. Com o acidente anterior, nós conseguimos pegar uma vantagem dos perseguidores. Eu não fazia ideia de quantos eram, mas sei que meu coração estava quase saindo pela boca. A adrenalina no meu corpo me fazia querer gritar para ver se descarregava um pouco do turbilhão de sensações em meu peito.

Comecei a reparar na reação dele. Ele intercalava o olhar na estrada a nossa frente e olhava no espelho retrovisor, preocupado. Nós seguimos para uma autoestrada, saindo da cidade.

— O que diabos acabou de acontecer? — perguntei, recuperando a sanidade aos poucos.

Ele não respondeu.

— ERIC! — gritei, exigindo uma resposta.

— Não fale comigo, Lara. Não fale comigo! — Ele pegou seu celular e digitou algo, depois deixou o celular no seu colo.

— Como você pode se achar no direito de gritar comigo, seu troglodita?!

— Acabei de salvar a sua vida, tenho direito a muitas coisas. Inclusive, cale a porra da boca antes que eu te coloque pra dormir!

Virei para o lado da janela. Aos poucos, meus batimentos cardíacos foram normalizando. Aos poucos, eu fui tomando consciência de tudo que tinha acontecido. Eric foi me salvar. Isso significava alguma coisa? Como ele sabia que viriam atrás de mim? Droga, eu tenho muito a descobrir sobre ele!

Ele parou no acostamento e saiu do carro para falar com alguém no celular. A estrada estava vazia, passavam poucos carros. Estava escuro, tinha pouca iluminação ali. Eu também não conseguia ouvir o que falava, mas ele não parecia muito alterado. Depois de vinte minutos que estávamos ali, um carro parou atrás de nós.

Vi que Eric passou algumas coisas que estava no porta-malas do nosso carro para o outro. Ele pegou a minha “trouxa” de roupa e me chamou para ir para o outro carro. Eu descii, o homem que estava com ele nem olhou na minha direção.

— Me dá seu celular — ele exigiu.

Peguei-o na minha bolsa, mas antes de entregá-lo, perguntei:

— O que você vai fazer? Eu preciso falar com a Emilly e com a... — Antes de eu falar mais qualquer coisa, ele tomou o

celular da minha mão e entregou ao homem. Segurou meu braço e foi me puxando até o banco do carona do outro carro.

— Sei que você tá puta agora, mas eu sei o que estou fazendo, então, apenas guarde pra você qualquer coisa que queira falar, porque não estou com paciência pra te ouvir!

Bati a porta do carona com força, vi-o me olhar com raiva. Observei o homem que estava com ele entrar no carro que, só agora pude ver, estava cheio de marca de tiros e amassados, e voltou com ele na direção da cidade. Eric se sentou do meu lado, no motorista. Agora estávamos em um carro grande, confortável, mas eu não fazia ideia qual modelo era. Ele voltou a dirigir e ficou em silêncio, olhei pela janela e fiquei em silêncio também, pensando no que aconteceria dali para frente...

Muitas horas se passaram. Eu estava com fome, cansada, com dor no corpo. Já não achava uma posição confortável no carro e me irritava ficar me mexendo o tempo todo.

— Tem uma pequena pousada aqui perto, eu preciso descansar um pouco — ele disse, depois de longas horas em silêncio.

— Para onde estamos indo? — perguntei, ele não respondeu.

Devia ser umas três da manhã quando ele estacionou na pousada. Saí do carro e fiquei o olhando sem saber direito o que fazer. Ele pegou uma pequena mochila no porta-malas e o

fechou. Em seguida, jogou a chave do carro na minha direção e eu a peguei de forma desajeitada.

— Estou indo pegar um quarto. Pegue o que quiser usar depois, aproveite para tomar banho e descansar, temos algumas horas de viagem ainda pela frente.

Assenti.

Separei uma roupa confortável no carro e o tranquei, indo para a recepção encontrá-lo. A pousada era de dois andares, a escada e porta de entrada dos apartamentos eram do lado de fora. Ambos estávamos em silêncio andando lado a lado. No quarto, tinha duas camas de casal, uma pequena cozinha e um banheiro com o básico. Ele não esperou que eu dissesse nada, apenas foi direto para o banheiro tomar banho.

Quando saiu do banheiro, vestia apenas uma boxer. Eu o olhei sem conseguir desviar. Ele estava mais forte do que nunca, tinha algumas marcas de cicatrizes e uma tatuagem na costela que eu não consegui ler. Ele viu que eu o encarava e sorriu, mas não falou nada. Deitou-se e se cobriu, virando para o outro lado.

Peguei a toalha que estava em cima da cama e levei a roupa que eu havia escolhido para o banheiro. Fiquei alguns minutos me observando no espelho, eu estava a cara da derrota. Parecia que uma carreta havia passado por cima de mim, meus cabelos estavam bagunçados e cheios de nós, e, claro, meus olhos estavam fundos de cansaço. Eu me despi e

entrei debaixo do chuveiro, tentando a todo custo colocar em ordem meus sentimentos e pensamentos. *O que vai acontecer agora? Eu posso voltar pra casa?* Eu sonhei tanto em vê-lo de novo, agora ele estava no cômodo ao lado e eu praticamente não havia o tocado. *Ele destruiu meu coração com palavras, então por que eu simplesmente não conseguia aceitar que era tudo mentira?*

Demorei um século no chuveiro e ainda mais para secar meu cabelo na porcaria de secador que o hotel fornecia. Antes de me deitar na cama, fiquei de pé e observei Eric dormindo por alguns segundos, ele parecia pacífico.

— Para de me olhar e vai dormir, Lara. — O susto que levei o divertiu.

— Vai se foder!

Deitei-me na cama e virei para o outro lado, mas eu não conseguia relaxar. Eric sempre teve um magnetismo inexplicável sobre mim, eu não conseguia ficar distante. Uma coisa era fato, nós brigávamos, éramos instáveis, mas nunca ficávamos distantes. Nós não dormíamos separados e, por mais que tenha se passado praticamente cinco anos, agora que minha mente e meu corpo sabiam que ele estava na cama ao lado, simplesmente não desligavam. Mas ele não era mais o mesmo, eu não confiava nesse novo Eric, isso também me impedia de dormir.

Poucas horas depois, ele me chamou, era hora de pegar a estrada de novo. A pequena pousada tinha uma pequena loja de conveniência, ele perguntou se eu precisava de algo, comprou um livro e uma escova de dente para mim.

— Não estou entendendo qual é a sua... — comentei, enquanto tomávamos café da manhã, ainda na pousada.

Na loucura da noite anterior, Eric pegou só algumas roupas e eu tinha calçado meu único tênis, naquele momento, sem meia. Agora, estava usando uma calça jeans, o tênis com a única meia que veio no meio das roupas e uma blusa de lã sem sutiã por baixo, porque, por azar, não tinha vindo nenhum sutiã e eu não estava vestindo algum quando fugimos. Por cima, eu vestia o casaco preto. Pelo menos estava aquecida...

— Só pensei em fazer uma gentileza... só isso.

— É mesmo? Por quê?

— Lara, prefiro você calada lendo um livro do que me importunando com perguntas o tempo todo. Mas se não quiser ler, é só o jogar no lixo.

Abracei o livro o protegendo, ele sorriu de canto. Meu coração se aqueceu.

— Eric?

— Hum?

— Eu preciso saber o que está acontecendo... eu precisava voltar pra Emilily hoje.

Ele desviou o olhar, olhando para outro lado. Seu sorriso havia sumido, ele estava sério.

— Já terminou? Nós precisamos ir.

Toquei na mão dele, isso o fez me olhar.

— Eu mereço saber, Eric.

— Vamos fazer assim... quando chegarmos ao nosso destino, eu conto tudo que você quiser saber.

— Por que não pode ser no caminho?

— Leia seu livro...

Ele estava me enrolando. Mas não é como se eu tivesse muita escolha. Então, ele pagou a conta e nós voltamos para o carro, dessa vez, com algumas coisas para beber e comer no caminho. Conforme avançávamos na estrada, eu percebi que íamos em direção a Dinamarca, então perguntei:

— O que vamos fazer na Dinamarca?

— Vamos pegar uma balsa.

— O quê, para onde?

— Já estive na Noruega? Se não, vai conhecer parte dela hoje.

Fiquei em silêncio, resolvi começar a ler o livro *Um caso perdido*, da Colleen Hoover. O silêncio que ele tanto queria, ele conseguiu ter, porque não consegui tirar meus olhos do livro por horas.

Quando chegamos à barca, seria mais quase quatro horas de viagem. Quando desci do carro na barca e fui para a beira,

fiquei pensativa. Nunca tive medo do mar, mesmo depois do acidente do Eric, mas tinha raiva do mar, eu pensava que ele tinha levado meu amor embora. Era inconsciente pensar isso, porque, na verdade, a culpa era da explosão, mas era o que eu sentia... Quando Eric parou ao meu lado, em silêncio, eu me virei para ele e perguntei de uma vez a ideia maluca que estava na minha mente.

— Você mentiu para tentar salvar minha vida? Para que eu fosse embora e ficasse a salvo? Ou tudo que você disse antes era... verdade?

Ele olhou nos meus olhos, vi seu maxilar tensionar. Ele ficou pensativo...

— Era verdade, Lara. Mas, sim, eu menti sobre algo...

— O quê?

— Você estava certa. Quando acordei, depois da explosão do navio, não sabia nem o meu nome, eu tinha perdido minha memória.



CAPÍTULO 13

Tentei não criar esperanças, mas foi em vão. Para variar, em segundos, já tinha feito uma coleção delas. Ele notou a mudança no meu olhar e riu.

— Não vá se animando, Lara.

— Você recuperou a memória depois? — perguntei apressada, querendo descobrir o que havia acontecido. Ele negou com a cabeça.

— Não.

— Então, como...? — Dessa vez, estava confusa.

— As pessoas que me tiraram de lá me mostraram o que eu fazia, quem eu era. Depois que eu me recuperei, eu mesmo fiz minhas pesquisas sobre quem eu era e... contra fatos não há argumentos.

— Por isso você disse que era curioso a meu respeito... — comentei, lembrando-me do que ele havia falado na casa dele. Ele deu de ombros e se preparou para acender um cigarro, eu o peguei da boca dele e o joguei no mar.

— Já te falaram que você é bem imatura?

— Imatura? Hum... já falaram que eu sou a rainha dos chiliques, mas imatura... isso é novo.

Ele acendeu outro cigarro, eu revirei os olhos com o olhar de aviso que recebi.

— Como você pôde acreditar tão fácil nas pessoas que te resgataram?

Ele ficou um segundo em silêncio, pensativo.

— Eu não lembrava nada. Quando descobri sobre você, eu não sentia sua falta, não sabia como era estar com você e, depois que deram provas do que eu fazia, mesmo estando com você, toda a história que me contaram fazia sentido.

— O que você fazia?

— Eu traía você, Lara. Eu fazia serviços sujos. Eu não era uma boa pessoa. Corrigindo: eu não sou.

Aquilo me pegou de surpresa.

— Como assim, me traía?

— Ah, querida... não queira detalhes. Eles podem ser um pouco... sórdidos.

Meus olhos lacrimejaram e eu sabia que iria chorar de novo. Passei a mão no rosto e o deixei falando sozinho, mas ele

também não fez questão de me manter ali perto. Entrei no carro, no banco de trás, fazendo minhas roupas como travesseiro e adormeci ali mesmo.

O carro se mexeu bastante, notei que estávamos saindo da balsa.

— *A Bela Adormecida* acordou...

Eu não estava de bom humor, então apenas fiquei olhando pela janela e fiquei no banco de trás mesmo. Voltei a ler o livro, mas já estava no finalzinho dele. Contudo, após concluir a leitura, eu fiquei sem ter o que fazer, mas as paisagens eram estonteantes, então não fiquei nem um pouco entediada as observando.

Depois que descemos da balsa, levou apenas uma hora para chegarmos a uma casa bem isolada, parecia ser feita de madeira, mas bem bonita, era grande e tinha dois andares. Desci do carro encantada com o lugar. Ainda era dia, estava perto de escurecer, mas não sabia ao certo que horas eram. Estava com o corpo dolorido e cansado da viagem, tinha sido longas horas. Peguei minha pequena trouxinha de roupa e minha bolsa e entrei na casa, indo atrás do Eric.

— Essa casa é sua?

— Sim.

— Tem certeza de que é segura? — perguntei, mas ele ignorou minha pergunta, subindo as escadas.

— Vem, vou te mostrar seu quarto. Você pode descansar um pouco, eu vou comprar algumas coisas em um mercado na cidade e já volto.

— Você vai me deixar aqui sozinha? — perguntei, apavorada com a ideia de ficar sozinha nessa casa gigante e no meio do nada.

— Acha que eu te salvei e te trouxe todo esse caminho, para você morrer aqui?

— Ah, eu não sei... prefiro ir com você.

Ele esfregou o rosto com as mãos, parecia cansado.

— Então vamos.



Ele comprou muitas coisas. Pelo jeito, passaríamos alguns dias por ali. Quando voltamos para casa, eu tomei à frente para ajudá-lo a guardar as compras, ele não reclamou. Ambos estávamos com fome, então resolvi preparar alguma coisa para comermos, ele me ajudou.

Não falávamos mais que o necessário, eu estava esgotada, meu emocional estava oscilando em pensamentos obscuros demais. Eu tinha preparado um espaguete à carbonara, era

rápido e simples de fazer. Nós comemos em silêncio, os minutos se arrastavam. Eu lavava a louça enquanto ele se servia de uísque. Devagar, comecei a fazer mais perguntas:

— Você nunca quis conhecê-la?

Ele virou o copo e deu de ombros.

— Eu não te falei que acordei sem memória, para você achar que algo pode ser resgatado, Lara? Desista!

Grosso!

— Eu só quero entender... — comecei, mas ele se exaltou.

— O que você não está entendendo, garota?

Joguei no balcão o pano de prato que eu segurava.

— Você tem noção do quanto eu sofri, Eric? — Aproximei-me dele, estava perdendo o controle de mim mesma. — Tem noção do quanto esses anos foram difíceis pra mim? — Ele desviou o olhar, eu segurei seu rosto e o fiz olhar para mim. — Mesmo você tendo me tratado feito um lixo, quando eu olho para você, não consigo acreditar em uma só palavra que diz! — rosnei, irritada. Mas, em alguns segundos, amansei minha voz, dizendo do fundo do meu coração: — Você me amava, Eric.

Ele segurou meu pulso e lentamente tirou minha mão, que ainda segurava seu rosto. Levantou-se e retirou de mim a única vantagem que tinha sobre ele, agora *ele* estava me olhando de cima.

— Ficar ao meu lado com todas essas lembranças está confundindo sua mente, menina. — Ele me soltou e se afastou. — Sei dos meus talentos, tenho certeza de que mantive sua cama quente durante todas as noites e você ainda não superou. Eu te entendo. Mas agora, se coloque no seu lugar, antes que eu seja forçado a tomar outro tipo de atitude com você!

Agora, eu não sentia tristeza, eu sentia raiva.

— Eu quero voltar pra casa.

— Pode ter certeza de que, quando for seguro, a primeira coisa que farei será te despachar daqui.

Subi para o meu quarto, odiando-o com todo meu ser.

Dois dias se passaram, eu tentava obter respostas, precisava avisar a Gabi que estava bem, com certeza Emilly estava se perguntando por que eu não ligava há dias, meu coração estava apertado por isso.

Mas Eric era um escroto! Cada dia que se passava, ele ficava mais e mais esquivo. A falta de respostas me deixava inquieta e instável, eu não sabia o que aconteceria nos próximos dias, eu estava com medo do que viria a seguir.

— Eric! Você precisa entender que eu ficar desaparecida assim trará consequências, a sua família deve estar me procurando, a minha também. Emilly deve estar desesperada, ela sempre ficava esperando minhas ligações...

— Você queria a verdade, não queria, Lara? Então agora aguente as consequências. Descobrir a verdade fez de você um alvo. Se eu te deixar ir, você vai morrer. Fiz a boa ação de não deixar isso acontecer, então faça a sua parte e seja uma boa menina. Você não pode contatar ninguém agora; se o fizer, seremos descobertos e nós dois morreremos.

— Quem, Eric? Quem está atrás de você? O que você fez? Eu preciso saber ou vou enlouquecer! E que verdade? — ri, sem humor nenhum. — A única coisa que eu sei é que você não morreu e tem alguém querendo nos matar!

Ele parou pensativo por alguns segundos, um sorriso perverso brotou nos seus lábios.

— Se eu te contasse tudo, querida, teria que te matar.

Bufei, ele riu.

— Isso não é engraçado! Você é um agente? Espião? Terrorista?

Cada vez que eu tentava arrancar uma verdade dele, mais ele ria.

— Continue, quero ouvir suas teorias — pediu em meio ao riso.

— Preciso saber mais para poder adivinhar. Você prometeu que me contaria tudo assim que chegássemos aqui!

— Você não devia confiar em mim, e de qualquer forma, eu não prometi nada.

— Ok. Então me responda apenas isso. Por que me salvou?

— Preferia que eu te deixasse lá? — perguntou sarcástico.

— Não foi isso que perguntei.

— Eu não sei tudo que você sabe sobre mim, não poderia correr o risco de você contar algo a eles...

Já ia retrucar aquele absurdo quando uma ideia louca surgiu a minha mente, e, oh, não! Não acredito que ele pensava isso!

— Você acha que alguém me mandou aqui para te achar?

— Ele me olhou por alguns segundos, parecia pensar se responderia ou não essa pergunta.

— Como conseguiu um documento falso tão bom a ponto de passar na imigração?

Dessa vez, eu comecei a rir e ele ficou sério.

— Quem está atrás de você, Eric? Como você pode desconfiar de mim? Sei que perdeu a memória, mas o que diabos te contaram a meu respeito? — perguntei sarcástica, achando graça de tudo.

— Como você foi parar justo na cidade que eu estava?

— Porque você estava em uma cidade que teria um evento literário que é reconhecido mundialmente, talvez? Nem faz sentido você desconfiar de mim, Eric! Se toca!

— Ainda acho muita coincidência. Quando fui avisado que você tinha entrado na Alemanha, eu precisava saber com quem estava, com quem se encontrava. E, quando eu soube

que você voltou, eu tive a certeza de que alguém estava por trás disso.

— Quem? Quem estaria por trás disso?

Ele ficou quieto.

— E por que teria que ter alguém, acha que não sou capaz de fazer tudo isso por conta própria?

Ele riu com desdém.

— Você me subestimou, Eric. A única ajuda que eu tive foi quando me tiraram da clínica psiquiátrica.

Joguei o verde, para ver sua reação sobre a clínica, ele pareceu surpreso, mas não sabia se acreditava ou não nele.

— Que clínica?

— Sua família armou pra mim, Eric. Eles me internaram em uma clínica psiquiátrica e tomaram a Emilly de... espera. Como você sabia que eu tinha perdido a Emilly e não sabia da clínica? Você está mentindo!

Ele sorriu diabólico. Oh, Jesus! Por que ele me confundia tanto?

— Meu Deus, eu sabia que tinha sido você! Você manteve contato com o Jackson durante todos esses anos? — perguntei, desesperada por respostas.

Ele franziu o cenho.

— Não. Ele não sabe.

— Então você soube pela sua família?

— Também não. — Ele fez parecer um absurdo essa ideia.

— Você está mentindo sobre um deles... — falei, convicta.

Ele saiu da sala, encerrando a conversa.

— Você nunca vai saber...

Cerca de duas horas depois, ele apareceu na porta do meu quarto, dizendo que teria que fazer algo e não voltaria naquele dia, talvez nem no dia seguinte. Fiquei aflita.

— Eric, e se alguém aparecer aqui? O que eu vou fazer? Não, você não pode ir!

— Você acha mesmo que eu te deixaria aqui se eu não tivesse certeza de que fosse seguro?

Sorri.

— Cuidado com o que diz, vou começar a achar que se importa comigo...

Dessa vez, foi ele quem bufou.

— Me poupe, Lara. Tem comida suficiente na geladeira e nos armários, então não ouse sair daqui!

— Entendido, comandante. — Ele franziu o cenho, com estranheza. Virou-se e saiu. Logo escutei a porta batendo e depois, ele saindo com o carro. Eu costumava chamá-lo de comandante quando era mandão comigo, ele fazia sem perceber e isso sempre acontecia. Afinal, na época, ele era comandante na marinha e, bem, eu gostava da sua ocupação. Amava vê-lo fardado...

Ah, esse tempo iria demorar para passar...



Quando voltou, depois de três dias fora, estava novamente se esquivando, me evitando, carrancudo. Tentei me aproximar, conversar, descobrir o que estava acontecendo, mas ele não deixou, ficou quase dois dias sem sequer falar comigo. Dei espaço a ele, já que pelo menos teve a decência de me dizer que não era eu o problema.

Na noite do segundo dia, já era bem tarde quando vi que ele não conseguia dormir. Sentou-se em frente à lareira e começou a beber, acho que era uísque. Uma ideia me veio à mente, estava insegura sobre ela, mas precisava arriscar. Nunca fui santa; se fosse necessário jogar sujo para descobrir mais sobre ele, eu faria sem medo de sujar minhas mãos.

Vestia um short curtinho de dormir e uma regatinha básica, branca, sem sutiã. Para não ficar tão exposta logo de cara, coloquei um cardigã por cima, deixando-o um pouco fechado. Caminhei descalça até a sala, ele me viu logo de cara e se ajeitou no sofá. Peguei um copo e me servi de uísque, sentando-me em outro sofá em seguida. Bebi um gole, mas não aguentei segurar a careta, ele riu.

— Já estava surpreso, não imaginava que você gostava de uísque.

— Não gosto, mas talvez isso me ajude a dormir, ou ao menos me tire do tédio. Você não tem nenhuma TV nesse lugar, Eric!

Eu estava sentada com a perna para cima do sofá, ele olhava para elas.

— Tenho outras opções para você sair do tédio... — ele comentou, ainda encarando meu corpo.

Hum...

— É mesmo, quais seriam?

— Vinho... cerveja... qual vai ser?

Segurei o riso.

— Vinho...

Eu estava aliviada por ele aceitar de bom grado a minha companhia. Ele se levantou, pegou o vinho na adega que tinha ali perto e foi para a cozinha. Em poucos minutos retornou com a taça e a garrafa aberta e me entregou. Voltou a se sentar no sofá e eu provei do vinho, era delicioso.

— Bem melhor, hum?

— Com certeza. Obrigada. — Sorri agradecida. — Em todo esse tempo, você sempre viveu, hum... aqui? E em Düsseldorf?
— perguntei, com cuidado, bebendo do vinho enquanto esperava pela resposta.

— Essa casa é a que eu tenho há mais tempo, quase quatro anos. Os outros lugares sempre foram temporários...

Lembrei-me de um detalhe importante que vinha me enlouquecendo.

— Se você perdeu a memória, como sabia que eu era escritora? Você jogou na minha cara naquele dia que isso não era um dos meus “estúpidos livros”, que, só para constar, não são estúpidos.

Ele riu.

— Você acha que alguém com o meu conhecimento não descobriria uma coisa tão simples como essa? — perguntou, se achando a última bolacha do pacote.

— Hum... então você pesquisou sobre mim? E, Eric, eu não sei nada sobre você.

— Ah, é verdade. — Eric tinha um senso de humor duvidoso e sempre um sorriso presunçoso nos lábios, às vezes era difícil aceitar a mudança nele.

— O que estamos esperando? Você tem, sei lá, uma missão para cumprir e, quando isso acontecer, eu poderei embora? Como vai funcionar?

Ele respirou fundo, passando a mão entre seus fios dourados. Parecia exausto.

— O que acha de hoje, apenas hoje, conversarmos sobre qualquer outra coisa?

Aquilo me pegou desprevenida. Sobre o que conversaríamos?

— Eu não sei sobre o que conversar com você — confessei.

— Me fale de você... o que fez durante esses anos. Suas conquistas, suas ambições, seus planos... Conte-me o que vier a sua mente.

— Por quê?

— Porque eu também quero me distrair...

Minha mente começou a vagar pela minha vida e me senti envergonhada por tê-la parado dessa forma. O que eu fiz durante esses anos? Criei Emilly e escrevi alguns livros, ambos dão um trabalhão, claro! Mas não voltei a estudar, tinha quase trinta anos, não tinha formação superior e não fiz nada que realmente agregasse a minha vida e a vida de alguém. Eu só sabia ser... mãe. E não que isso fosse ruim, eu amava Emilly mais que tudo no mundo, mas eu sabia, do fundo do meu coração, que era capaz de mais, eu tinha mais sonhos, mas não fiz, porque estava de luto por alguém que agora estava na minha frente.

— Eu... eu me dediquei a Emilly durante esses anos. Ela é uma garotinha muito esperta e me entreguei à maternidade, e, claro, continuei a ler e escrever muito. De vez em quando, ia a eventos literários, como aquele que eu te vi em Düsseldorf. O que você estava fazendo lá? E quem era aquela mulher? — Não queria, mas alterei minha voz ao perguntar. Isso o fez rir.

— É minha impressão ou você está com ciúmes? — ele perguntou, analisando-me.

— Eu não sei o que te responder, sinceramente...

Eu não sabia mesmo! Cada segundo que passava olhando para ele, eu via meu marido e um estranho ao mesmo tempo, minha mente estava sempre em conflito. Meus sentimentos também...

— Era uma amiga...

— Você foi notificado da minha entrada no país, me seguiu, mas então por que... — As peças começaram a se juntar na minha mente. — Oh, meu Deus! Você queria que eu o visse naquele evento! Por quê? — perguntei exaltada e curiosa.

— Você não desiste, não pode nos dar uma noite de folga? Esqueça os problemas, Lara. E me deixe esquecer também!

Ele me deu a brecha, querendo falar de outra coisa, não me impedindo de falar da Emily, então seria agora ou nunca.

— Eric, Eric, Eric... — Sorri e me levantei, bebendo o restinho do vinho que tinha no meu copo. — Já pesquisou sobre o que eu escrevo?

— Romance...

— E o que mais?

Ele engoliu em seco.

— Erotismo.

Eu sorri, aproximando-me devagar dele. Vi que ficou tenso e paralisou no lugar. Sentei no seu colo, colocando uma perna

de cada lado dele e tirando meu cardigã, jogando-o no chão. Ele ainda não se mexeu, mas me olhava nos olhos.

— Você me pediu para esquecer os problemas... No momento, essa é a única outra coisa que está ocupando minha mente. O perigo que vejo nos seus olhos é como um afrodisíaco para mim...

— Você devia manter distância, Lara.

— E você devia matar sua curiosidade, Eric...



CAPÍTULO 14

Ele engoliu em seco. Segurei suas mãos e coloquei as duas na minha bunda, levando minha boca em direção a sua orelha.

— Não se preocupe muito... eu já sofri muitas consequências ruins, agora eu quero a parte boa. — Peguei o lóbulo da sua orelha com os dentes e depois o chupei, descendo meu beijo para seu pescoço em seguida. Ele apertou minha bunda com força e, em segundos, levantou-se comigo no colo e me colocou deitada no sofá, segurando meu rosto com uma das mãos, olhando meus olhos, ele parecia furioso, em conflito do que faria a seguir, mas se abaixou com rapidez e tomou meus lábios com violência.

Explodi por dentro. De amor, de saudade, de carinho, de tesão. Não conseguimos parar, eu nem via acontecendo. Ele tirou a roupa dele com pressa e fez o mesmo comigo. Beijava

meus lábios, meu corpo, sempre com violência, sempre possessivo. Ele me segurava contra ele como se eu fosse sumir, eu tinha esquecido como era bom estar em seus braços. Ele abriu minhas pernas e desceu seu rosto até minha intimidade. Bastou uma lufada de ar para que eu quase gozasse ali mesmo, ele era poderoso e eu nunca entenderia seu poder sobre mim, mas eu gostava... ah, eu amava. Oh, droga...

Quando começou a me chupar, eu gritei. Quando me penetrou, senti uma lágrima correr solitária no canto do meu rosto. Ele se sentou para que eu pudesse cavalgar em cima dele, e, ah, minha nossa, que visão... Ele apertava meu corpo e comandava meu ritmo, segurava-me com força, beijava e mordida meus lábios. Seus olhos pareciam perdidos, encantados, alucinados. Ele se levantou comigo sem perder o contato e me colocou deitada na mesa no centro, continuando a meter em mim sem piedade. Eu sussurrava seu nome em devoção, enquanto ele gemia e respirava pesado contra mim. Quando gozei, ele não demorou a chegar lá também. Mas ele não parou! Como? Talvez eu nunca descobrisse. Mas esse homem... ah, ele era implacável.

Passaram-se horas, eu vi o dia clarear com ele no chão da sala, ele não falava nada, mas eu sentia que me estudava com seus olhos intensos. Quando eu me levantei para ir para o quarto, estava suada, sentia meu corpo todo amortecido e as pernas moles. Ele riu quando tentei andar.

— Vem aqui, eu vou te ajudar... — Ele me pegou no colo, beijou lentamente meus lábios antes de começar a andar. Nos levou para o meu quarto no segundo andar e entrou no meu chuveiro, ligando a água em nós. Ele me seduzia a cada segundo, beijando-me tão lentamente que me enlouquecia. Virou-me de costas para ele e jogou meu cabelo de lado, beijando meu pescoço devagar, suas mãos subiam e desciam na lateral do meu corpo. Apoiei na parede quando ele me fez empinar a bunda. Devagar, me penetrou novamente, levando seu dedo para o meu clitóris.

— Você quer me enlouquecer...

— Só estou retribuindo...

Não deixei ele ir muito longe, tremi inteira nos seus braços, tudo dentro de mim estava intenso demais para conseguir dominar qualquer coisa em meu corpo. Ajoelhei-me na sua frente e segurei seu pau na minha mão, ele engoliu em seco. Lambi toda sua extensão, olhando diretamente para os seus olhos e me deliciando com o que tinha visto. Ele estava entregue... Eu o engoli por inteiro e o fiz fechar os olhos e se apoiar na parede. Ele se perdeu em mim... assim como eu tinha me perdido nele. Só parei quando acabou, queria deixá-lo satisfeito, assim como eu estava. Quando fiquei de pé e ele olhou nos meus olhos, eu vi o meu Eric ali. Por um segundo, tive um vislumbre do que costumávamos ser e meu coração se encheu de paz.

Nós começamos a nos lavar, ambos estávamos esgotados. Ele estava sempre calado, mas não se afastava de mim e isso me fez permanecer relaxada. Quando saímos do chuveiro, eu ia colocar uma roupa para dormir, mas ele, em silêncio, pediu minha mão e, quando eu coloquei minha mão na dele, ele nos guiou para o seu quarto. Ele deitou nu, eu também. Não precisamos de palavras, eu deitei de costas para ele e ele se encaixou atrás de mim me envolvendo em seus braços. Ali eu me sentia aquecida, protegida. Eu me sentia em casa.



Acordei com ele no meio das minhas pernas. Por alguns segundos, até pensei que estava apenas sonhando.

— Ah, Eric... — sussurrei, olhando para ele, que subiu seus beijos, vindo beijar meus lábios e, devagar, entrou em mim, fazendo-me gemer nos seus lábios. Eu me perdia e me encontrava nele... Quando acabamos, enquanto recuperávamos o fôlego, fiquei observando seu rosto, passando minha unha pela linha do seu maxilar, nos seus lábios.

— O que você está pensando? — perguntei.

— Que você é uma mulher maravilhosa...

— Eric, é mentira.

— O que é mentira?

— Você nunca me traiu.

— Lara...

— Você nunca faria isso... eles te enganaram, eles...

— Lara, para... não me faça me arrepender do que acabamos de fazer, somos dois adultos. Eu não te prometi nada.

— Eric, escute, eu posso estar certa. Você devia ter algo que os interessava, você...

Ele se levantou, irritado.

— Pare, Lara, estou te pedindo!

— Nós precisamos conversar sobre tudo que aconteceu desde a explosão, Eric! Você precisa encontrar o que está errado! — Eu estava aflita tentando fazê-lo enxergar isso, mas ele já estava exaltado.

— Você acha que não fiz isso? Acha que eu não procurei em cada canto? Acha mesmo que eu confiaria de primeira em qualquer pessoa que me dissesse algo? Não por você, mas por mim mesmo! Eles têm vídeos, Lara. Eles tinham provas do tipo de serviço que eu fazia!

— Então me conta! Deixe-me te ajudar, eu não quero te perder de novo!

— Me perder? Eu não sou seu, Lara. Eu sabia que isso te confundiria, que merda!

Corri até ele, que se afastava com rapidez de mim, fazendo-o parar. Segurei seu rosto e fiquei na ponta dos pés, dizendo com emoção tudo que meu coração me mandava falar:

— Se você não me deixar entrar, não vai saber que, quando te amei, você me amou de volta. Eles estragaram sua mente, mas seu coração ainda é meu, eu senti isso essa noite.

Ele estava paralisado, olhando nos meus olhos...

— Apenas me deixe entrar, e eu lhe ensinarei novamente como me amar.

Ele ficou alguns segundos olhando nos meus olhos e, tenho certeza de que ele viu o quanto eu acreditava em nós. Ele se rendeu, puxou-me para ele, eu o abracei apertado.

— Me fale como éramos... mostre-me o que eu perdi — sussurrou, parecia derrotado, mas aquilo para mim era uma vitória.

— Oh, meu Deus... como eu senti sua falta.

— Como pode me amar assim, depois de todos esses anos?

— Você não entende, mas eu vou te amar pelo resto da minha vida, Eric Russell. Nós dois juramos perante Deus... nossas almas estão entrelaçadas. Quando você se foi, parte de mim também tinha partido.

— Sinto muito por você, Lara.

— Eu que sinto muito por você não se lembrar.

Ele parecia envergonhado por alguns momentos.

— Como pode ter tanta certeza?

— A forma como me olhava e me tratava. Os lábios podem contar mentiras, mas os olhos não. O jeito que me olhava era como se... era como se eu fosse o seu mundo.

Ele mexeu no meu cabelo por alguns segundos, observando meu rosto, que já estava molhado em lágrimas... Poxa vida, eu era muito chorona.

— O que mais? — Ele segurou minha mão e voltamos para cama.

— É, você tinha razão... você mantinha minha cama aquecida, todas as noites... você me idolatrava na cama, sempre sem pressa, eu era sua rainha. Quando você ia trabalhar, você deixava bilhetes no travesseiro, sobre tudo e sobre nada ao mesmo tempo. Eu amava seus bilhetes. Eu só os tenho ainda, porque, quando você supostamente morreu, minha irmã os tirou de casa antes do incêndio acontecer. Eu não aguentava olhar para o travesseiro ao meu lado e saber que eu nunca mais os encontraria ali, então eu queria jogar tudo fora, mas ela sabia que um dia eu me arrependeria, então os levou embora. Apesar de que, até hoje, eu não tive coragem de reler nenhum deles sequer.

Ele engoliu em seco.

— Você é muito intensa.

— Eu só me recuperei por causa da Emilly. Ela é tão... especial. Ela me surpreende o tempo todo e ama inventar histórias, como eu.

Estávamos deitados de lado, um de frente para o outro. Ele mexeu no meu cabelo, acariciando meu rosto.

— Lara, o que eu posso te dar é isso aqui, poucos dias de companhia. Por favor, não espere mais que isso.

— Se você procurar pela verdade, você vai encontrá-la. Lute por mim, Eric.

Ele ficou em silêncio, beijou minha testa e se levantou.

— Eu não sei você, mas estou com fome...

Eu sorri. Por mais que ele tenha fugido do fim da conversa, para mim era um grande avanço.

— Se arrume. Vamos à cidade comprar algumas roupas pra você e almoçamos por lá. — Sorri, feliz por sair daquela casa um pouco e, claro, eu precisava de mais calcinha. Estava sobrevivendo com apenas duas todos aqueles dias, não estava fácil.

Coloquei, novamente, a única calça jeans, meu tênis e a blusa de lã com o casaco preto. Penteei meu cabelo, escovei os dentes e passei o batom e rímel que estavam na minha bolsa. Já no carro, eu observava ao redor com admiração. Era um lugar muito bonito. Realmente bem isolado, mas eu gostava do silêncio. Quando chegamos na pequena cidade, era um lugar encantador.

— Eu gostei daqui... — comentei, ele sorriu, estacionando o carro pouco depois.

O novo Eric era silencioso, era difícil de lê-lo, saber o que pensava. Acho que nem ele sabia como agir perto de mim. Eu puxei assunto, perguntando sobre os lugares que ele havia conhecido durante esses anos. Ele praticamente conheceu o mundo inteiro! Nós almoçamos e ele esperou pacientemente eu escolher algumas roupas, principalmente lingerie. Peguei um conjunto bem sexy, vermelho, e mostrei a ele.

— É do seu agrado, comandante?

— Não me provoque em público, Lara.

— Mas como você acha que ficará em mim? Combina comigo, não? — comentei, fazendo-me de inocente, mordendo o lábio.

Ele negou com a cabeça, sorrindo.

— Perfeitamente, pequena diaba.

Ele não reclamou de nada do que eu tinha pegado. Comprei cinco conjuntos de lingerie, duas calças jeans, quatro blusinhas básicas e mais uma blusa de frio, e claro, quatro pares de meia.

Quando voltamos para a sua casa, eu vesti o conjunto de lingerie para experimentar, mas não fiquei com ela por muito tempo. Depois de ter tirado meu sutiã, tirou a calcinha de mim puxando com seu dente. Como ele era bom...

— Dorme um pouco... amanhã sairemos cedo. — Ele deu um beijo no meu rosto enquanto eu me acomodava melhor na cama.

— Pra onde vamos?

— Dar um passeio aqui perto... então, descanse. — Ele começou a sair da cama, eu me apoiei no cotovelo para olhá-lo melhor.

— Aonde você vai?

— Preciso resolver algo... — Eu estava pronta para fazer mais perguntas, quando ele continuou: — Eu não vou sair da casa. Volto já.

Tentei dormir, estava exausta. Não demorei a apagar. Em algum momento da noite, senti-o se aproximar e me abraçar. Aconcheguei-me nele e voltei a dormir.



De manhã, ouvi o despertador do seu celular tocando.

— Ei... Lara? — bocejei, sonolenta. Ele finalmente desligou o barulho infernal.

— Estou acordada — respondi, de olhos fechados. Mas virei para o outro lado para voltar a dormir, tinha certeza de

que era bem cedo. Ouvia ele se mexendo pelo quarto, mas eu estava com tanto sono...

— Lara! Vamos, preguiçosa.

Levantei-me e fui para o banheiro, com os olhos um pouco fechados, estava só de lingerie. Escovei os dentes e lavei o rosto, despertando um pouco. Ele veio atrás de mim, beijando meu pescoço. Fechei meus olhos, deitando minha cabeça de lado para lhe dar livre acesso.

— Hum... pensei que estivesse com pressa pra ir...

— Perdi a pressa...

Sua mão envolveu os fios do meu cabelo, sua outra mão desceu para minha intimidade, colocando minha calcinha de lado, deixando-me à mercê do que ele queria. Quando abri os olhos, ele me encarava fixo no espelho, estudando meu rosto. Rebolei no seu pau ereto, provocando-o. Ele sorriu e desceu minha calcinha...

— Empina essa bunda pra mim, pequena diaba.

Ele me possuiu ali mesmo, de mansinho, aproveitando cada segundo. Eu tentava devolver seu olhar intenso, mas não aguentava as sensações que ele me causava. Gostei de ser observada daquela forma e tenho certeza de que ele também gostou de me possuir daquele jeito... ah, como eu queria começar meus dias assim todos os dias.

Nosso humor e sintonia estava invejável. Eric estava mais aberto, mais falante. Ele disse que seria uma longa caminhada,

mas que valeria a pena. Meu tênis era confortável e, apesar de estar de calça jeans, ela era larguinha, então também me deixou à vontade. O ar fresco me fez esquecer os problemas. Fazia dois dias que Eric me fez entrar em uma bolha onde não havia problemas. Que ele me fez voltar a ser adolescente, me fez voltar a sonhar. Mas, no fundo, sentia-me péssima por não estar com Emilly. Como eu sentia falta do meu coração! O ar não estava tão gelado naquela manhã, o que deixava bem melhor para estar ao ar livre. Nós seguíamos por uma trilha improvisada quando, ao longe, eu vi para onde íamos.

— Oh, meu Deus, Eric! — sussurrei, encantada com a visão. Uma lagoa enorme de água azul-turquesa estava bem à minha frente.

— É bonito, não é?

— Eu... estou encantada! — falei, realmente admirada.

— Eu gosto de correr por aqui, clareia muito a mente.

— Só consigo me imaginar sentada com meu notebook em um banco desses, escrevendo e lendo meus livros, com Emilly brincando ao redor... Não queria mais nada na vida! Que lugar perfeito!

Poxa vida... esse lugar só podia ser um pedaço do céu.

Nós caminhamos até uma ponte de madeira, quando notei, ele tirava uma foto minha com o celular.

— O que está fazendo? — perguntei, curiosa.

— Guardando uma recordação... Você está com um sorriso muito bonito, parece feliz... quero lembrar desse sorriso... — Fiquei tímida de repente... e feliz.

Nós nos sentamos na beirada na ponte, observando o céu, tão claro, tão limpo. A água tinha uma cor impressionante. Tinha duas montanhas em volta que completavam a paisagem, era tão linda que tive vontade de chorar. Ficamos um tempo em silêncio, apenas respirando o ar puro, vendo cada detalhe da paisagem, apreciando a companhia, mas eu vi quando ele começou a ficar inquieto e, de repente, começou a falar:

— Eu fiquei quase um mês desacordado após a explosão. Tudo tinha sido armado, era suposto eu estar na cabine, onde era meu lugar, quando a explosão aconteceu, eles queriam me eliminar.

Ele começou a contar a história que eu tanto queria saber, eu fiquei tensa, mas, independentemente do que fosse, eu tinha que ouvir.



CAPÍTULO 15

— Quem me resgatou foram pessoas que tinham interesse em saber o que eu havia descoberto, que me tornou um alvo. Queriam saber se eu tinha ideia de quem tinha orquestrado aquele atentado. Perguntavam quais segredos de estado meu pai me contava durante o almoço em família — ele riu, sarcástico. — Eles não acreditavam que eu havia perdido a memória, então eles... hum...

— Eles te torturaram...

Ele assentiu.

— Mas, por fim, decidiram que era melhor eu me manter por perto. Afinal, eu me mostrei habilidoso demais para ser morto. — Sua última frase tinha um tom tão amargurado que encheu meus olhos de lágrimas. — Eles tinham informações demais sobre minha vida, me conheciam de mais perto do que

eu poderia imaginar e eu fiz coisas... estúpidas, previsíveis, que me deixou à mercê deles.

— Eric... — Eu só conseguia imaginar quantas situações horríveis ele teve que enfrentar.

— Mas como eu disse, eu estava sem memória, eles montaram minha vida e eu a vivi. Pagavam bem, eu não sabia o que eu tinha perdido com vocês... eu imaginava, mas não sentia.

— Você tem uma filha incrível, Eric.

— Ela é incrível porque você a educou bem, você cuidou dela. Eu não tenho mérito nenhum nisso. Mas, hum, eu vi você... dois meses depois da explosão. Você foi minha primeira missão, eles queriam me testar...

— Como assim, você me viu?

— Eu fui até a nossa casa em Washington D.C.. Tive tempo de explorar a casa, imaginei a vida que, aparentemente, nós tínhamos. Vi rastros de uma história, que, para mim, era falsa. Fiquei com pena de você, porque eu vi quanta dor essa mentira lhe causou.

— Você colocou fogo na nossa casa — deduzi, sentindo-me tão magoada que não consegui conter as lágrimas. Ele concordou, parecia envergonhado. Ele se levantou, comecei a notar seu humor mudar, parecia com raiva, começou a se afastar. Eu me levantei devagar e o acompanhei. Ele saiu da pequena ponte, andando no chão de terra úmida em volta do

lago, pegou algumas pedrinhas no chão e começou a jogar na água, com força, com raiva.

— Cerca de um ano depois, eu já havia cansado daquela vida, fiquei um pouco desleixado. Então, um dia fui surpreendido por um esquadrão muito bem treinado da CIA me esperando em uma emboscada. Por um lado, fiquei lisonjeado, significava que eu estava fazendo bem o meu trabalho e o mais alto escalão de segurança nacional estava me investigando.

Eu estava com medo de onde toda aquela história iria acabar, mas continuei em silêncio prestando atenção.

— Mas, ao invés de me prenderem ou fazerem o favor de me matar, de verdade dessa vez — ele deu um riso sarcástico —, eles me ofereceram uma opção muito melhor.

— Então agora você trabalha para a CIA — deduzi novamente.

— Eu era perfeito para o trabalho... mas eles nunca confiaram 100% em mim — riu sem humor, olhando pra baixo.

— Por quê?

— Eu faço um jogo duplo... ou triplo, depende do ponto de vista — ele piscou, maroto. — É necessário para manter meu disfarce, mas eles não concordam com certas coisas. Nem eu concordo com algumas exigências deles, mas...

— Que coisas? Que exigências?

— Já te contei demais, Lara. Se dê por satisfeita.

Fui até Eric e o abracei, querendo amenizar qualquer coisa que ele estava sentindo. Mas ele não me abraçou de volta.

— É por isso que amanhã você irá embora.

— O quê? — perguntei confusa, afastando-me um pouco.

— Você vai entrar em um programa de proteção a testemunha. Assim que possível, eles irão levar a Emilly pra você.

— Não, Eric... não!

— Você não tem escolha, Lara.

— E você? O que vai acontecer com você?

— Lara, você entende a gravidade da situação?

— Você entende que eu amo você, Eric? — Ele me afastou dele, colocando a mão na testa por alguns segundos, parecia procurar as palavras em sua mente.

— Você que não entende que eu não te amo! Pare de confundir a situação, eu não quero te magoar, mas não posso mais te enganar.

Dei dois passos para trás.

— Não...

— Não me olhe desse jeito, Lara.

— Você quer que eu te olhe como, se você está quebrando meu coração? — perguntei, muito magoada.

— Vamos pra casa... o passeio acabou.

Ele disparou na frente. Andei depressa para o alcançar.

— Você pediu para eu mostrar o que perdi, como éramos... Você não sentiu nada?

Ele segurou meu rosto, olhando nos meus olhos.

— Você é uma mulher maravilhosa, o sexo com você é incrível, mas é isso... Não me faça usar palavras mais duras com você.

— Fale, quem sabe assim eu tomo vergonha na cara e paro de rastejar atrás de você!

— Você me pediu para lutar por você, mas, honestamente, eu não quero. Eu não vou deixar minha carreira na CIA por você. Você não vale isso.

Eu não valho isso?

— Que carreira? Você está morto, Eric! MORTO! MORTOS não recebem medalhas de honra!

Disparei em direção à casa, ele ficou para trás, andando devagar. Eu estava tão ferida, que não conseguia sequer olhar para ele. Só segui na mesma direção que tínhamos vindo e quase uma hora depois, finalmente chegamos. Antes de eu entrar, notei que a porta estava entreaberta. Eric tirou a arma que estava dentro da sua jaqueta e me fez andar atrás dele, escondi-me dentro de um pequeno cômodo que era quase um armário, logo na entrada. Mas logo ouvi uma voz muito conhecida por mim.

— Onde ela está? — Era Thomas. Eu saí de dentro do armário a tempo de ouvir a resposta do Eric.

— O que está fazendo aqui?

— O que você pensa que está fazendo mantendo-a aqui?

Andei até os dois, Thomas me viu e veio em minha direção, eu dei dois passos para trás, isso o fez parar.

— Você sabia... — olhei de um para o outro, em completo choque. — O tempo todo você sabia e...

— E o que, Lara? — ele riu, sarcástico, observando nós dois. — O que está fazendo com a mente da menina, Eric? Não sabia que era tão covarde.

Como o gosto da traição era amargo.

— Não finja que você se importa, Thomas! — gritei, totalmente revoltada. Eric não olhava em minha direção. — Como você foi capaz de esconder que ele estava vivo, vendo o quanto eu sofria?

— Você acha que ele iria voltar pra você? Bom, acredito que agora você saiba, mas ele nunca foi realmente seu. Eu tinha pena de você, Lara. Pelas coisas que ele fazia, como te enganava... Não é mesmo, Eric?

Eric encostou-se à parede em uma pose despreocupada e marrenta, dando de ombros. Ele não dava a mínima para nada.

Não aguentei segurar a pose, estava sem fala, eu queria gritar, mas já estava tão ferida, que não tinha voz.

— Eu não acredito... vocês me fizeram passar como louca, eu não... eu não...

— Você sempre foi iludida demais, Lara, uma menininha em corpo de mulher.

Eu olhava fixo para o Eric, desejando, com todo meu coração, que ele tomasse uma atitude, que não deixasse Thomas falar aquelas coisas para mim, mas ele não fazia nada. Só escutava. E por mais que eu o odiasse por, mais uma vez, ter mentido pra mim, ele não me defender ali era o que mais me feria.

Thomas começou a caminhar em minha direção, ele passou seu indicador no meu rosto, fazendo-me levantar o olhar para seu rosto.

— Se você voltar comigo agora, eu deixo você ficar com Emily.

Franzi meu cenho, era tudo o que eu mais queria, ficar com a minha garotinha.

— Ela não vai sair daqui — Eric entrevistou, mas eu já não suportava sequer ouvir o som da sua voz.

— Não é você quem decide isso.

— Não interessa! Ela não vai e pronto!

— Ah, é? Vamos ver se ela vai querer ficar depois de eu contar tudo sobre você.

Vi a respiração do Eric aumentar o ritmo e ele intercalar o olhar de mim para Thomas. Eu não sabia o que fazer, imaginava que Thomas não sabia que Eric trabalhava para CIA. Eric disse que fazia jogo duplo, e, dependendo do ponto

de vista, triplo. Havia mais alguém nesse negócio, afinal, acho que Thomas não mandaria alguém para me matar, ou procurar o Eric, pois pelo que parecia, ele sabia onde nos encontrar o tempo todo. Quem era o terceiro elemento nesse enigma?

— Vamos lá, por onde eu posso começar? — Thomas andou vitorioso pela sala, vendo uma calcinha minha jogada no chão. — Hum... acho que vocês também têm coisas pra me contar, não é? Andaram se divertindo. Ah, irmão, agora sei por que quer mantê-la aqui. Te entendo, é difícil manter as mãos longe dela uma vez que experimentamos... — Ele olhou nos meus olhos, provocativo. Engoli em seco e olhei para o Eric, que sacou de imediato do que ele estava falando.

— É, meu irmão, parece que eu perdi a aposta... — Eric comentou, sério, olhando pra mim.

— Do que estão falando?

— Eric apostou que eu não era capaz de te levar pra cama... — Thomas respondeu, gabando-se por tal feito. Olhei de um para o outro, incrédula.

Não, achei que eu fosse capaz de superar qualquer coisa, mas está sendo demais. Eu não consigo mais...

— Voltando ao assunto inicial. Bem, por onde posso começar? Ele que incendiou sua casa. — Ele começou a contar nos dedos. — Era só para ele fazer uma varredura no terreno, sabe? Ver se podia ter algo que ele fosse precisar, ou algo que

o fizesse se lembrar, mas ele resolveu dar uma de rebelde e incendiou tudo.

Comecei a entrar em pânico, com as diferentes versões que estavam sendo apresentadas. Isso fazia Thomas pensar que eu não sabia de nada.

— Ele sempre traiu você. Pensando bem... Eric, nós temos um histórico em dividir mulheres, não é? No ensino médio foi a Samara, eu fiquei primeiro e depois você, poucos meses atrás foi, como era mesmo o nome dela?

— Keyla... — Eric soprou o nome dela, olhando para o outro lado.

— Inclusive, era com ela que estava no dia que você deixou Lara te ver, não é? Vacilão, não era para isso acontecer. — Ele estalou a língua, negando com a cabeça.

Minha nossa! Pare, apenas acabe com tudo, eu te imploro!

— Pare, Thomas...

— E agora a Lara. É, ela foi a melhor de todas, com certeza.

— Fala logo que merda veio fazer aqui porque eu não estou com paciência pra te escutar!

— Vim buscá-la.

— Ela não vai embora com você.

— Por que quer ela aqui, Eric? Tem algo que eu deva saber?

— Tá com algum problema, Thomas? Ela já sabe que estou vivo, ela vai sair daqui quando eu achar que posso confiar

nela. Nós dois sabemos que eu sou o que mais tem a perder com isso.

— E ela, é claro. Ou estar com seu marido te fez esquecer sua filha, Lara?

Baixei a cabeça, envergonhada, perdida.

— Como ela está?

— Ela está bem, mas sente muito a sua falta... ela está... difícil.

Meu coração queria ir com ele, voltar para Emily, esquecer toda essa maldita viagem. É verdade, eu só percebi o quanto minha vida era perfeita com a minha filha, quando reencontrei aquele que tanto amava, mas que me fez passar pelo inferno. Contudo, meu sexto sentido me mandava ficar. Thomas me olhava muito fixamente, aguardando alguma reação da minha parte.

— Eu quero ir embora sozinha. — Cruzei meus braços em relutância.

— Você não conseguiria chegar nem no aeroporto, Lara. Você seria morta enquanto ainda estivesse em um táxi a caminho de lá — Thomas respondeu, parecia entediado. — Você só vai sair daqui quando um de nós a levar.

— Por que eu deveria confiar em você?

— Por que você deveria confiar no Eric? Ficou o quê, seis ou sete dias com ele e acha que o conhece?

— Não estou falando que confio nele, estou te perguntando por que eu confiaria em você! Vai me drogar de novo pra transar comigo? Eu tenho nojo de você, Thomas!

— Cuidado com o que fala, Lara. Sua situação não está muito boa.

— Vai fazer o quê, Thomas? O que mais de ruim pode acontecer comigo, hum? Descubro que a grande história de amor que eu sempre idolatrei, era uma grande mentira. Fiquei de luto por quase cinco anos por alguém que está bem aqui, olha, do meu lado, pouco se lixando pra mim. Você e sua miserável família tomaram de mim a única coisa que me importa. Vocês dois roubaram minha dignidade, roubaram meus sonhos. O que eu tenho? O QUE MAIS QUER TIRAR DE MIM?

Ele veio até mim e eu comecei a me afastar, assustada com sua aproximação e, honestamente, arrependida por ter estourado.

— Sua vida, quem sabe?

Ele foi para trás de mim tão rápido que eu dei um grito de susto, ele envolveu meu pescoço com seu braço e apertou, comecei a me debater, tentando escapar, mas ele era um monstro de tão grande.

— O que você está fazendo? — Eric perguntou fazendo menção de vir em nossa direção, mas Thomas gritou o fazendo parar:

— ONDE ELE ESTÁ?

— De novo esse assunto, porra?!

— Você vai me falar a verdade agora ou eu vou matar a Lara aqui mesmo!



CAPÍTULO 16

Comecei a ficar sem ar, ele ia aumentando a pressão do braço em volta do meu pescoço, aos poucos. Meus tapas não pareciam fazer cócegas nele, nem meus chutes, só fazia ele me apertar mais.

— EU JÁ FALEI, PORRA! — Eric gritou. — Eu não sequestrei Dimitri e muito menos roubei esse maldito arquivo! Ele não chegou no local marcado! Alguém o pegou antes de mim!

— Então por que está fugindo?

— Eles não estão cooperativos comigo, caralho! Não querem conversar! Estão pouco se fodendo para Dimitri, eles querem o arquivo e não vão acreditar que eu não estou com ele!

De repente, o aperto em meu pescoço se intensificou. Eric notou, mas fez como se não importasse.

— Você vai cuidar da bagunça depois, eu não quero saber...

— Eric virou as costas e saiu, Thomas soltou o aperto, minhas pernas amoleceram, mas ele me segurou antes que eu caísse. Eu estava perdendo os sentidos quando meu cunhado fez questão de soltar sua última dose de veneno no momento:

— Você viu que tipo de pessoa ele é, Lara?

Minha cabeça entrou em pane de repente, senti a escuridão me envolver, e desmaiei nos braços de Thomas.



Acordei sem saber que horas eram, mas tudo estava escuro. Eu estava na minha cama, a porta do quarto estava aberta e a luz do corredor estava acesa, era a única claridade que tinha, então o vi sentado ali. Eric...

Virei para o outro lado, ele chamou meu nome para saber se eu estava acordada, mas não respondi. Em poucos minutos acordada, já havia notado que eu estava morta de fome. Queria ignorá-lo, mas eu teria que levantar para comer algo. A lembrança do que havia acontecido mais cedo fervilhava na

minha mente e me machucava muito, mas eu finalmente tinha aprendido minha lição. Eu finalmente tinha acreditado, *ele não se importa comigo*.

Levantei-me, calcei o chinelo dele, que vinha usando durante esses dias, e fui em direção ao banheiro, ele veio atrás.

— Lara... eu sinto muito.

— Não, não sente.

— Lara, se ele a tirasse daqui, você não chegaria ao aeroporto, o pessoal dele iria matar você.

— Ah, então você preferiu deixar ele me matar aqui na sua casa? Bom saber...

— Não, ele estava me testando! Eu passei no teste, Lara. Ele não mataria você com as próprias mãos. É covarde demais pra isso. Mandaria alguém fazer o serviço. Eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, ele apareceria aqui.

Suspirei, cansada. Eu não conseguia nem chorar mais. Para mim, já deu. Lavei meu rosto e passei por ele, indo em direção a cozinha.

— Ele já foi embora? — perguntei quando o notei me seguindo.

— Sim, foi. Lara, você precisa acreditar em mim.

— Eu acredito, agora me deixa em paz.

Peguei a uva que estava na geladeira e a lavei, sentei-me na cadeira e apoiei no balcão, ignorando-o completamente. Ele

não tinha acreditado no que eu havia dito, não era tão estúpido. Ele se aproximou, então, sem olhá-lo, eu rosnei.

— Se você se aproximar, eu vou te agredir.

— Pode agredir, pode descontar sua raiva em mim, eu só quero que você grite comigo e fale o que está pensando, seu silêncio é... perturbador.

Eu o olhei com mágoa.

— Eu não tenho o que falar, Eric. De volta ao lago, você deixou claro que o que tínhamos era o que vivemos nesses dois dias, algo temporário. Eu não valia a pena, não é isso? É o que você vem me falando todos esses dias, mas só hoje eu acreditei. Então, o que é que te incomoda tanto?

Ele parecia um pouco transtornado, arrependido, mas eu só conseguia odiá-lo naquele momento, só tinha mágoa dentro de mim.

— Eu não quero que me odeie.

— VOCÊ ME DEIXOU PARA MORRER ALI! — gritei, apontando para onde eu tinha sido enforcada pelo Thomas, tentando a todo custo segurar as lágrimas, mas a mágoa que eu sentia ultrapassou minhas barreiras.

Eu não era nem um pouco forte quando se tratava de Eric Russell.

— Eu não ia deixar chegar nesse nível, eu estava monitorando o tempo, eu juro.

— Você não cansa de me deixar sofrer? — gritei furiosa, levantando-me. — POR QUE VOCÊ NÃO ME DEIXA EM PAZ? POR QUÊ?

— Lara, se eu tomasse alguma atitude, ele ia saber que eu...

— Que você? Continue!

Ele não conseguiu continuar.

— Oh, meu Deus... — sussurrei. — Você está com aquele cara e com o arquivo, não é? Você arriscou a minha vida por... Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! — sussurrei tão ferida. Ele não me desmentiu, ele realmente estava com esse cara e o arquivo que Thomas queria. — VOCÊ TEM NOÇÃO DO QUE EU SENTI? Pensei que eu nunca mais fosse ver a Emilly, Eric! — Ele não olhava para mim, de cabeça baixa, eu me aproximei dele e espalmei com força seu peito. — VOCÊ DEVIA ISSO A MIM! Você tinha que me proteger!

— Eu protegi, do meu jeito...

Então, sussurrei com raiva, expondo todo o sentimento ruim que estava em mim:

— Eu te odeio, do fundo do meu coração. Eu preferia nunca ter te encontrado! Eu me arrependo do segundo que coloquei meus olhos em você, Eric Russell. Você foi a maior mentira da minha vida e eu te odeio por isso!

Corri para o meu quarto e fechei a porta, sentando-me no chão e chorando tanto que eu não conseguia controlar. Eu via toda felicidade que eu sentia quando estava com o Eric, com o

meu Eric, sendo substituída e apagada por tudo o que houve nesses poucos dias... eu o odiava, eu me odiava. O aperto em meu peito me sufocava a ponto de eu querer me machucar, porque doía odiá-lo, mas eu não conseguia parar. Porque ele se mostrou ser tudo o que eu nunca esperava, e eu era tão dependente do amor que eu pensava que ele sentia por mim. Sempre acreditei nele, minha fé nele era... gigante demais para esse mundo. E ele destruiu tudo em poucos dias.

Eu só quero voltar pra casa, Deus, eu te imploro, me leva embora daqui, me leva para a minha filha, me leva para onde eu nunca deveria ter saído...

Fui para a cama e me encolhi ali. Escutei barulhos de coisas se quebrando no andar de baixo, mas não me importei. Se a morte estivesse a caminho, eu não estava pronta para lutar contra ela.



No dia seguinte, de manhã, acordei com duas batidas na porta e, em seguida, ouvi-a se abrindo.

— Lara? — Eu o olhei. — Eles chegaram. Mas... tome seu tempo, eles podem esperar.

Eu assenti, e ele fechou a porta.

Fui para o banheiro, estava tão atônita que fazia tudo robotizado. Escovei meus dentes durante o banho, tentando relaxar um pouco com a água quente caindo nas minhas costas. Mas não resolveu... Saí do banheiro de toalha, vesti uma roupa confortável e coloquei as poucas coisas que tinha em uma mala pequena que estava ali, provavelmente Eric havia colocado enquanto eu estava no banho. Pensando nele, ele entrou no quarto e fechou a porta, ficou parado me olhando.

— Está pronta? — perguntou, baixinho. Eu fiz que sim... ele se aproximou, chegou bem pertinho, eu senti seu perfume. Fechei meus olhos e virei o rosto. — Olhe pra mim... — ele pediu. Abri os meus olhos, mas deixei minha cabeça virada de lado, olhando e desviando o olhar a cada segundo. Minha mente dizia para não me maltratar desse jeito, mas meu coração gritava o quanto o amava.

— Sei que foram dias difíceis, mas, ei... — Ele virou meu rosto, segurando-o com suas duas mãos. — Eu te prometo que eles levarão Emilly pra você o quanto antes. Você vai retomar a sua vida e ser muito feliz, porque você merece.

Fiz que sim com a cabeça...

— Você vale muito mais do que eu jamais poderia merecer, ouviu, Lara? Sinto muito... mas você precisa seguir em frente.

Quando ele beijou minha testa em despedida, eu senti que nunca mais o veria. Então, recordando todo o sentimento devastador que me assombrou durante quase cinco anos, desejando só mais um beijo, só mais momento, eu o abracei. Tão apertado, que eu sabia que conseguiria sentir esse abraço sempre que eu quisesse recordar, porque ele retribuiu, ele me acolheu. Eu me afastei, peguei minha bolsa em cima da cama e o deixei no quarto. Desci as escadas e encontrei três homens, um deles veio ao meu encontro.

— Bom dia, Lara, eu sou o agente Kenson, esses são Turner e Kaleb, nós iremos te levar para um lugar seguro e, a partir de agora, estará sob nossa proteção.

Assenti, sem conseguir falar uma palavra sequer. Ele fez um sinal para que eu passasse por ele, então fui. Eu sabia que Eric me olhava de cima da escada, mas não olhei para trás. Esse seria o primeiro passo para seguir em frente... deixá-lo sem olhar para trás.

Entrei no carro, tentando conter a dor, tentando focar que encontraria minha filha em breve, mas eu estava devastada. Precisaria de muita força para superar os acontecimentos desses últimos dias. Não podia jogar toda a culpa do meu sofrimento na vida, foram minhas escolhas e as consequências foram cruéis comigo, mas eu tinha uma linda filha, nós duas éramos saudáveis, tínhamos uma vida estável, mas, meu Deus... como poderia doer tanto?

Nós fomos para o aeroporto, eu tive que entregar a eles o passaporte falso, só respondia o necessário e tudo que eles falavam entrava por um ouvido e saía pelo outro, nada me importava. A não ser Emilly.

— Onde eu vou ficar? Quando vocês trarão Emilly para mim?

— O que Eric disse a você?

— Ele disse que eu entraria no programa de proteção a testemunha e logo vocês trariam Emilly para mim, só isso. Não me deu detalhes.

— Nós não podemos simplesmente chegar e tomar Emilly dos Russell, estamos dependendo de algumas... variáveis. Prometo que não levará muitos dias, o agente Eric cumpriu sua parte no acordo, conseguiu todas as informações que precisávamos.

— Quando tudo acabar, poderei voltar pra minha casa? No Brasil?

— Não, Lara. Se tudo ocorrer como planejado, é ideal que você e sua filha fiquem pelo menos quatro anos longe.

— Como assim? E minha família? Meus pais, minha irmã... eu não...

— Pretendemos derrubar todo o sistema deles — ele me cortou —, esse tempo longe será apenas uma precaução. Sua família está bem e também estão sob nossa proteção, mas o alvo é você e sua filha. Vocês duas terão vidas normais, apenas

com uma nova identidade. Irei providenciar um celular não rastreável para você poder conversar com a sua família sempre que quiser, sua vida seguirá normalmente.

Concordei, afinal, o que mais eu poderia fazer? Apenas dois agentes embarcaram comigo para os Estados Unidos, um deles ficou para trás. O motivo eu não sabia. Eu aguardaria em uma casa protegida até que a operação fosse concluída e eles trouxessem Emilly para mim, para só então nós duas irmos ao nosso novo lar. Onde? Eu não fazia ideia. Mas honestamente pouco me importava, eu só queria minha menininha comigo... minha princesa do reino gelado alemão.



CAPÍTULO 17

Chegamos na tal casa protegida. Era uma grande mansão isolada, mas bem protegida por policiais fortemente armados. Era branca, com um muro alto a cercando.

— Por que viemos para Washington? — perguntei, reconhecendo a paisagem da cidade, que por tanto tempo foi minha casa.

— Porque decidimos assim, Lara. Sinta-se à vontade, terá alguém para preparar suas refeições, acredito que tem tudo que precisa. Mas, se precisar de algo mais, pode chamar alguém da casa e veremos o que podemos fazer.

Grosso!

Passaram-se três dias, eu já estava aflita. Tinha falado com Gabi, disse que tudo estava bem e perguntei como todos estavam em casa, graças a Deus todos estavam bem, mas

muito bravos comigo. Eu não pude falar com Emilly ainda, mas soube que a operação deles deu início ontem. O que estava acontecendo, eu não sabia. Estava isolada, sem poder usar internet. Enquanto eu falava com Gabi, tinha um agente bem do meu lado, monitorando e ouvindo tudo.

Estava dando uma volta no jardim, a casa era bem bonita, a sala e a cozinha tinham paredes de vidros, eu conseguia ver parte do jardim dos fundos estando aqui na frente. De quem seria essa casa? Observando em volta, vi um rosto conhecido no portão, conversando com um dos policiais.

— Jackson? — sussurrei, comecei a andar em sua direção, ele me viu e abriu um sorriso. — Jackson! Meu Deus, você não sabe o alívio que estou sentindo em ver um rosto conhecido!

— Mesmo esse rosto conhecido tendo mentido pra você?

— Ah... Jack, eu não sei mais o que pensar...

— Vai ficar tudo bem, Larinha. Vem aqui. — Ele me abraçou. — Como você está?

— Estou aflita, sem saber o que está acontecendo lá fora. Eu vejo o pessoal um pouco alterado por aqui, ouço sussurros, mas não sei o que está acontecendo.

— Pretendo te contar tudo com calma, mas agora... acho que sua aflição passará um pouco quando você vir quem está vindo aí...

De repente, uma mulher entrou de mãos dadas com Emilly, ela estava toda falante, mas, quando me viu, ela parou de falar.

— Mamãe? MAMÃEZINHA! — Corri até ela e me abaixei para abraçá-la, enchi seu rostinho de beijos e a apertei desesperadamente. — Mamãe, você *demolou* muito.

— Ah, minha linda, você não tem ideia do quanto a mamãe se arrepende de ter ido nessa... hum... nessa viagem. Mamãe nunca mais vai sair do seu lado, tá bom? Eu prometo!

— Mesmo, mesmo? — ela perguntou, passando a mão no meu rosto, limpando as lágrimas. — É *lágrimas* de felicidade, né, mamãe?

— Sim... plena felicidade, meu amor... senti muito a sua falta.

— Eu também. Você *palou* de me ligar! Isso não *podia*! Vira o bumbum aqui, você *melece* uma lição. — Ela tentou dar tapinhas na minha bunda, eu e mais algumas pessoas caímos na risada com seu ato. Comecei a falar inglês com ela, para que todos pudessem entender.

— Ai, Emilly! Deixa passar dessa vez, menina! — ela riu junto comigo. Meu coração encheu de paz com ela nos meus braços.

— Mamãe... não me deixa mais, tá bom? Eu gosto do meu vovô, da minha vovó e do meu titio Thomas, mas eu gosto mais de você. Não *quelo* mais *molar* com eles...

— Hum... lembra que a mamãe disse que voltaria por você? Mamãe voltou, nós duas vamos embora para um lugarzinho só nosso de novo.

— Eu *tô* com muita saudade de casa...

— Eu também, querida. — Não havia necessidade de entrar em detalhes com ela agora, dizendo que não iríamos para a nossa casa. Eu só queria me deitar ao seu lado e ouvir todas as histórias que ela tinha pra me contar, com toda certeza, deviam ser muitas!

A mulher que veio com ela e Jackson se aproximaram.

— Olha como você deixou sua mãe feliz, Milly. Ela estava tão triste...

— Eu sei, tio Jack, ela me ama de muito!

— Oi, Lara. Fico feliz em finalmente te conhecer. Ouvi falar muito sobre você.

Eu a olhei com atenção, mas não lembrava de onde podia conhecê-la.

— Nossa, você me parece familiar. Nós nos conhecemos?

— Estendi uma mão para cumprimentá-la com dificuldade, meu outro braço segurava Emilly no colo. *Jesus, como estava grande essa menina!*

— Meu nome é Sara, era comigo que Eric estava naquela convenção literária em Düsseldorf.

Eu não entendi mais nada!

— Então, você também é uma agente? Ele disse que seu nome era Keyla — comentei, lembrando-me da conversa entre Thomas e Eric.

— Bom, Thomas não podia saber a verdade — ela respondeu, sem graça.

— Vocês mentiram *pro* meu titio Thomas! — Emilly perguntou espantada, fazendo daquilo o fim do mundo.

— Acho melhor conversarmos sobre isso outra hora... — Jackson disse sorrindo, mexendo no cabelo da Emilly.

— Mas acho que não tem *poblema*, titio Thomas disse que tudo bem mentir de vez em quando...

Eu a olhei confusa, por que ela disse isso?

— Mentir é feio, querida. Nossa amiga Sara fez isso porque ela tinha uma razão muito importante, ela não fará de novo, não é, Sara?

— Mentir realmente é feio, Milly, tenho vergonha disso.

— Ah... *sélio*? Mas e se for só uma vez bem pequenininha assim? — Ela mostrou o quão pequena era, juntando o indicador e o polegar.

— Você quer me contar algo, princesa do reino gelado alemão? — perguntei, abaixando-me e a colocando no chão, ficando de joelhos para entender o que estava se passando na mente dela.

— É que meu titio Thomas me contou um *segredo*...

— Que segredo, querida?

— Ele disse que meu papai está vivo e ele é muito malvado... e que ele nunca quis me conhecer.. — ela disse tristonha. Ah, que maldito!

— Meu amor... não, isso não é verdade.

— Quando ele te disse isso, Milly? — Jackson perguntou preocupado.

— Hoje, a gente conversou de vídeo. Ele me deu um celular de *plesente*, então a gente se fala todo dia! Mas eu deixei o celular na casa da vovó. Podemos ir buscar depois?

— Mas, Milly, não é verdade... seu papai te ama muito — Sara falou.

— Ele disse que meu papai era *perigoso*, então *pa* ele sempre cuidar de mim, tia Louise ia colocar um *blilinho* no meu sapatinho *favolito*.

Vi os olhos do Jackson se arregalarem e ele soltou um palavrão que fez Milly brigar com ele.

— Esse sapatinho, querida? — perguntei rapidamente.

— Sim, e tá me incomodando, mamãe. Mas ele disse que eu tinha que usar e que eu não podia contar *pa* ninguém, então não conta *pa* ele que eu contei *pa* vocês, tá bom? Essa *mentilinha* pode, né?

Eu a peguei no colo, Jackson arrancou seus sapatos e achou o maldito rastreador no mesmo segundo que um grande estrondo soou perto de nós.

— Jackson! — gritei desesperada. Ele tomou a Milly de mim e gritou para que eu o seguisse, um tiroteio tinha começado, o barulho era altíssimo. Eu e Sara fomos juntos com ele. Corremos para os fundos da casa, seguidos por mais

três policiais. Emilly já chorava assustada. Jack a passou para mim e nós ficamos abaixadas atrás dele. Ele falava com alguém por rádio quando o muro da parte da frente da casa veio ao chão. Quando a poeira baixou, nós vimos uns sete carros com muitos homens armados vindo em nossa direção.

— O que faremos? — Sara perguntou ao Jackson.

— Eu não sei... eles são muitos! O reforço levará no mínimo cinco minutos para chegar. Porra!

Eu abraçava Emilly apertado, tinha muito pó ali, tossíamos sem parar. Ela chorava. Os homens começaram a avançar devagar enquanto trocaram tiros com os poucos policiais que haviam sobrado. Vi outro carro vindo rápido em nossa direção, ele parou derrapando um pouco a uma distância razoável dos carros dos homens que estavam tentando nos matar.

Eric saiu dele.

— Ah, o playboyzinho resolveu aparecer! Então eu estava certo... — Um deles se pronunciou, olhando enquanto Eric vinha na direção deles sem nenhuma arma aparente.

— SE VOCÊS QUEREM O DIMITRI E O ARQUIVO, TERÃO QUE RECUAR!

— E deixar seu único ponto fraco para trás? — O homem riu sarcástico. — NÃO VAI ROLAR!

— Se vocês sequer se aproximarem mais delas, tudo que fizeram durante esse tempo terá sido em vão.

— Tudo bem, mas elas vêm conosco como garantia e, quando tivermos Dimitri e o arquivo, vocês três sairão ilesos de lá.

O homem fez sinal e três homens voltaram a andar na nossa direção. Havia sobrado apenas Jack, Sara e mais um agente para nos proteger, não seria suficiente para contê-los.

— VOCÊ ACHA QUE EU ESTOU DE BRINCADEIRA, PORRA? ELAS FICARÃO AQUI!

Eles o ignoraram e voltaram a atirar, atingindo o outro agente na perna. Eu abracei Emilly com ainda mais força, tampava seus olhos, mas ela chorava e se debatia desesperada. Eric pegou uma arma de dentro da sua jaqueta e a apontou para a própria cabeça em uma tentativa desesperada de fazê-los recuar.

— THOMAS ME AVISOU QUE VIRIAM, EU DEIXEI DIMITRI E O ARQUIVO PRONTO PRA VOCÊS, VENHAM COMIGO AGORA OU EU VOU ME MATAR AQUI MESMO E VOCÊS NUNCA OS ENCONTRARÃO.

Os helicópteros e reforços começaram a se aproximar ao longe. Não achei que poderia me sentir pior, mas fiquei ao ver Eric ir direto para a boca do leão. O homem viu que não tinha saída e nem tempo para pensar com calma, ele deve ter percebido que Eric não estava blefando. Então, muito contrariado, começou a mexer com os braços, dando comandos aos seus homens.

— TODOS ENTREM NO CARRO! VOCÊ VEM COMIGO, SEU PEDAÇO DE MERDA! — o homem gritou.

Eric começou a andar depressa na direção deles e fez um sinal para o Jackson, eu não entendi, mas Jack entendeu.

— Não, não, não... — Jackson começou a ficar inquieto. — Não...

Tudo estava muito confuso para mim, com exceção de uma coisa: Eric estava nos salvando.

— Ele nunca perdeu a memória, não é? — perguntei para Sara, sem tirar os olhos do Eric, que finalmente tinha me olhado. Nossos olhares se cruzaram por poucos segundos, mas foram suficientes para eu vê-lo sibilar *“eu amo vocês”* e entrar no carro do homem, que quase tinha nos matado.



CAPÍTULO 18

Meu coração estava disparado. Os carros se afastaram, nós ficamos no mesmo lugar, o reforço tinha chegado e averiguava em volta da casa para ter certeza de que era seguro sair. Lavei o rostinho da Emilly, que estava perdida e muito assustada. Sara me ajudava com ela, tentando distraí-la.

Jackson falou no rádio para o helicóptero não segui-los, eu fiquei confusa. Vi os homens indo até o carro que Eric tinha vindo, eu deixei Emilly com Sara e corri até Jackson, que tinha uma carta na mão, ele começou a rir de nervoso.

Tinha mais cinco agentes do nosso lado e apenas eu avulsa tentando entender o que estava acontecendo. De repente, ele pegou o rádio e exigiu que mais dois helicópteros viessem ao local e simplesmente começou a organizar algo com os cinco agentes que estavam ali.

— Jackson, pelo amor de Deus, me diga o que está acontecendo!

— O que está acontecendo é que seu marido é um louco inconsequente, mas, ao mesmo tempo, é um gênio.

Enquanto falava, ia até o porta-malas do carro e simplesmente o abriu. Lá estava um homem, que eu julgava ser o tal Dimitri. Jackson continuava rindo, mas seu riso era de puro nervosismo.

— Sabia que aquele merdinha aprontaria pra cima de nós...

— Quem é ele? — perguntei, ignorando o que ele falava do meu marido.

— Dimitri é um físico brilhante que está há anos desenvolvendo uma arma química capaz de matar milhares de pessoas, silenciosamente. É uma arma química muito letal com um alcance jamais visto antes. Ele conseguiu inventar a arma mais perigosa do mundo, Lara... Nós achamos onde a arma estava sendo montada, agora conseguimos o físico e o projeto secreto, que explica como foi feita e como ela funciona.

— Jackson pegou o *pen drive* embaixo do tapete do porta-malas. Um agente tirou o tal Dimitri de dentro do carro, ele estava bem ferido. — Hum... Eric cuidou bem de você, não é? — Jackson disse pegando ele pelo braço e o observando.

— Jackson, podemos conversar? — perguntei aflita, eu precisava de respostas. Mas vi alguns carros chegando e os outros helicópteros.

— Infelizmente, não, Lara. Agora eu tenho que ir salvar a bunda do seu marido.

— Por favor, traga-o de volta! — supliquei.

— Faremos o possível. Ele deixou algo pra você no carro, está no banco do carona.

Eu dei a volta no carro e vi uma caixa branca, estava um pouco suja. Peguei-a e fui para casa, enlouquecida querendo abri-la. Mas Sara nem me deixou entrar, eu peguei Emilly no colo, que estava muito sentida e entramos dentro de um carro. Sara pegou as poucas coisas que tínhamos e entrou junto com a gente. Eu vi Jackson organizando tudo e logo eles saíram, junto com dois helicópteros e seis carros. Que isso fosse suficiente para trazer Eric de volta.



CAPÍTULO 19

ERIC RUSSELL

Aquele abraço... ah, aquele último abraço que ela me deu cortou meu coração em mil pedaços. Ela estava tão ferida, tão quebrada, e a culpa era toda minha. Eu a vi partir sem olhar para trás e sabia que, mesmo a magoando, tinha feito o certo por ela. Tentei ignorar a sensação no meu peito, a dor da despedida era forte demais, principalmente porque eu sabia que tinha grandes chances de eu nunca mais vê-la. Mas era isso; com ela ao meu lado, ganhei forças para fazer o que tinha que fazer. Ganhei mais lembranças e, por mais que ela me odiasse agora, se eu morresse, morreria em paz. Fiz o melhor que pude para mantê-las a salvo, ela saberá disso, principalmente depois de ver o que estava preparando para ela.

Naquele mesmo dia, o agente Kaleb voltou para a minha casa. Nós descemos até o porão e pegamos Dimitri, eu o mantive ali durante todo esse tempo. Antes do sequestro, eu fiz algumas modificações no porão, tornei-o à prova de som, era perfeito para manter Dimitri. Kaleb fez rondas na região junto de outros quatro agentes, ele entrou na casa duas vezes, não sei como Lara não o ouviu.

Nós levamos Dimitri em uma pista de pouso particular a duas horas daqui, pegamos um avião particular e voamos para os Estados Unidos, para Washington, mais precisamente. Eu lideraria uma equipe de dez homens a partir dali.

Sequestrei Dimitri na manhã do dia que Lara apareceu de surpresa na minha casa em Düsseldorf, eu sabia que estava sendo observado por eles, sempre fui, mas por ela? Não, fui pego de surpresa. Tentei fazê-la ir embora, tive que deixá-la aterrorizada, para que eles vissem que ela não significava nada para mim, mas eles resolveram usá-la contra mim de qualquer forma, então, quando eu os matei, para salvá-la em seu flat, as coisas ficaram às claras para eles: eu me importava com ela e não conseguiria provar o contrário antes que eles a pegassem de novo, e eu não podia deixar isso acontecer, então a levei comigo.

Kaleb levou Dimitri para essa casa na Noruega, foi arriscado, afinal, Thomas sabia da casa e ele também imaginava que eu havia pensado que, no segundo que ele

descobrisse que Lara estava comigo, ele viria ao nosso encontro. Entretanto, ele jamais imaginaria que eu correria esse risco. Escondi Dimitri no lugar mais óbvio, para não ser óbvio, ele sempre me subestimava, era arrogante demais. Fiz de tudo para enrolar meu irmão e meu pai, disse que só manteria Lara comigo até a situação com os asiáticos acalmar, afinal, eles podiam matá-la e agora ela era alguém ligada diretamente aos Russell. Como eles explicariam o sumiço dela para a mídia? E se tivessem provas de que eles a internaram ilegalmente?

Argumentei de todos os ângulos possíveis, eles também conheciam a impulsividade da Lara quando o assunto era eu, mas sabia que eles não compravam a história. Então, eu já esperava que meu irmão fosse aparecer para ver com seus próprios olhos como eu era quando estava com ela. Tentei o máximo que pude manter a mentira, para não correr o risco de tudo ficar transparente demais nos olhos da Lara, ela não era uma boa mentirosa, mas eu era. Ela precisava acreditar na vida que Thomas tinha criado para mim. Ele sabia manipular, e a conhecia bem demais; ele nos testaria de todos os ângulos. Então eu tive que ir fundo nessa mentira, apesar de não ter sido tão forte em todos os momentos.

Lara tinha se tornado uma mulher incrível, estava linda, cada segundo era um completo pesadelo para mim. Quero dizer, eu amava aquela mulher, ela era meu mundo, vê-la lutar

por mim com tanta garra e eu ter que causar tanto sofrimento a ela me matou por dentro. E, além de tudo, eles estavam com Emilly. Eu não iria pagar para ver do que eles eram capazes.

Por quase cinco anos, vi meu pai e meu irmão fazerem acordos em nome de poder e dinheiro, aliando-se a extremistas asiáticos que aniquilariam o próprio povo em troca do mesmo. A Terceira Guerra Mundial estava prestes a começar, se eu não estivesse ali para impedir. O que ninguém sabia, era que os asiáticos tinham feito o ataque ao navio que eu comandava, a mando do meu pai.

Eles tinham pessoas infiltradas no navio que, em uma desconfiança do porquê o pai queria eliminar o próprio filho, decidiram me salvar para saber o que meu pai escondia deles e tudo que eu sabia, a fim de usar as informações contra meu pai em futuro próximo, caso algo desse errado. Uma vez que eles faziam negócios, mas não confiavam um no outro.

Na verdade, eu não tinha ouvido nada, só sabia que usariam o meu nome para transportar algo no navio em um futuro próximo e não concordei, não quis nem saber o que era e os deixei falando sozinhos; e na mesma tarde, eu embarquei no navio.

Fui idiota o suficiente para manter segredo, queria pensar com calma no que faria em relação à proposta, eu não tinha provas contra eles e, também, eles eram minha família e minha esposa estava em casa sozinha esperando por mim.

Imaginei que teria ao menos três dias para pensar, que era o tempo que ficaria a bordo do navio, mas eles foram rápidos demais.

Hoje, eu sei que aquilo era só um teste, eles me conheciam bem demais para saber que eu nunca concordaria. Então já tinham pessoas engatilhadas, que assumiriam a liderança e que fariam tudo que quisessem.

Essa explosão acabou tomando proporções gigantescas, que, depois eu soube, nem eles queriam. O fogo atingiu partes do navio que não estavam previstas e, com isso, acabou com boa parte da tripulação, muitas vidas inocentes foram perdidas naquele dia. Para me tirar da cabine, as pessoas infiltradas disseram que queriam me mostrar um problema em uma parte do navio. Todos ao redor ficaram intrigados. Por que queriam mostrar ao comandante, algo que deveriam saber resolver e apenas reportar? Suspeitei, mas fui tolo, pensei que estaria salvando meus companheiros saindo de perto deles, mas foi o contrário e esse peso da culpa eu sempre carregarei.

Quando me contaram a história da explosão, disseram que eu mesmo tinha instalado a bomba. Isso me faz ter pesadelos, que me rendem muitas noites maldormidas, mesmo sabendo que era mentira, a culpa me corroía noite e dia. Antes de eles conseguirem me afastar o suficiente da cabine, eu entendi o que queriam fazer e reagi, nós brigamos.

Então, quando a explosão aconteceu, nós fomos jogados ao mar. Eles não sobreviveram, mas tinha pessoas preparadas para me resgatar em um barco de passeio que estava ali por perto. Só acordei dias depois e a única saída que achei para não morrer, foi fingir a perda da memória, era a única chance que eu tinha. Foi uma saída rápida, talvez estúpida, mas eu não tinha tempo para pensar.

Eles me torturaram por semanas antes de contar ao meu irmão e pai que tinham me “encontrado” no mar. Eles haviam decidido por mim que eu seria os olhos e ouvidos deles quando estivesse com a minha família, que também resolveu aproveitar da minha perda de memória, que foi totalmente aceitável após uma queda tão feia do navio e a tortura que sofri. Eu realmente acordei desnortado e o médico atestou que era possível. Por sorte, tudo ficou ao meu favor.

Até hoje não sei como sobrevivi. Entretanto, sabia que tinha uma razão maior para aquilo... Eles montaram minha vida, eram espertos; as provas e as histórias que me contavam se encaixavam totalmente. Além do mais, eu era um soldado feito para servir e cumprir missões sem questionar a origem delas, era isso que implantavam na minha mente durante os treinamentos que me deram nos anos seguintes. E minha família sempre teve as garras tão fixas nas minhas meninas, sempre a cercavam, com proteção, mantendo-as distantes da mídia, eles até fizeram Lara parar de usar nosso sobrenome

em nome da segurança dela. Eles as tratavam bem, apenas para manipulá-la.

Lara era uma mulher de família, foi bem-criada, cercada de amor e podia confiar cegamente na família dela, então consequentemente ela pensava isso da minha família também, ela pensava que o que eles faziam era para a segurança delas e eu entendia o porquê de ela aceitar. Eles fingiam bem.

Então, também só me restava aceitar que eu não as teria de volta. Só me restava deixar o mundo mais seguro para elas, porque que tipo de homem eu seria se simplesmente fugisse com elas? Sabendo que poderíamos morrer por aquela arma que, na época, ainda era um projeto? Que tipo de homem seria tão egoísta a esse ponto? A morte dos meus companheiros da marinha não poderia sair impune.

Eu podia fazer algo, custaria minha felicidade, a felicidade da Lara, mas jamais conseguiria dar o que ela merecia se simplesmente deixasse isso para trás. Se eu a fizesse se esconder, viver com medo o tempo todo não era para ela. Por fim, isso estava prestes a acontecer, mas de uma forma bem mais calma e mais preventiva do que uma real fuga.

Eu não via a hora de pelo menos vê-la de novo... seja para ela me atacar, ou me perdoar.

Só queria vê-la.

Tudo estava bem por ali, eu estava com Dimitri no local da arma, ele estava cooperando para que a desmontássemos com

segurança junto com outros especialistas no assunto. A cada hora recebíamos notícias de outras equipes, que também trabalhavam no caso, avisando que a missão estava sendo bem-sucedida. Aquilo era música para os meus ouvidos. Meu pai já estava preso, junto de outras pessoas do governo americano. Eles queriam aplicar um golpe arriscado, mas que renderia a presidência do país. A mídia do mundo inteiro não falava de outra coisa. Minha mãe também foi detida como cúmplice, seria interrogada para saber até onde ela sabia dos planos do filho e do marido. Eu não a vi depois da explosão do navio, mas nós já nos falamos por ligação, e, se ela sabia sobre mim, o que mais ela sabia? Agora só faltava meu irmão, esse era o que mais me preocupava. Ele era esperto demais...

Eu estava inquieto aguardando notícias quando meu celular começou a tocar, era um número não identificado, eu tive um arrepio na espinha.

Atendi no terceiro toque:

— *CIA, hein? Quem diria?* — Era Thomas, aquilo me enfureceu e me preocupou.

— Não sei por que a surpresa, sempre fui melhor que você... em tudo — provoquei, e ele riu.

— *Certo, certo... então você tem memória, que bom... eu estava um pouco em dúvida quanto a isso ainda, quero dizer, você sabe que eu fodi a sua esposa e nem ligou para isso. Talvez*

eu não tenha deixado explícito suficiente, mas foram três noites, três noites bem intensas de sexo que eu passei...

— Onde você está, irmão? — eu o cortei, não conseguia mais ouvi-lo. — Podemos ter essa conversa frente a frente, acho que seria mais interessante, não acha?

— *Não, não, infelizmente você estará muito ocupado em poucos minutos. Estão desmontando com facilidade a arma? Ela era bem bonita, não é?*

Olhei ao redor, tentando encontrar alguém nos olhando. As câmeras do lugar haviam sido todas destruídas. Fiz um sinal com a mão para que os agentes olhassem ao redor.

— Estarei ocupado com o quê, Thomas?

— *Que bom que perguntou, porque, cada segundo que passamos conversando, mais perto eles estão delas.*

— Do que está falando? — perguntei tentando não me exaltar, mas confesso que não consegui.

— *Hoje de manhã, foram buscar a Milly em casa, ela é uma boa garota, Eric. Você tem sorte.*

— O que você fez com a Emilly?! — gritei.

— *Acha que eu faria algo com ela? Que tipo de monstro acha que eu sou? Eu não faria nada, e Ivan só fará algo se você não cooperar com eles.*

Fiquei sem fala.

— *Emilly tem um rastreador no sapatinho favorito dela e ela me prometeu guardar segredo sobre isso — ele fingiu a voz*

e eu tive vontade de quebrar meu celular. — Eles estão a caminho da casa que ela está. Que sorte a sua, que é perto, não?

— Seu filho da puta!

— Você sabe que a CIA as levou pra lá, para garantir que você não fuja com Dimitri, não é, irmãozinho? E você também sabe que Ivan não sairá de lá sem o Dimitri e sem o arquivo. Então sugiro que coloque Dimitri no carro e vá ao encontro deles. A CIA não vai matar elas, mas o Ivan vai. Você até pode chamar reforço para proteger a casa, mas isso os fará ser mais e mais letais e você conhece a selvageria que os consome...

— Peça pra eles me...

— CORRA, ERIC! Nada vai impedi-los, a não ser você.

Desliguei a ligação, peguei minha arma e peguei Dimitri pelo pescoço, ele começou a gritar. Os agentes vieram.

— Sinto muito, mas terão que confiar em mim.

— Eric, você não vai levar ele — Kaleb respondeu, todos apontaram as armas para mim, eu deixei o corpo do Dimitri em frente ao meu, atrás de mim não tinha ninguém.

— Eles estão indo para onde elas estão. Estão a poucos minutos de lá. Eu estou perdendo tempo aqui!

Ele pediu para os agentes abaixarem suas armas, eles fizeram.

— Se você entregar ele agora, vamos perder quatro anos de trabalho! Pense bem, vamos a...

— Eu não vou perder elas! — Amarrei as mãos do Dimitri e coloquei uma espécie de touca no rosto dele e o coloquei no porta-malas. — Vocês podem tentar me impedir, mas eu não vou parar, por nada.

— Então, vamos achar outra saída — Kaleb argumentou, tentando me ajudar, deixou a arma no chão mostrando-me que estava ao meu lado. Eu me abaixei fingindo pegar algo no chão para disfarçar o sinal que alguém poderia estar nos vendo e ouvindo.

— Deixarei instruções no carro para o Jackson. Você precisa me seguir do jeito que conseguir sem que vejam, mas não por mim, faça para acabar com eles, entendeu? Vocês me prometeram manter elas seguras em troca deles, cumprirei minha parte. Faça a de vocês — sussurrei. — Peguem o porra do meu irmão agora, antes que ele estrague tudo!

Ele assentiu.

Na estrada, eu dirigi feito um louco. Quase bati o carro no mínimo três vezes. No porta-luvas, eu tinha deixado o que tinha preparado para Lara, eu pretendia ir para lá após terminar a desmontagem da arma. Pela primeira vez em anos, eu tinha esperança de que podíamos ser felizes, porque tudo estava indo bem... mas agora, eu já não sabia o que pensar. Eu deixaria a caixa dela ali no carro, junto com instruções claras para Jackson, que estava no comando da proteção delas.

Parei o carro alguns minutos antes da casa, escrevi rapidamente o que ele devia fazer e o que eu faria a seguir. Esperava que isso fosse suficiente... dirigi em direção a casa, vendo sete carros parados e muitos homens estraçalhando a casa que elas estavam, caralho! Desci do veículo e andei em direção a eles, não demorou para o Ivan me ver.

Depois de fechar o acordo com Ivan, vi Lara e Emilly tão assustadas, encolhidas atrás de Jackson, essa visão foi minha completa derrota. Nos últimos segundos, vi que os olhos da Lara estavam presos aos meus, eu sibilei que as amava, esperava que Lara tivesse entendido, porque, sinceramente, não acreditava mais que eu seria capaz de escapar da morte pela segunda vez.



CAPÍTULO 20

LARA CARVALHO

Nós chegamos a uma casa que, se Deus quisesse, era realmente segura. Emily dormia no meu colo; se eu a colocasse na cama, ela acordava chorando, assim como era quando bebê. Ela estava muito assustada e, honestamente, eu também. Fui com ela para uma cama e nos deitamos um pouco sujas mesmo, ela segurava minha mão fortemente enquanto dormia, eu fazia um carinho na sua cabeça e rezava baixinho, pedindo a Deus para guardar Eric e acalmar o coração da Emily.

Ela acordou e nós duas resolvemos ir tomar banho, nossas coisas já estavam dentro do quarto, inclusive a caixa que Eric havia deixado para mim. Minha curiosidade me corroía para abri-la, mas eu morria de medo do que leria ali. E Emily precisava de mim... Depois do banho, ela ficou esperta e foi

curiosa abrir a caixa. Nós a levamos para cima da cama e, antes de abri-la, eu segurei na sua mãozinha.

— Filha, você não precisa ter medo do seu papai. Ele é um homem bom, ele nos salvou...

— Então por que o titio Thomas mentiu?

— Eu não sei, filha. Eu não sei... mas seu papai, ele... — tive que parar de falar, porque eu ia chorar.

— Vamos ver, mamãe! — Ela também não se aguentava de curiosidade. Nós abrimos a caixa e eu imediatamente comecei a chorar, foi impossível me conter.

Emilly pegou uma foto pequena. Era Eric quando nos conhecemos, ele estava na praia. Ele amava o mar...

— É meu papai? — Fiz que sim a cabeça, olhando para a foto. — Ele é bonitão, mamãe. — Ri do seu jeito de falar.

— Ele é o homem mais lindo do mundo, filha.

— Por que ele nunca veio me ver, mamãe? — perguntou, triste.

— Ah, minha linda... adultos são complicados, seu papai quis dar uma de super-herói. Ele...

Eu não consegui mais falar, porque já sabia tudo que tinha acontecido. Não precisava que ele escrevesse uma carta ou que alguém me contasse toda a história. *Eu só sabia...*

Emilly me abraçou e limpou minhas lágrimas.

— Mas *agora* ele vai voltar, não é, mamãe? Agora ele nos *encontrou*, não é?

— Vamos pedir para o Papai do Céu, juntas, tudo bem? Para ele guardar seu papai de todo o mal.

Ela fechou seus olhinhos, juntou as mãozinhas em oração e pediu:

— Por favor, Papai do Céu, o Senhor *tilou* ele do mar, *tila* ele dos homens maus também, por favorzinho?

Eu, de olhos fechados, tentei conter o choro alto e implorei a Deus pela vida dele. Quando terminamos nossa oração, ela sentou do meu lado e me fez começar a ler em voz alta a carta que ele havia escrito. Estava bem explícito no envelope que eu não deveria olhar seus bilhetes primeiro, ele me conhecia muito bem...

Lara,

Não existem palavras suficientes para expressar o que esse momento significa. Eu não faço ideia em quais circunstâncias essa carta chegou às suas mãos, mas espero que você esteja a salvo, e desejo do fundo do meu coração, que eu esteja ao seu lado, implorando seu perdão. Mas, se eu não estiver, por favor, respire fundo, seja forte e siga as instruções que te passarem.

Você teve meu coração no segundo que eu pus meus olhos em você e eu sei que não se arrepende de ter me conhecido, não fique de consciência pesada por ter me dito isso.

Perdoe-me por ter feito a maioria dos nossos últimos dias juntos, tão horríveis. Eu precisava te afastar, mas eu sabia que você via nos meus olhos o quanto eu queria e precisava ter você por perto, a prova disso era você não acreditar em nenhuma palavra que eu dizia, fui um péssimo mentiroso, não é? Ter você, por inteira, nesses dois dias, me destruiu. Porque só me fazia lembrar o quanto minha vida era perfeita e eu simplesmente tinha jogado tudo isso fora... eu queria ter sido egoísta, Lara. Quando olho para trás, eu penso: tinha que ser eu a sacrificar tudo?

Mas então, eu pego uma pequena foto sua, vejo o quanto a Emilly tem um futuro brilhante, porque ela tem uma mãe incrível ao seu lado, então eu apenas sei: tinha que ser eu. Me perdoe, meu amor, por sacrificar nossa vida juntos por isso, mas eu jamais me perdoaria se tivesse sido diferente...

A essa altura você deve saber que eu menti muito durante todos esses dias, mas espero que me entenda. Em cada segundo que passamos juntos, eu quis te contar toda a verdade, mas eu sabia que, se eu fizesse isso, você nunca me deixaria ir. E a Emilly não merece perder os dois pais.

Diga a nossa garotinha que eu a amo, mesmo nunca tendo a conhecido. Vocês duas precisam saber que eu pensei em vocês em cada momento nesses últimos quase cinco anos. E saiba que, se meu último suspiro chegar, é em vocês duas que eu irei pensar.

Por favor, seja forte, por mim, por Emilly. Eu confio em você, Lara. Você é mais forte do que pensa e será mais feliz do que imagina se você se permitir. Se eu partir, não fique presa a um fantasma. Eu sei que você me amou mais que tudo nesse mundo e eu te amei também, mas você merece mais e, talvez, eu não seja capaz de te oferecer isso.

Eu te amo, com toda minha alma. Você e a Emilly são meu mundo.

Com todo meu amor,

Seu Eric Russell.

P.S.: Agora você pode ler os bilhetes, espero que eles substituam a dor que eu lhe causei durante esses dias. Alguns estão muito improvisados, mas eles foram a forma que encontrei de desabafar sem desmoronar na sua frente.

Eu não li tudo perto da Emilly. Por sorte, logo no início, Sara entrou no quarto para falar algo e viu o que estávamos fazendo, então inventou um jogo com a Milly, para que eu pudesse fazer isso sozinha. *Como ele podia sugerir que eu seguisse em frente, se...* Meu coração doía tanto, que me faltava o ar. Peguei o primeiro bilhete, estavam todos bagunçados e fora de ordem, ele realmente os fez de forma improvisada. Escreveu em comprovantes de compra de supermercados, em guardanapos, em folhas rasgadas e um pouco amassadas...

Quando ameacei te matar, eu jamais faria isso, mas isso acabaria acontecendo e seria por minha culpa, indiretamente, eu teria te matado. E eu jamais me perdoaria por isso.

Quando apontei a arma em sua direção, assinava minha sentença de morte. Você sempre foi minha vida, Lara, e fazer isso com você acabou comigo, espero que um dia me perdoe.

Quando te falei que você não significava nada para mim, na verdade, eu dizia que você era o meu mundo. Foi tudo por você.

Todas as vezes que eu te afastava, meu coração ia com você, eu só queria te manter viva. Você era tudo que Emilly tinha...

Quando encontrei aqueles dois homens no seu flat, eu quase morri ali mesmo. Eu queria que você fosse embora, mas tive que usar todo meu autocontrole para não demonstrar o quanto estava aliviado que você estava indo comigo.

Eu acabei de dizer que te traía, foi uma das coisas mais difíceis que fiz na vida. Mas foi só uma tentativa de te manter distante. Eu não sabia quanto mais aguentaria ficar longe de você. Eu não era tão forte assim...

Tem algumas horas que você saiu correndo da minha casa, assustada com o que eu tinha acabado de insinuar que faria, que eu a mataria se não fosse embora. Seu olhar foi como um tiro no meu peito, Lara. Agora estou no que restou da minha casa, eu nem vi quando quebrei boa parte dos meus móveis... Eu sinto muito...

Há alguns minutos, você me disse que tinha gostado do que tinha visto da Noruega, eu só consegui lembrar a primeira vez que estive aqui e de como eu queria que você visse tudo que eu via...

Quando induzi você a pensar que eu desconfiava de você, nunca quis que pensasse que eu a subestimava... você é capaz de tudo, Lara. Você é a minha maluquinha... É por isso que eu tive que manter minha mentira até o final, porque eu sabia que você jamais desistiria de mim e me seguiria cegamente por onde quer que eu fosse, e isso não é vida para vocês.

Quando você me chamou de comandante, horas atrás, eu fui surpreendido com uma tonelada de lembranças. Tive que sair da casa o mais rápido possível, porque, naquele momento, senti que iria desmoronar na sua frente.

Quando Thomas enforcava seu pescoço, eu sentia a sua falta de ar. contei os segundos, tentando ser racional, ele só queria me testar, ele jamais te mataria. Mas correr esse risco, eu fui muito horrível... Lara, eu nunca vou merecer seu perdão. Mas saiba que eu jamais deixaria ele ir até o final. Jamais...

Você está dormindo tranquila ao meu lado, eu vi você sorrir durante o sono. Talvez você nunca saiba, mas você restaurou minha alma nessa noite. Há tanto que eu queria te contar, Larinha...

Foi tudo por vocês.

Minha família tomou Emilly de você, porque não fui capaz de me manter longe o suficiente quando ficamos no mesmo lugar. Eles queriam me testar e me punir. Me perdoe.

Sofri todos os dias sentindo sua falta. Eu ouvia sua voz, sentia seu cheiro, seu amor... O que me mantinha em pé, era a ideia de que, um dia, talvez eu a teria nos meus braços de novo.

Seu coração sempre foi grande demais para esse mundo, Lara. Obrigado por tê-lo entregado a mim e me perdoe por tê-lo machucado tanto, você merece muito mais.

Fiz as pazes com Deus, porque, por um tempo, eu só tive ele. Tatuei "Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo" porque Ele me fez acreditar que eu ainda podia ter chances de voltar pra você.

Foi tudo por vocês.

Durante anos, vi meu irmão ficando cada vez mais próximo de vocês e, quando ele te expôs daquela forma, eu não sabia quem eu odiava mais, a ele ou a mim mesmo por ter permitido que isso acontecesse. Não se sinta culpada, Lara. Você não sabia de nada... Mas, quando você beijou aquele homem na boate, eu percebi que não estava nem um pouco preparado para te ter por perto e receber suas provocações. Eu só pensava em socar a cara dele e te arrastar para fora daquele lugar. Eu sentia tanto a sua falta....

Seu sorriso iluminava e assombrava minhas noites, porque eu ficava desesperado, querendo empacotar minhas coisas e ir atrás de você, mas eu não podia.

Estamos no quarto da pousada, você finalmente dormiu, mas eu não consegui. Eu me tranquei no banheiro, tentando me recompor. Está doendo, Lara, ter você tão perto e não poder

sequer te abraçar, está acabando comigo. Eu preciso ser forte por você, mas me perdoe se eu falhar.

Me perdoe.

Conforme eu ia lendo os bilhetes, mais eu chorava, porque era ele, era o meu Eric e eu o deixei sem olhar para trás, enquanto tudo que ele fazia era para me manter a salvo. Que homem cabeça-dura! Mas ele estava certo, nada me convenceria do contrário, eu o seguiria cegamente para onde quer que ele fosse e não, talvez eu não fosse capaz de esconder do Thomas a verdade. Deitei-me na cama e me encolhi, chorando, desejando com todo meu coração que ele voltasse e que, aquele último abraço, que eu ainda podia senti-lo, não fosse realmente o último.



As horas se passaram, eu mostrei a Emilly os bilhetes, ela fingia ler. Deu a hora de dormir, eu estava tão exausta, que desmaiei ao lado de Emilly quando tentei fazê-la dormir, mas acordei durante a madrugada e a casa estava silenciosa, preferi ficar deitada ao lado da minha filha.

Quando o dia amanheceu, ainda não tínhamos notícias e aquilo foi me deixando mais e mais inquieta. Conversei um pouco com Sara, ela me contou algumas histórias engraçadas que me distraíram. Inclusive, contou-me algo que me fez admirar ainda mais Eric. Não foi a CIA que o encontrou, a CIA nem sabia que ele tinha sobrevivido, ele que foi se entregar. Ele sabia que não podia me contatar, pois isso me colocaria ainda mais em risco. Então foi propor um negócio com a CIA em troca de proteção para nós duas. Chegou cheio de marra e exigências, enfrentou pessoas poderosas e, na maioria das vezes, Sara disse que não sabia se o admirava ou se o mandava interná-lo. Era a cara do Eric uma coisa dessas...

Foi um pouco repentino, era um pouco mais de duas da tarde quando três homens chegaram e pediram para conversar comigo a sós. Nós nos sentamos na mesa da cozinha, eu estava com medo do que ia ouvir, até que eles começaram a jogar informações:

— Lara, sei que agora não é uma boa hora, mas aqui está seu novo documento, junto da sua filha. Eles são originais, não fique com medo de usá-los. Já providenciamos uma casa em Gold Coast na Austrália, e...

— Espera, vocês vão nos mandar para Austrália? — perguntei, atordoada.

— É um país que está neutro em toda situação que estamos vivendo, você fala inglês e sua filha também. A casa é

ótima, lá é o lugar que vocês chegarão mais perto de uma vida normal pelos próximos cinco anos.

— Cinco anos? — o choque em minha voz e expressão eram evidentes.

— Esse aqui será seu novo celular, você não pode trocar de número e de aparelho, já tem um chip próprio da região onde irá morar. Quando decidir ou precisar trocar de aparelho, você pode contatar a Sara. Você pode ligar para a sua família, mas nunca informar sua localização, muito menos enviar fotos a eles que pode indicar onde estão, afinal, é o seu celular que é protegido, não o deles.

Fiz que sim com a cabeça, atordoada.

— E Eric, alguma notícia?

— Infelizmente ainda não.

— Como assim, o Jackson ainda não retornou? Ele foi com um monte de agentes em busca do meu marido, eles foram pegos?

— Jackson deu notícias, Lara. Apenas não encontrou seu marido ainda.

Aquilo foi um soco no meu estômago.

— Quando iremos?

— Agora. Precisamos sair em vinte minutos para o aeroporto.

— Não, não, eu não saio daqui sem saber do Eric! — gritei, ofendida por ele pensar que...

— Talvez as coisas não saiam como planejamos, Lara. Vocês precisam ir!

— Mas...

— Você tem sua filha para se preocupar, nós temos centenas de agentes cuidando da situação. Por favor, coopere conosco. Vocês irão de um jeito ou de outro.

— Mas... minha família, eu... eu não posso ir sem saber se...

— Sua família ficará bem, e sobre Eric, você terá notícias em breve, eu prometo...

— Mas e se... e se ele morrer? Eu preciso ficar aqui e...

— Você não poderia enterrá-lo de qualquer forma, Lara. Por favor, vá arrumar suas coisas.

Tenho certeza de que eles notaram minha reação, porque reviraram os olhos no mesmo segundo e se levantaram. Sara veio ao meu encontro.

— Você deve ir, Lara.

— Você tem noção de quanto tempo eu fiquei separada dele? O quanto eu estou com medo de...

— Eu sei, eu sei. Eric contou centenas de histórias, mas acredite em mim, você precisa ir. Por Emilly.

Assenti, derrotada. Ela ganhou a batalha quando colocou Emilly no meio, eu já tinha arriscado demais nessa história, eu não podia mais falhar com ela. Então, para deixar Emilly mais confortável, dei-lhe mais um banho rápido, fiz uma

trança no seu cabelo e arrumei nossas poucas coisas, colocando-as numa mesma mala e indo com os agentes.

Nossos passaportes eram americanos, eles nos levariam em um avião particular até Los Angeles e lá eu pegaria um voo direto para Sidney e depois outro para Gold Coast. Um agente nos acompanharia por todo caminho, mas ele seria discreto. Seria mais de 24 horas para chegarmos até nossa nova casa. Com tanto tempo de voo, eu não saberia como suportaria ficar sem notícias. Mas eles não me deram opções.

No voo, eu e Emilly assistimos vários desenhos e filmes, ela cochilou várias vezes durante o caminho, eu também. Estávamos na classe executiva, era muito confortável. Eu me permiti dormir, porque, cada vez que eu fechava os olhos, eu o encontrava e ele sussurrava que nos amava.

Quando chegamos a Gold Coast, o agente veio falar conosco e nos levou até a casa. Deu-me instruções claras do que faríamos a seguir. Primeiro de tudo, precisava decorar todos os dados dos meus novos documentos. Acostumar Emilly ao seu novo nome: Julie. E, claro, o meu: Jessica. Nossos passaportes tinham o visto permanente, provavelmente, um acordo com o governo daqui. Eles providenciaram uma conta bancária e me entregaram o cartão de débito e crédito, eu poderia pesquisar escolas para matricular Emilly assim que eu me sentisse confortável e confiante com isso.

Tinha um carro na garagem, ele me deu as chaves e disse que o documento estava no porta-luvas. Após o monólogo sucinto, ele perguntou se eu tinha alguma dúvida, eu disse que não, mas que queria ter notícias do Eric. Porém, ele não sabia de nada ainda...

Quando ele foi embora, eu e Emilly fomos explorar a casa. Três quartos grandes em cima, todos mobiliados, a casa era equipada, mas não tinha identidade nenhuma. Era uma casa boa, mas não tinha cara de lar. Ao abrir a janela do que seria meu quarto, pude ouvir o mar e sentir a maresia. Fechei os olhos e sorri... eu podia tornar ali o meu lar.



Sete dias se passaram, eles simplesmente me abandonaram. Não me respondiam quando eu perguntava do Eric e isso me afundava em um mar de incertezas. Em busca de distração, eu e Emilly fomos conhecer a região, ela amava passear comigo. Só ela para conseguir me distrair dessa forma... nós compramos alguns brinquedos e coisas que deixariam a casa mais a nossa cara. Decoramos seu quarto com um jogo de cama de princesas, ela estava encantada.

Eu comprei um notebook e muitos livros, eu sentia muito por ter que abandonar um pseudônimo e minhas leitoras dessa forma, recomeçar não seria nada fácil, mas, bem, essa era a minha vida agora. Eu estava começando do zero tudo em minha vida, então, por que não um novo pseudônimo e, quem sabe, um gênero diferente?

— Mamãe, por favorzinho, vamos à praia, *por favorzinho, inho, inho?*

— Está ventando muito, Emilly!

— Mas só pra eu brincar naquela areia fofinha. — Ela juntou as mãozinhas e fez beicinho; se eu dissesse não, ela iria chorar.

Não era como se eu tivesse algo para fazer, de qualquer forma. Trocamos de roupa, estava ventando, mas não estava frio. Poderíamos molhar as pernas e eu sabia que ela não iria embora se não fizéssemos isso. Levei em uma bolsa plástica, o celular, duas toalhas, um livro, um agasalho para Milly, caso demorássemos, e uma garrafinha de água. Emilly levava um baldinho com alguns brinquedinhos de praia.

Saindo da nossa casa, atravessamos a rua e entramos em uma trilha muito bem-feita que nos levava à praia, em uma descida que levava uns dez minutos, com os passinhos pequenos da Emilly. Em volta da trilha, tinha muitas árvores, era muito verde, o ar era puro, eu gostava dali.

Essa praia não era movimentada, eu podia ver parte dela da janela do meu quarto, não era a melhor praia de Gold Coast, claro, mas passei a gostar muito dali. Era um lugar reservado, as casas ficavam bem distantes umas das outras, seria um pouco complicado para fazer amizades, mas para mim era perfeita.

Eu e Emilly andamos de mãos dadas na beira do mar, molhando nossas pernas. Uma onda quase a derrubou; depois que passou seu susto, ela riu. Nós nos sentamos na areia e ela começou a fazer *pratinhos de comidinha*. Eu olhava para o mar, pensando quando aquela angústia finalmente terminaria, quando Emilly cutucou meu braço.

— Mamãe... acho que é o papai ali atrás.



CAPÍTULO 21

ERIC RUSSELL

Para sobreviver durante esses anos, eu fiz coisas horríveis, mas eu só visava a recompensa: voltar para Lara e Emily. Nunca medi esforços, mas, se eu não sobrevivesse, pelo menos tinha que fazer o possível para mantê-las a salvo, por isso eu não me arrependia de nada do que tinha feito até o momento.

Quando eles se deram conta de que eu os enganava, coisa que não demorou muito, eles me apagaram e acordei em uma espécie de cabana, sentado em uma cadeira de madeira com os braços amarrados nela na parte de trás, sem ideia nenhuma de que horas eram ou quanto tempo tinha se passado. Ali, eu vi que não adiantava ter mais esperança, eles tinham homens demais em volta, sabia que meus companheiros poderiam contê-los, mas também sabia que não seriam rápidos o suficiente para matá-los antes de me matarem. Só me restava

torcer para que Kaleb estivesse mesmo me seguindo e que eles conseguissem eliminá-los por completo.

— Você tem ideia do quanto nos custou, Eric? Seu filho da puta! Aquelas loirinhas não perdem por esperar. Eu vou estripar sua mulher ao meio, Eric. E sua menina, ah, aquela garotinha vai sofrer as consequências de tudo que você nos fez perder!

— Você nunca irá encontrá-las.

— É mesmo? Então, você vai mesmo correr o risco?

— Eu não tenho mais o que fazer, Ivan. Dimitri e o *pen drive* já estão com a CIA, a arma já está desmontada, vocês perderam. Não adianta me ameaçar, você podem me matar.

— Você desistiu, não é mesmo? Que bom, vai morrer lentamente, enquanto me escuta falar tudo que vou fazer quando eu colocar as mãos naquela delícia de mulher, você sabe, né, tenho uma queda por loiras, e você tem um ótimo gosto. Ou talvez eu te deixe viver para assistir o que farei com ela. É, sim, acho que será bem mais gostoso desse jeito. Ela gosta de plateia, Eric? Como é mesmo o nome dela? — Ele se abaixou ao meu lado para sussurrar provocativo: — Lara — falou lentamente seu nome.

Eu perdi o controle da minha raiva; em um ato rápido, mordi com muito nojo a orelha dele, arranquei pedaço dela e cuspi no chão. Ele gritou enfurecido enquanto outro homem veio para cima de mim, eu chutei a arma dele para longe e me

levantei rápido, girando com força para bater a cadeira de madeira nele e quebrá-la, deu certo, mas um tiro no meu ombro me fez cair.

Escutei a gritaria de discussão entre eles, o barulho tinha sido alto, eu morreria, mas, pelo menos, por causa do barulho do tiro, a CIA nos encontraria e eles sabiam disso, então, decidiram acabar logo comigo. A dor, que já era insuportável, ficou pior quando Ivan começou a me chutar, descontrolado, selvagem.

Dois homens me colocaram de pé e, com a perda de sangue, eu já não tinha muita força. Defendi-me como podia, mas meus braços ainda estavam presos para trás. Os socos vieram com força, eu me tornei a diversão deles por alguns momentos, me bateram tanto que senti quando minha costela foi quebrada. Ivan apertou meu ferimento de bala me fazendo gritar, faltou pouco para eu implorar para ele parar, mas, quando um tiroteio começou, eu consegui sorrir em provocação.

— Te vejo no inferno, Ivan.

Ele gritou enfurecido e me deu uma coronhada tão forte, que desmaiei em seguida.



A claridade me incomodava, meu corpo parecia pesar uma tonelada. Abri meus olhos com dificuldade e vi Jackson dormindo na cadeira perto de mim. Eu tinha um gosto horrível na boca, mas me forcei a falar:

— Ei, Jackson.

Ele acordou meio sonolento e sorriu.

— A *princesa* acordou... — falou provocativo. Tentei rir, mas todo meu corpo reclamou.

— Como elas estão?

— Estão bem. Estão seguras... — Ele sorriu, parecia aliviado. — Tudo deu certo, irmão. Missão concluída.

Olhei para o teto, fiquei alguns minutos em silêncio absorvendo a notícia, parece que um peso gigantesco saiu dos meus ombros.

— Agora é só a *princesa* melhorar... tá doendo muito? — ele perguntou, tocando o meu ombro com seu indicador.

— Vai se foder, Jack!

No fim, nós dois rimos.

— Cara, tem certeza? Todos foram pegos? Inclusive, meu irmão?

— Todos. Finalmente acabou, Eric.

— Os superiores não estão querendo me matar?

— Querer eles sempre quiseram, não é? Mas você está livre agora, seu novo documento já está pronto. Você cumpriu sua parte no acordo, eles também estão cumprindo a deles.

— Onde iremos ficar?

— Melhor eu não falar aqui, mas depois quero uma carta por escrito em agradecimento. Sugeri um lugar que será um paraíso para você.

— Mas tem que ser bom pra Lara também... falando nela, você acha que...

— Cara, não precisa nem perguntar. Honestamente, vocês dois se merecem. Nenhum dos dois mediou consequências para ir atrás do outro. Quero dizer, onde aquela maluca conseguiu um passaporte falso? E pior, como ela teve coragem de usá-lo?

Eu ri, mas meu corpo reclamou de novo, então parei.

— Mas, cara, não se preocupe com o que a Lara irá fazer, vai dar tudo certo.

— Eu não sei... eu menti tanto pra ela.

— Apesar de eu não concordar no início, você fez o certo. Mantê-la distante, fazê-la te odiar, foi necessário para ela cooperar conosco e também manter a mentira. Ela não te deixaria se soubesse que você estava fazendo tudo por ela.

— Mesmo tendo escrito a carta. Eu pensei em não entregar a ela... pensei em deixá-la me odiando, para ser mais fácil pra ela seguir em frente, caso eu morresse. Mas ela não merecia viver achando que foi tudo uma mentira, sem ouvir as coisas que eu tinha pra falar. Acho que isso seria pior para ela...

— Cara, tenho certeza de que ela vai chorar o mar inteiro quando te ver. Então, fique bom logo, ok?

Fiquei em silêncio por alguns segundos, sentindo a paz de uma missão concluída. Contudo, ao mesmo tempo, algo queimava em meu peito. Eu queria olhar nos olhos do meu pai e irmão e mostrar todo meu desprezo, queria vê-los atrás das grades, finalmente detidos e humilhados, queria ver o sangue deles nas minhas mãos! Estava furioso pensando neles, mas quando pensei em minha mãe, eu não queria vê-la. A mágoa era grande demais para sequer olhá-la.

— Eu quero ir vê-los — declarei.

— Eles já estão sendo encaminhados para uma prisão longe daqui, não receberão visitas por um longo tempo.

— Eu não sou visita, Jack! Eu preciso disso, eu preciso me vingar de alguma forma e...

— Eles sabem que estão presos por sua culpa, quer vingança melhor que essa? — ele me cortou, sendo firme. — Você precisa descansar e voltar para a Lara e Emilly.

— Você mais do que ninguém sabe o quanto eu perdi, por culpa deles, eu preciso disso!

— Então não perca mais, Eric. Você venceu! E acha mesmo que Thomas iria para a cadeia sem antes tomar uma surra? Assim você me ofende!

Fui obrigado a rir nesse momento, negando com a cabeça.

— Você já teve sua vingança, Eric. Todos os seus colegas sabem o que ele fez, não só com você, mas com o mundo. Ele vai sofrer, todos eles irão. Sei que nada trará os anos perdidos de volta, mas você precisa seguir em frente, você esperou tanto pelo momento de conhecer sua filha, por que atrasar mais? Eles não valem a pena.

— Eu sei, eu sei. Eu acho que não aguento esperar mais também. Lara já sabe que sobrevivi?

— Não, não estamos autorizados a dar nenhuma informação sobre você.

— Ela tá sem notícias nenhuma? — perguntei, preocupado.

Ele assentiu.

— E onde ela está?

— Ela chegou hoje de manhã na casa que vocês irão ficar.

Tentei me sentar, na mesma hora uma enfermeira entrou no quarto e me impediu.

— Eu preciso ir encontrá-la, agora! Ela deve estar...

— Você não vai, Eric — ele me cortou.

Continuei tentando me sentar, vi quando o curativo do meu ombro começou a aparecer um pouco de sangue, então

parei.

Eles me deram remédios para a dor, fizeram-me entender que eu teria que esperar pelo menos mais dois dias no hospital, no mínimo. Eu tinha fraturado uma costela, levado um tiro no ombro, três pontos no supercílio e meu corpo ainda se recuperava da surra que havia levado. Eu tinha manchas roxas espalhadas por várias partes do corpo. Contudo, dois dias eram tudo que eu aguardaria para vê-las, não mais que isso.

No fim, acabou levando mais tempo, porque eu não podia imaginar que elas estavam na Austrália. Viajei com muita dor, nada que ninguém falasse poderia me impedir de ir, então todos apenas me desejaram sorte e me fizeram uma proposta que não fui capaz de recusar...

Apenas quando eu estava no avião, a ficha realmente caiu. Pensei em tudo que passei e não acreditei que estava a caminho de encontrá-las. Pensei em quanta sorte eu tive, em quantas chances Deus tinha me dado, mesmo eu não merecendo.

No aeroporto de Gold Coast, tomei um banho, escovei os dentes e tentei ficar o mais apresentável possível. Sentia muita dor, o tempo todo, mas nada me impediria de vê-las agora. Tinha um agente me esperando com meu novo carro e as chaves da casa.

Lara não tinha ideia que eu estava chegando, meu coração batia tão rápido e eu estava tão ansioso, que estava com medo de não conseguir ficar de pé quando as visse. Ainda no aeroporto, tinha uma pequena loja com lembranças e algumas flores, peguei dois pequenos buquês, um de flores bem coloridas para Emilly e um de rosas vermelhas para Lara. Eu ensinaria minha filha como um homem devia tratar uma mulher, e passaria o resto da minha vida me redimindo com a minha mulher se ela me permitisse.

Dirigi até o endereço da casa, tinha um carro na garagem, devia ser o dela, mas a casa estava silenciosa. Abri a porta, chamei-as, mas elas não estavam. Já tinham decorado um pouco a casa, eu reconhecia o gosto da Lara em alguns objetos de decoração. O quarto da Emilly já tinha brinquedos, e no da Lara, que em breve eu esperava que fosse nosso, já tinha seu cantinho de escrita e alguns livros. Da janela, pude ver a praia e sentir a maresia. Nossa, eu precisava mesmo agradecer ao Jackson! Como o carro estava aqui, e Lara deixou as roupas jogadas em cima da cama – ela sempre foi um pouco bagunceira –, acreditava que elas não tivessem ido longe. Talvez estivessem na praia.

Tranquei a casa e fui em direção à praia com os dois buquês na mão. Chegando à praia, tirei os sapatos para andar na areia, nossa, há quanto tempo eu não fazia isso? Não demorei a localizá-las e, devo confessar, nada que já passei na

vida me preparou para o sentimento que me dominou. Fiquei alguns minutos ali observando elas brincar, e enquanto isso, um filme passava na minha mente, de tudo que passei até agora, desde as coisas horríveis até os momentos incríveis que passei com aquela mulher, aquela maluquinha que virou minha mente e me fez amar loucamente. E, droga, eu tinha certeza de que por elas eu iria muito além!

Não fazia ideia quanto tempo fiquei as observando, mas vi que Emilly me notou e me reconheceu, então eu me aproximei um pouco mais, com o coração batendo a mil por hora, sem realmente acreditar que eu finalmente conheceria minha filha. Desde o segundo que soube da gravidez, sonhei com esse dia. Mas nunca realmente acreditei que ele chegaria, corri muitos riscos, eu acordava sem saber se viveria até o fim do dia. Parte minha sempre acreditou; e a outra, sempre dizia para não se iludir. *Será que ainda estou sonhando?*

Vi Lara olhar para trás assustada, ela se levantou e notei que estava tremendo e emocionada. Quando elas deram as mãos, a ficha realmente caiu. Fiquei emocionado, porque era real: eu tinha vencido, eu tinha sobrevivido para viver aquele dia.



CAPÍTULO 22

LARA CARVALHO

Olhei para trás no mesmo segundo, vendo-o de pé a uns cinco metros de nós. Seu rosto estava muito machucado. Mas, poxa vida... era a melhor visão que eu poderia ter. Fiquei de pé e pedi a mãozinha da Emilly, eu tremia sem parar. Emilly olhou para mim e eu sorri para ela.

— Papai do Céu ouviu nossas orações, minha doce menina.

— Será que ele... ele sabe meu novo nome?

Eu ri, Eric sorriu.

— Por que você não vai até lá e se apresenta pra ele?

Ela foi devagarzinho até ele, eu o vi comprimir a boca para segurar o choro. Aproximei-me um pouquinho, podendo assim vê-lo melhor, ele chorava muito.

Quando ela terminou de se aproximar, ele se abaixou para ficar na altura dela.

— Oi. Meu nome é Emilly, mas, na verdade, agora é Julie.

Ele riu, limpando as lágrimas do seu rosto.

— Será que eu posso te dar um abraço, Emilly?

Vi ela mexendo a cabeça, indicando que sim. Eu só conseguia imaginar o que ele sentia naquele momento. Tentei segurar a emoção, a gratidão que eu sentia por esse momento e, não, eu não conseguia, era forte demais. Ele fechou seus olhos, acho que nem ele acreditava que esse dia finalmente tinha chegado. Eu simplesmente sentia todo seu amor por ela ali.

Quando ele a soltou, ela parecia um pouco encabulada, então ele não quis forçá-la.

— Eu... hum, meu nome é Eric, mas, na verdade, agora é Brian.

— Muito prazer... mas será que eu posso te chamar de papai? Eu sempre quis ter um papai, e você veio para ficar, não é?

Ele colocou a mão na boca e, em seguida, limpou as lágrimas. Eu sorri, emocionada.

— É claro que eu quero que você me chame de papai, Milly, é tudo o que eu mais quero. E sim, se sua mamãe me perdoar, eu nunca mais sairei do lado de vocês.

Ele olhou para mim, mas depois voltou a olhar para ela, entregando-lhe um dos pequenos buquês que tinha na mão.

— Esse é pra você, minha pequena princesa.

— O outro é da mamãe?

— Sim... o outro é da mamãe. Eu posso falar um pouquinho com a sua mãe?

— Pode falar um tantão assim, olha! — Ela indicou o tanto, esticando seus bracinhos o máximo que pôde. — Eu vou ficar aqui terminando as comidinhas.

— Combinado, depois eu posso jantar com vocês?

— Claro, você será meu convidado de honra.

Ele sorriu e se levantou, mas ficou no mesmo lugar. Emily veio até mim e depois deu a volta para trás de mim, empurrando-me para ir falar com ele. Nós dois rimos.

Quando eu cheguei até ele, pude ver o estrago que tinham feito nele. Ele tinha olheiras profundas e pontos nos supercílios. Mas ainda assim, estava perfeito... Oh, Deus, muito obrigada!

— Lara...

— Não diga nada... — pedi, em meio a um sorriso cheio de lágrimas. — Você não precisa me pedir perdão, você... eu...

Eu não conseguia falar. Acho que nem ele...

— Se mesmo depois de tudo, você ainda me quiser, eu vim pra ficar.

Coloquei a mão no seu peito, sentindo seu coração acelerado. Pedi sua mão e coloquei no meu coração. Ele sorriu.

— Eu pertenço a você, e você pertence a mim. Não existe outro lugar no mundo pra nós, Eric.

— Eu pensei que nunca mais fosse te ver... — sussurrou em confissão, seu tom de voz me deixou ainda mais abalada.

Eu o abracei, ele me envolveu nos seus braços. Eu podia sentir suas lágrimas caírem nos meus ombros, assim como as minhas encharcavam sua camisa branca. Eu não conseguia soltá-lo, não conseguia afastá-lo, mas queria olhar nos seus olhos. Devagar, ele moveu sua mão para o meu rosto e segurou meu queixo, olhou-me nos olhos, ali eu vi todo o amor que ele sempre sentiu por mim, ali eu vi que aquele homem caminhou sobre o fogo por anos para nos salvar. Nos seus olhos, eu reencontrei a paz. Então, quando seus lábios tocaram os meus, foi o reencontro das nossas almas, que haviam sido separadas anos atrás e que estavam tão quebradas, mas que agora encontraram seu caminho de volta.

Eu o abracei mais uma vez, ele gemeu de dor, mas, em seguida, sussurrou:

— Quase não acredito que esse dia finalmente chegou.

Emilly veio até nós e cutucou nossas pernas, eu não o soltei, apenas fiquei de lado para que pudéssemos prestar atenção em Emilly.

— A comidinha tá *plonta*... vocês podem ir comer agora.

Eric me entregou um buquê pequeno de rosas vermelhas, eu sorri. Ele segurou minha mão e nós seguimos Emilly até onde ela brincava e nos sentamos, ele se sentou com muita dificuldade, estava muito machucado. Nossa garotinha deu um

pratinho para mim, um copinho para o Eric e pegou um para si mesma. Ele olhou para ela e depois para mim, sorrindo, eu fiz o mesmo.

Não precisávamos dizer em palavras, eu sabia que a mesma sensação que estava em mim estava em Eric. Pura e cristalina paz, finalmente estávamos em casa.



Cinco anos haviam se passado, cinco maravilhosos anos. A família tinha aumentado, agora tínhamos um pequeno australiano de três anos chamado Noah, era lindo, saudável e sapeca. Emilly agora tinha nove anos. Era uma mocinha esperta que amava cuidar do irmão. E como eu sempre imaginei, Eric era um ótimo pai para ambos e, claro, continuava sendo um ótimo marido.

Finalmente estávamos voltando para o Brasil, de novo seria uma perda, porque simplesmente amávamos nossa vida ali em Gold Coast, mas eu já não aguentava de saudade da minha família. E para vê-los pessoalmente, precisávamos voltar a nossa real identidade. Passaríamos dois meses no Brasil, sentindo muito calor humano, com meus amigos e família.

Depois voltaríamos aos Estados Unidos, pois meu marido havia recebido uma proposta irrecusável. Ele voltaria a ser comandante na marinha, estava animado com a ideia e eu simplesmente amava tudo que o fazia feliz, porque sabia o quanto a marinha significava para ele.

Os fantasmas do passado ficaram no passado, eram só lembranças dolorosas que não eram visitadas com frequência. Nosso amor amadureceu e se fortaleceu nesses anos, meu conto de fadas se consolidou. Às vezes, tínhamos brigas intensas, mas éramos loucos um pelo outro, então o sexo de reconciliação era sempre outro nível. Ninguém era perfeito, mas acho que, como casal, chegávamos bem perto.

Nós estávamos indo com muitas bagagens para o Brasil, minha família já tinha preparado um churrasco animado para a nossa festa de boas-vindas, seria na minha casa que tinha ficado fechada durante todo esse tempo, mas durante toda a semana eles se juntaram para arrumar a casa para a nossa chegada.

Eu veria Bia e Suzy novamente, meus pais, minha irmã e o namorado dela, que agora eu amava, e também o meu sobrinho que eu não tinha conhecido, Samuel, de três anos também. Rafael fazia Gabi feliz e era um ótimo pai, então eu o perdoava por ter sido um tranqueira no passado. Seria engraçado ver Noah e Samuel interagindo, já que o português do Noah era horrível e Samuel não falava nada de inglês. Nós

até tentamos ensinar português ao Noah, mas até Emilly agora tinha um pouco de sotaque ao falar o idioma. Mas eu sabia que nada disso importaria, minha família tinha muito amor para dar e, com certeza, encontraríamos nosso jeitinho de fazer dar certo.

Depois de pegarmos nossas malas, já no Rio, saímos no desembarque e entramos no táxi em direção à nossa casa. Eric estava feliz, fazia muito tempo que não vinha ao Rio. Emilly observava ao redor curiosa, mas eu sabia que estava um pouco triste por deixar seus amigos, sabendo que não voltaríamos a ter contato. Para Noah era tudo festa. E, para mim, era uma nova aventura. Quando paramos em frente à minha casa, Eric observou em volta, com certeza imaginando os anos que vivi ali sozinha com Emilly.

— É uma casa bonita — ele comentou.

O taxista nos ajudava a tirar todas as malas quando eu vi minha mãe e meu pai se aproximando. Corri até eles abraçando os dois de uma vez.

— Oh, meu Deus... que saudades de vocês! — Eles choravam, eu chorava.

Quando olhei em volta, minha irmã e minhas amigas também choravam, era um chororô engraçado que fez todo mundo rir. Falar por vídeo nunca seria a mesma coisa que sentir o calor, o amor que só um abraço poderia causar.

— Bem-vinda de volta, mana — Gabi disse ao me abraçar.

— Nem acredito que estou aqui com vocês de novo.

— Eu que não acredito que teu marido ficou ainda mais bonito, caramba, hein, Lara — Bia falou dando risada, todo mundo riu.

Eric falava português também, aprendeu na marra muitos anos atrás, antes mesmo da explosão.

Vi meus pais abraçarem meus filhos emocionados e não entenderem uma palavra sequer que Noah dizia, mas eles não se importavam.

Quando ambos pararam em frente ao Eric, os vi abrir um sorriso.

— Eu já te disse isso, mas preciso dizer de novo... — minha mãe começou. — Eu tenho muito orgulho de você, do homem que se tornou e só tenho a agradecer por cuidar tão bem da nossa família.

Ela o abraçou apertado, vi-o fraquejar um pouco na postura, emocionado. Afinal, ele passou tudo aquilo por nós. Quando toda a missão acabou, os nossos nomes foram expostos na mídia e a história toda foi contada abertamente, a CIA não conseguiu conter tudo, só conseguiu bloquear nossos rostos para manter nossa segurança. Eric e algumas pessoas que trabalharam intensamente no caso, perderam muito durante a missão, afinal foram longos anos.

O povo americano se sentia em débito com eles. Alguns deles aproveitaram de algumas vantagens que surgiram;

aqueles que não tinham muito a perder, e outros, como Eric, resolveram atender a sugestão de afastamento por cinco anos até que tudo fosse realmente seguro. Outra equipe continuou investigando para ver se surgiriam pontas soltas, mas, graças a Deus, o caso realmente tinha sido encerrado.

Por outro lado, Eric voltaria para a Marinha e seria homenageado perante toda a nação, junto com pessoas que também batalharam nessa e em outras missões que salvaram muitas vidas. O país inteiro faria um minuto de silêncio pelas mortes que ocorreram naquela explosão, Eric estava nervoso, porque perdeu muito naquele dia. Mas ele sabia que não conseguiria seguir no anonimato, se quisesse voltar para a Marinha; era um preço que estava disposto a pagar para voltar ao que ele mais amava depois da sua família, então eu o apoiaria nessa jornada. Afinal, ele fazia o mesmo por mim com os meus livros, ouvindo minhas ideias, lendo meus textos, dando sugestões e, em breve, iria me acompanhar em eventos. Já que ele não seria mais anônimo, eu também não seria.

Eu e minha família ficamos horas conversando, rindo de coisas que aconteceram durante a vida e meu coração estava explodindo de alegria. Era bom demais comer a comida da minha mãe novamente. Quando todos foram embora e Noah e Emilly tinham dormido, eu e Eric também estávamos moídos de cansaço, e um pouco bêbados pelas cervejas que tomamos

ao longo do dia. Mas ele se sentou no sofá, eu sentei de lado no colo dele e deitei meu rosto no seu pescoço.

— Qual a sensação de estar em casa novamente? — ele perguntou.

— A mesma que eu tinha quando estava em Gold Coast com você. Minha casa é você.

Afastei-me um pouquinho para olhar seu rosto, ele sorria.

— Eu gosto muito de estar aqui, mas honestamente, não vejo a hora de ir para os Estados Unidos.

— Por quê?

— Eu preciso voltar a servir. Quero chegar em casa após um dia produtivo, fardado, e ver seu sorriso e olhar safado. Acho que eu ainda fico bem fardado, não acha? — perguntou provocativo, ele sabia o que vê-lo de farda me causava.

— Com toda certeza, comandante. Também estou animada para te ver fardado. Só de imaginar, eu...

— Você? — Eu mudei minha posição em seu colo, deixando uma perna de cada lado do corpo.

— Só de imaginar, eu já fiquei excitada. Será que você pode me ajudar com isso, comandante?

Ele riu, segurando minha cintura e me puxando contra ele.

— Tudo por você.

Ele me beijou, sorrindo. Levantou-se comigo no colo e nos levou para o quarto, trancando a porta. Naquela noite, ele fez amor comigo. Eu podia dizer que foi perfeita como todas as

outras vezes, mas a verdade é que cada vez era especial de uma forma diferente.

Eu não tinha o poder de prever o futuro, a vida sempre era incerta para todos, mas, apesar de tudo, eu tinha uma certeza: não existia lugar no mundo para nós dois, que não fosse juntos.

Éramos duas almas reconstruídas que se amavam incondicionalmente, com um laço eterno, dois filhos maravilhosos e uma vida inteira, cheia de amor e companheirismo pela frente.

Ele caminhou no fogo por mim, eu arrisquei tudo por ele; e, pelo resto de nossas vidas, pagaríamos o preço por termos sido tão valentes. Com a bênção de Deus, viveríamos felizes para sempre.

FIM



AGRADECIMENTOS

Se você chegou até aqui e está com um sorriso no rosto, meu muito obrigada vai para você. Mas também vai para você que não está sorrindo agora, que não gostou tanto da história. Você me deu uma chance lendo esse livro e eu sempre serei muito grata por isso!

Quero agradecer também as minhas amigas Carla Santos e Thais Alves, que embarcaram em mais uma aventura comigo, fazendo a revisão de texto e a capa, deixando o livro, na minha humilde opinião, perfeito. Haha. :D

A história de Lara e Eric surgiu de uma forma engraçada. Ela veio de um poema que eu tentava escrever em homenagem a um ator que eu amava e morreu. Eu estava ouvindo a música *Thinking of you*, da Katy Perry, quando a

ideia do livro surgiu. Confesso que tinha outros planos para a história, mas não sou conhecida por ser muito organizada. □

Espero, de coração, que tenham gostado e torço para que vocês sintam um amor tão forte e valente quanto o dos protagonistas.

Com carinho,
Lety Friederich



BIOGRAFIA

LETY FRIEDERICH

Maria Letícia, ou Lety Friederich como é conhecida, nasceu em 1995 no Paraná, mas foi criada no interior de São Paulo. Divide seu tempo entre ser escritora, mãe de um príncipe chamado Marcelo e sempre que pode vai explorar o mundo. Ama filmes, livros e séries, em especial romance, fantasia, sobrenatural e suspense.

Começou a escrever em 2015, enquanto enfrentava uma fase difícil na vida. Descobriu na escrita um refúgio seguro e, através dos livros, conquistou a liberdade que sempre sonhou em ter.

REDES SOCIAIS

Fanpage:

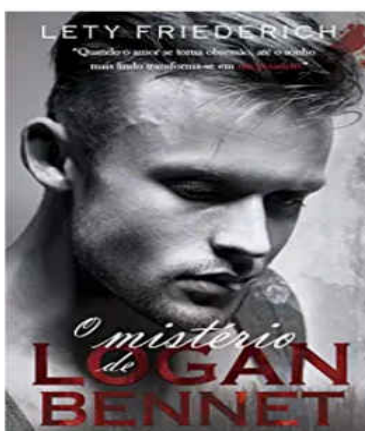
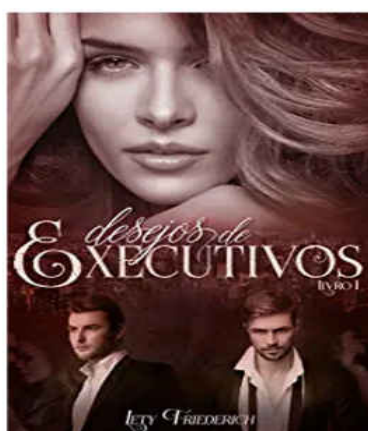
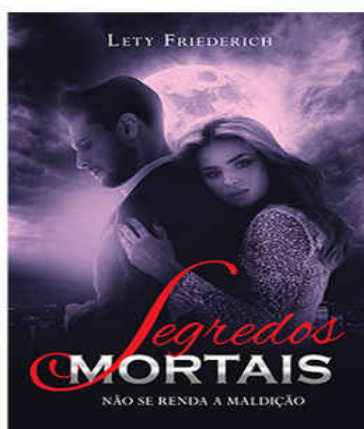
Lety Friederich

Instagram:

@letyfriederich



OBRAS



amazon  kindleunlimited